

**PRICILLA FARINA SOARES**

O discurso da violência sistêmico-simbólica e sua replicação nos  
memes de humor da fanpage Diva Depressão

**Pelotas**

**2013**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**O discurso da violência sistêmico-simbólica e sua replicação  
nos memes de humor da fanpage Diva Depressão**

**Por  
Pricilla Farina Soares**

*Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Letras,  
área de concentração Linguística Aplicada,  
da Universidade Católica de Pelotas, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Mestre em Letras.*

**Orientadora:** Profa. Dra. Raquel Recuero (PPGL/UCPEL)

**Linha de Pesquisa:** Texto, Discurso e Relações Sociais

**Pelotas, novembro de 2013.**

## AGRADECIMENTOS

A todos do Programa de Pós-Graduação em Letras da UCPel, por me acolherem de forma tão especial e por acreditarem na relação entre as áreas de Linguística Aplicada e Comunicação Social como uma forma de contribuição para os estudos acadêmicos.

A todos os professores que me repassaram não só conhecimento e vontade de buscar na pesquisa respostas para o meio que nos envolve, mas também me fizeram crescer como ser humano.

À minha orientadora, Raquel, que com muita paciência, objetividade e carinho me fez – e me faz-, desde a graduação ter vontade de continuar pesquisando. Obrigada por toda dedicação e confiança.

Aos meus pais, Antônio e Antônia, que sempre se dedicaram a proporcionar a mim e a meu irmão não só uma educação de qualidade, mas também o prazer em buscar o conhecimento. A eles que me permitiram escolher, e dentro das minhas escolhas, tornar-me responsável por elas.

Ao meu irmão, Pedro Henrique, por ser sempre meu grande companheiro e me ajudar com seus debates, questionamentos, sugestões, correções e apoio.

Ao Rafael, por me acompanhar em mais esta etapa, sempre me ouvindo, apoiando e tornando meus momentos de estudos mais proveitosos. Obrigada, acima de tudo, por me entender e ter sempre o abraço que preciso.

Por fim agradeço a todos os amigos e familiares que acompanharam meus estudos sempre com muita expectativa, me incentivando e, muitas vezes, contribuindo diretamente para minha pesquisa.

Obrigada!



*“O mundo é desigual e eu estou rindo disso” (Antônio Prata)*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo o estudo do discurso da violência sistêmico-simbólica presente nos memes da fanpage do Facebook, Diva Depressão, a fim de analisar a legitimação e a disseminação da violência mascarada pelo humor. O intuito é discutir o que são memes, como eles se projetam em sites de redes sociais e qual a ligação que o discurso da violência sistêmico-simbólica, implicada nos comentários e apropriações das ferramentas do site analisado tem com estes memes. O trabalho tem como finalidade buscar como se dá a legitimação deste discurso, como as trocas conversacionais e as novas estruturas de linguagem formadas através de apropriações do ambiente online influenciam na perpetuação de uma violência mascarada, que estigmatiza e que coloca os sujeitos estigmatizados num lugar de senso comum, e que acabam virando alvo de piadas que são propagadas através de imitações, no caso, dos memes. O foco da pesquisa são, portanto, os memes e, conseqüentemente a violência discursiva presente nestes memes, que pode ou não ser ocasionada de forma proposital e que pode fazer surgir novas formas dos sujeitos de relacionarem em suas trocas conversacionais, basicamente através de um tipo de humor que implica a presença desse discurso violento e estigmatizador. Os cinco memes com mais curtidas, comentadas e compartilhadas do mês de janeiro, cada um com um tipo ou mais de estigma existente e marcado na fanpage, serão analisados a partir da Análise do Discurso Mediada pelo Computador. Uma nova forma de compreender a propagação da violência simbólica foi levada em consideração, assim como seu ambiente de interação.

**Palavras-chave:** violência sistêmico-simbólica; redes sociais; fanpages; CMDA; humor.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Exemplo de postagem da fanpage Diva Depressão .....	29
Figura 2- Comentários da postagem anterior apresentando um microcontexto dentro da caixa geral de comentários .....	30
Figura 3- comentários podem ser respondidos diretamente ao usuário, sem precisar taggeá-lo. ....	34
Figura 4: perfil da página Diva Depressão .....	93
Figura 5: Diva Depressão do Twitter, com visualização disponível direto da página do Facebook. Link disponível em: www.facebook.com/DivaDepressao/app_173507912666342 (Acesso em outubro de 2013). ....	94
Figura 6: Instagram da Diva Depressão com visualização direta na página do Facebook. ....	94
Figura 7: Meme da fanpage Diva Depressão .....	102
<b>Figura 8:</b> Meme da fanpage Diva Depressão .....	103
Figura 9: Meme da fanpage Diva Depressão .....	104
Figura 10: Meme da fanpage Diva Depressão .....	105
Figura 11: Meme da fanpage Diva Depressão .....	106
Figura 12: Postagem 1 a ser analisada. Fonte: Diva Depressão. ....	108
Figura 13: Postagem 2 a ser analisada.. Fonte: Diva Depressão. ....	109
Figura 14: Postagem 3 a ser analisada. Fonte: Diva Depressão. ....	110
Figura 15: Postagem 4 a ser analisada.Fonte: Diva Depressão. ....	111
Figura 16: Meme com violência contra desacreditados. Fonte: Diva Depressão.....	113
Figura 17- Comentário que propõe o oposto do que o meme está colocando na fanpage Diva Depressão. ....	115
Figura 18- Comentário reafirmando a ideia anterior, de que ricos também gostam de poupar.....	115
Figura 19- Exemplo de comentário em que a pessoa também propõe a ideia de que ricos podem adorar a palavra “grátis”. ....	115

Figura 20- Comentário sem a presença da apropriação de risadas, demonstrando maior seriedade.....	116
Figura 21- Comentário legitimado por dois sujeitos, demonstrando que há mais seriedade na linguagem decido a falta de risadas ou deboche.....	116
Figura 22- sujeito se coloca na posição de Diva, de emissor da mensagem. ....	116
Figura 23- Comentário no qual o sujeito se coloca numa posição superior aos demais, concordando de forma irônica com o meme da fanpage.....	116
Figura 24- Enunciado que expressa opinião contrária à proposta da postagem.....	117
Figura 25- Assim como o comentário anterior, o comentário mostra que o sujeito não se identifica com a ideia da postagem. ....	117
Figura 26- Com a apropriação do “kkk”, expressando risada, o comentário demonstra uma certa tolerância à postagem. ....	117
Figura 27- Comentário legitimando a postagem e se colocando no lugar do sujeito estigmatizado. ....	117
Figura 28- Comentário no qual o enunciado legitima a carga de humor que a postagem deseja passar. ....	117
Figura 29- Aliado à apropriação da linguagem utilizada na internet, com a risada é possível identificar que também há legitimação quanto a postagem da Diva Depressão .....	118
Figura 30- Usando uma expressão enunciativa que carrega o humor, o comentário também confirma a posição estigmatizadora proposta pela Diva. ....	118
Figura 31- Comentário contextualizando o discurso da postagem através da imagem do meme. ....	118
Figura 32- Emoticon demonstrando indignação.....	119
Figura 33- Comentário demonstrando aversão à postagem e aos comentários que legitimaram o meme e se referiram especificamente a ela.....	119
Figura 34- Comentário feito com a apropriação da hashtag por meio do símbolo "#". .	119
Figura 35- Comentário reafirmando o estigma de gênero. ....	120
Figura 36- Comentário masculino legitimando a postagem e estigmatizando a figura da mulher. ....	120
Figura 37- Comentário que não concorda com a postagem e trata o discurso de imposição da beleza com seriedade. ....	120

Figura 38- Comentário se opondo à postagem e questionando os padrões de beleza. O comentário teve cinco curtidas que legitimaram o enunciado.....	121
Figura 39- Mesmo tipo de comentário da Figura 39, que rejeita e estigmatiza o corpo magro em prol de um corpo com curvas. ....	121
Figura 40- Comentário que discorda do meme proposto que impõe um padrão de corpo que causaria inveja. ....	121
Figura 41- Além de discordar do discurso presente no meme a pessoa debocha daquelas que se vangloriam por serem magras. ....	122
Figura 42- Comentário responde àquela pessoa que estigmatizou o corpo de quem é magro.....	122
Figura 43- Comentário mais agressivo em resposta a quem discordou da postagem da fanpage Diva Depressão.....	122
Figura 44- Respostas a quem discorda do meme reafirma que estas não passam de invejosas. ....	122
Figura 45- Legitimação da postagem e legitimação do comentário são evidenciadas através das curtidas. ....	122
Figura 461- Neste comentário o sujeito discorda e ressalta que brincadeiras precisam "ter ética", e fala de falta de respeito pelo alvo do humor ser um homem, que conforme é apresentado no meme, é cego. ....	126
Figura 472- A pessoa que comentou não viu graça na postagem e considerou péssima a brincadeira. O comentário não recebeu nenhuma curtida. ....	127
Figura 483- Pessoa questiona os motivos que levaram aquela que não concordou com a postagem a curtir a página de humor. O comentário teve 44 curtidas. ....	127
Figura 494- O comentário refere-se à pessoa que fez o comentário da Figura 62, desqualificando-a perante os demais.....	127
Quadro 1: Técnicas de humor propostas por Berger (2012): .....	87
Quadro 2: domínios de linguagem propostos por Herring (2001, 2012). ....	91
Quadro 3: postagens analisadas com o número de curtidas, compartilhamentos, comentários e os grupos estigmatizados mascarados pelo humor dos memes.....	99

## SUMÁRIO

RESUMO .....	5
Introdução.....	11
Capítulo 1: Redes sociais online.....	14
1.1 O que é uma rede social? .....	15
1.2 Redes sociais na Internet .....	17
1.3 Tipos de redes sociais na Internet .....	20
1.4 Laços sociais .....	21
1.5 Capital social.....	22
1.6 Polidez .....	24
1.7 Contexto em sites de redes sociais .....	26
1.8 Facebook.....	31
Capítulo 2: Memes .....	36
2.1 Duração e perpetuação de um meme .....	38
2.2 Memes na Internet.....	40
Capítulo 3: Violência .....	46
3.1 Contexto histórico da violência.....	48
3.2 A sociedade e seus rituais de sistematização da violência .....	52
3.3 O Estigma e a Violência .....	57
3.3.1 Faces Estigmatizadas .....	58
3.4 Tipos de estigma .....	61
3.5 Símbolos de estigma.....	63
3.6 Violência e sociedade- construção cultural .....	64
3.7 Indivíduos como depósitos culturais .....	65
3.8 Violência Simbólica .....	67
3.9 Bourdieu e Zizek: violência marcada pela linguagem .....	75

3.10 Violência em sites de redes sociais .....	76
Capítulo 4: Humor .....	80
4.1 O humor está em todo lugar .....	82
4.2 Categorias do humor .....	86
5. O discurso da violência sistêmico-simbólica em memes da fanpage Diva Depressão .....	88
5.1 Métodos .....	89
5.2 Análise .....	92
5.3 Memes .....	97
Referências: .....	141

## Introdução

Quem utiliza com frequência sites de redes sociais, ou que apenas tem acesso frequente a blogs e sites de informação pode perceber que muitas são as postagens ligadas ao humor, com a intenção de tornar o dia-a-dia de quem trabalha o dia inteiro, estudantes, crianças e adultos que circulam pelo ambiente online um pouco menos denso, mais leve, e com maior probabilidade de riso. Mas para quem também utiliza estas redes com frequência é perceptível que o tipo de humor que circula de um grupo social para outro pode muitas vezes vir sim carregado do riso, mas também carregado de outras características que nos passam despercebidas e que vão pouco a pouco entrando em nossas vidas como algo do senso comum, da normalidade.

Quantas vezes não nos deixamos rir por uma piada que envolvesse a falta de habilidade feminina para determinada situação classificada como propriamente masculina? Ou quantas vezes não nos pegamos concordando com representações de identidade e modos de agir do negro, do pobre, do muito gordo ou do muito magro. Rimos, nos divertimos, e seguimos replicando a piada, a repassando a outras pessoas, que também provavelmente irão rir dela. Só que a reflexão em torno do discurso que o humor carrega, aquilo que ele permite porque é visto como um tipo de discurso superior, muitas vezes não acontece.

Por estar inserida em redes online, aonde o humor vem cada vez mais carregado de um tipo de violência que não é necessariamente física, que não doi e não deixa marcas, mas que constrange, e que incita que algumas classes sociais se coloquem acima de outras – fazendo com que esses grupos usados como alvos das piadas, sejam quase sempre grupos já estigmatizados culturalmente há anos- que o interesse em pesquisar a violência sistêmico-simbólica (Bourdieu, 1989; Zizek, 2009), um tipo de violência imbricada nas relações de poder entre grupos sociais e que acaba por construir o que consideramos a nossa realidade, e a sua relação com o humor online, chamou minha atenção.

Apropriar-se de uma plataforma ou de um ambiente e interagir nele significa representar-se para si e para um número infinito de usuários, que absorvem e repassam discursos e atribuições linguísticas que significam e que são colocados na rede. Com a

facilidade de disseminação de um número grande de discursos nos sites de redes sociais, entender como a violência mascarada pelo humor ocorre e como ela se legitima pode ser relevante para que se compreenda o que acontece nas trocas conversacionais e o que isto influencia na construção ou reafirmação de parte da realidade estabelecida pelos sujeitos.

O Facebook<sup>1</sup> tem somente no Brasil mais de R\$ 76 milhões de usuários<sup>2</sup>, e é considerado o segundo país com mais usuários que entram diariamente no site<sup>3</sup>. O site de rede social já foi alvo de pesquisas sobre a influência da rede em crianças e jovens adultos<sup>4</sup>, atestando que os jovens sofrem mudanças psicológicas, tornando-se pessoas com mais manias, mais anti-sociais – apesar da interação mediada- e também, mais agressivas.

Sites como o Facebook disseminam diariamente determinadas cargas de informações e significados, e que por isso mesmo acabam ajudando a perpetuar certos discursos ou, de alguma maneira, atentando para discursos que podem ser mudados. As forças de coerção social para que os grupos possam se colocar dentro de estruturas simbólicas estipuladas por meio de uma cultura que é construída socialmente, repassada de pessoa para pessoa, como um meme, também se apresentam no Facebook. Memes são informações ou dados que vão sendo repassados de cérebro para cérebro, disputando espaço de armazenamento através do que Dawkins (1979) chamou de replicadores culturais. Meme pode ser um slogan, palavras, gestos, ou expressões. O termo e suas implicações serão discutidos no capítulo dois do trabalho. No Facebook existem páginas de humor, com diferentes cargas de humor e técnicas para motivar o riso que se utilizam delas para isso, e uma destas páginas é a fanpage Diva Depressão<sup>5</sup>, criada em 2012 e que apresenta um discurso que fala através dos memes e que vai sendo reproduzido por imitação, de um usuário a outro. Para Susan Herring (2001) o discurso acontece por meio da interação dos sujeitos, e é através do discurso que os comportamentos sociais vão sendo construídos. Herring (2001) analisa o discurso

---

<sup>1</sup> [www.facebook.com](http://www.facebook.com). O Facebook é um site de rede social criado por Mark Zuckerberg que será abordado no capítulo um, sobre Redes Sociais Online, no presente trabalho. Acesso em janeiro de 2013.

<sup>2</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/08/1326267-brasil-chega-a-76-milhoes-de-usuarios-no-facebook-mais-da-metade-acessa-do-celular.shtml> Acesso em 20/08/2013

<sup>3</sup> <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-facebook.html> Acesso em 15/09/2013

<sup>4</sup> <http://www.apa.org/news/press/releases/2011/08/social-kids.aspx> Acesso em setembro de 2013.

<sup>5</sup> [www.facebook.com/DivaDepressão](http://www.facebook.com/DivaDepressão) Acesso em março de 2013.

mediado pelo computador levando em consideração a construção de sentido dos enunciados através das trocas conversacionais, do ambiente e da comunicação textual, que ajudam a disseminar discursos que surgem durante a interação. No caso da fanpage, muitas vezes este discurso, que deveria conter uma carga de humor, acaba também trazendo certos estigmas (Goffman, 2008) velados e constrangimentos que se deixam passar por se tratar de humor.

A pesquisa propõe-se, portanto, a selecionar memes humorísticos no Facebook que contenham estigmas para identificar se há a legitimação da violência sistêmico-simbólica nas trocas conversacionais, e as implicações que esta legitimação ou não traz na produção de discursos no ambiente online.

O macro-objeto é o site de rede social Facebook, onde serão analisados os comentários e as curtidas decorrentes das postagens com memes, assim como o entendimento da legitimação ou não destes memes e uma reflexão sobre esse processo interacional que pode continuar mantendo certas estruturas discursivas mesmo em ambientes onde a linguagem sofre modificações, onde o contexto se torna difuso e as relações sociais são processadas mais rapidamente.

Pretende-se analisar, pelos comentários gerados durante a interação ocorrida nestas postagens, até que ponto os usuários da rede percebem esse humor violento direcionado e como a interação em sites de redes sociais e suas apropriações influenciam neste processo. Para isto, pretende-se buscar certos padrões de técnicas de humor (Berger, 2012) e disseminação deste humor violento, como acontece frequentemente no caso dos memes (Dawkins, 1979), que facilitam a identificação de um grupo social e dão legitimidade aos discursos nas trocas conversacionais. O ambiente online, bem como as trocas ocorridas neste ambiente será analisado de forma observacional.

O primeiro capítulo da pesquisa analisa os conceitos de redes sociais e redes sociais na internet, bem como as apropriações imbricadas nestas redes, no capítulo dois o conceito de meme é analisado, assim como todo seu alcance e visibilidade em sites como o Facebook. No capítulo três a violência será abordada a partir de uma mistura do conceito histórico e inato ao ser humano, por meio da condição social de cada sujeito, e sua construção simbólica (Benjamin, 1999; Lebrun, 2008. Arendt, 2009), que ocasiona

através do poder de determinados grupos um discurso violento e estigmas que se perpetuam através da linguagem. O estigma (Goffman, 2008) e suas representações também serão abordados, para que posteriormente o conceito de humor e suas técnicas sejam compreendidos no capítulo quatro, apresentando uma ligação do humor com a violência simbólica. Para a análise dos memes, no capítulo cinco, o método abordado será a Análise do Discurso Mediada pelo Computador (Herring, 2001, 2012), que vai permitir a compreensão dos níveis de interação dos atores sociais, como estes sujeitos percebem o humor, se há legitimação deste humor violento, e se a violência simbólica e estigmatizadora é percebida no processo de interação social. As reações dos sujeitos analisados serão levadas em consideração, como já foi dito, a partir dos comentários feitos nas postagens.

Identificar os motivos e como o humor carrega o estigma e, conseqüentemente, a violência simbólica que acaba afetando todo um grupo social, pode evidenciar como a própria sociedade, fora do ambiente online, está se comportando, e como, no ambiente online, parte da sociedade pode ou não querer desmistificar preconceitos e estigmas, travestindo-os por qualquer outra definição que não a da violência, como o próprio humor, através de uma linguagem construída no ambiente online, para usuários que estabelecem suas redes sociais no Facebook. Perceber até que ponto a sociedade sabe do que está rindo pode influenciar a maneira com as quais ela mesma se relaciona e constroi a sua realidade.

## **Capítulo 1: Redes sociais online**

Apesar de o termo redes sociais ter se tornado mais conhecido por causa da propagação de sites onde as pessoas criam perfis de si para interagirem com diferentes grupos, em diferentes graus de intimidade e aproximação, as redes sociais não estão somente na internet. Cada grupo social ao qual um indivíduo está inserido, por opção ou ocasião, são redes sociais que vão se formando em seu cotidiano. Além das redes sociais que são construídas durante toda a vida de forma presencial, com a internet a possibilidade de expandir relacionamentos e de se apropriar de ferramentas que auxiliam a comunicação desde que se saibam quais ferramentas utilizar, alterou a forma como cada sujeito usa sua própria linguagem, apropria-se de novas formas de discurso e interage com inúmeros grupos sociais.

Neste capítulo é abordado o conceito básico de rede social, e a rede social mediada pelo computador e construída por softwares que juntam uma série de grupos e pessoas em uma só plataforma, com a intenção de comunicar, de falar e se expressar. Em seguida são discutidos os tipos de redes existentes e algumas das apropriações e características próprias das redes sociais na internet, como os laços sociais construídos entre os atores sociais, capital social, polidez e contexto, para em seguida falar especificamente do Facebook.

### **1.1 O que é uma rede social?**

Termo que surgiu da sociologia, Barnes (1987) foi um dos primeiros pesquisadores a conceituar e utilizar o conceito de rede social, que consiste na visão das relações sociais entre sujeitos a partir de nós e laços. O termo foi cunhado em 1954 e o pesquisador estudou os vínculos sociais em uma vila de pescadores, chegando à conclusão de que o conjunto da vida social poderia ser visto e analisado a partir de um conjunto de pontos, onde alguns deles são unidos por linhas, formando uma rede total de relações<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup><http://www.iltanet.org/MainMenuCategory/Publications/WhitePapersandSurveys/Social-Networking.html>

Acesso em julho de 2013.

Em 1974, Granovetter escreveu um artigo intitulado *The Strength of Weak Ties*<sup>7</sup>, no qual o autor propõe uma análise do padrão de conexão que existe entre os indivíduos. O sociólogo partilhava da ideia que os critérios estabelecidos na sociologia só deveriam ser analisados a partir do momento em que se conhecesse como se dá a coesão social dos grupos. A ideia de laços sociais fortes e fracos surgiu quando o autor percebeu que quando as relações sociais entre os sujeitos eram mais fortes, mais enraizadas, as decisões tomadas eram mais consistentes, mais firmes e tomadas com maior certeza. Os sujeitos tomavam decisões a partir de suas redes com laços mais fortes porque eram redes que impunham maior influência e davam maior credibilidade. Constatou-se depois que os laços sociais mais fracos também são relevantes para a conversação e coesão social dos grupos, uma vez que estes permitem que mais grupos se conectem através deles (Kaufman, 2012).

O que constitui uma rede social é, portanto, uma metáfora para os grupos humanos, que buscam se entender através de inter-relações. O termo rede foi usado pelo matemático Leonardo Euler, que fez um estudo sobre as pontes de Königsberg (Recuero, 2009). A representação gráfica da cidade que possuía sete pontes permitiu que se analisassem as conexões e seus nós, que seriam as pontes de ligação da cidade, formando então um grafo. No experimento, notou-se ser impossível atravessar a cidade sem cruzar um mesmo caminho ao menos uma vez. Os atores, portanto, são os primeiros elementos da rede social, e equivalem aos nós da rede (Recuero, 2009), no caso, cada ponto da cidade. Os atores são, na verdade, representações sociais de cada um, como que espaços construídos por cada ator, nos quais cada um vai decidir como interagir com o restante da rede. São aquelas pessoas envolvidas na rede em que se analisa (Recuero, 2009).

As conexões (Recuero, 2009) são as interações ou laços formados por esses atores. São as conexões um dos principais focos de análise de sites de rede sociais e que influenciam diretamente na transmissão de significados atribuídos a diferentes linguagens que irão surgir na internet ou de forma presencial, porque é a partir das conexões de cada sujeito, e o grau de credibilidade, capital social e visibilidade que este indivíduo terá que acabará influenciando outros aspectos de sua rede social ou da rede

---

<sup>7</sup> A força dos laços fracos. Disponível em <http://sociology.stanford.edu/people/mgranovetter/documents/granstrengthweakties.pdf> Acesso em julho de 2013.

dos demais. As relações e a representação dos sujeitos para que sejam estabelecidos seu grau de capital social, seus tipos de laços entre diferentes grupos vai se dar de forma diferente no âmbito do real e do virtual, já que as ferramentas para interação serão diferentes e as redes terão um alcance muito maior. Muitas vezes o meio apenas transfere parte da rede social dos sujeitos, organizando-os e trazendo-os do mundo offline para o mundo online. Mas mesmo com esta transferência a relação e as trocas podem sofrer alterações, principalmente na concepção de quem são estas pessoas e como elas se representam para grupos que foram formados de forma offline e passaram a interagir no mundo online. Hall (2006), ao falar das identidades fragmentadas coloca cada eu do sujeito dentro de um contexto social, e no ambiente online todos estes contextos estão juntos, ou seja, a fragmentação se reúne num só ambiente e por isso as relações podem se modificar.

Conforme Boyd & Ellison (2007), a exibição pública de conexões é um componente crucial para a formulação de uma rede social. Para as autoras, o que faz com que uma rede social, ou no caso do estudo das mesmas, um site de rede social, seja único, não é o fato dos usuários ou dos sujeitos se conectarem a estranhos, mas sim o fato de que os usuários se articulam e tornam visíveis, através das suas redes, o desenvolvimento social de cada indivíduo. Se as conexões se tornam visíveis, a rede se torna maior, e identifica os sujeitos não que buscam relações mais sólidas, mas todos aqueles que conectam estas pessoas a outras, que não fazem parte diretamente da sua rede, mas que podem, um dia, se solidificar através daquele sujeito. Na internet as redes sociais possuem conexões nitidamente expostas, o que faz com que o termo se enraíze mais nestas plataformas de interação social.

## **1.2 Redes sociais na Internet**

A própria constituição da internet, ao ser usada em rede, ajuda a compreender o termo rede social e a trazê-lo para o meio online e para a constituição de sites de redes sociais. A ARPANET<sup>8</sup>, uma rede de computadores que dividia o tempo de trabalho

---

<sup>8</sup> Advanced Research Projects Agency Network. A ARPANET foi a precursora da internet, desenvolvida pela ARPA (Advanced Research and Projects Agency), para interligar as bases militares e os

online e era ligada por nós surgiu em 1969, quando o uso da internet ainda era voltado a fins militares (Castells, 2000). Posteriormente, com o uso difuso da tecnologia e a divisão de uso militar e uso científico, na década de 80 a rede começou a ser chamada de ARPANET-internet, e em seguida, somente de internet, até a tecnologia ser privatizada e aberta ao público em geral. O que permitiu seu uso em massa e a difusão da internet na sociedade foi a teia mundial www (world wide web), tendo como seu principal criador Tim Berners Lee (Castells, 2000). A www organizava os dados da internet por informações, e não por localização, como vinha sendo feito. Essa facilidade de comunicação permitida pela www seria fundamental para que com a evolução dos sites, as redes sociais fossem constituídas nessas plataformas e um número exponencialmente maior de sujeitos criasse diferentes laços, diferentes redes sociais na internet.

Os sites de redes sociais surgiram com mais força e com a intenção de conectar pessoas há pouco mais de uma década, quando a velocidade da internet e o acesso massivo à população facilitou o trabalho daqueles que queriam estabelecer laços entre atores não tão facilmente reconhecíveis como são no espaço offline. Como as pessoas iam conhecendo mais as ferramentas na internet e se familiarizando com essa nova produção de significados, as redes sociais começaram a se formar, antes dos sites específicos de redes sociais, pelos chats, grupos online em salas de bate-papo (Kirkpatrick, 2011), e até os próprios emails.

Boyd & Ellison (2007) vão dizer que o que torna os sites de redes sociais mais aparentes como uma rede, é que eles permitem a visualização das conexões entre os atores. Como a conexão é rápida, um sujeito tem muito mais conexões no espaço online do que no offline, até pela manutenção da rede que é diferente e menos exigente em sites de redes sociais. Para as autoras, a visibilidade destas conexões é categórica para a definição do termo sites de redes sociais. Entretanto, essa conexão é diferente no ambiente online.

As conexões de um sujeito num site de rede social são distintas porque ele deixa rastros sociais por onde passa na rede (Recuero, 2009), que permanecem ali e podem ser facilmente buscados. Essa busca facilita a interação entre os atores sociais e é

---

departamentos de pesquisas dos Estados Unidos. Foi a primeira rede de computadores e foi lançada em setembro de 1969.

possível perceber a troca conversacional existente entre eles, mesmo que a conexão não seja direta, que eles tenham interagido num dado contexto, em uma determinada plataforma, e que depois não mais se conectem. Há a conexão porque ela permanece ali e, caso não permaneça, existem ferramentas para salvá-las. Mas os atores sociais também se diferenciam por meio dessas conexões.

Na internet, os atores utilizam o espaço disponível para expressar, montar e identificar suas redes sociais (Boyd & Ellison, 2007). Boyd & Ellison (2007) apontam três fatores que caracterizam sites de redes sociais. Um dos fatores nos quais o sistema de rede social na internet concede, seria uma construção pública, ou semi-pública de um perfil ou de uma página em um site. Os outros dois seriam a articulação de uma lista de usuários com os quais há conexões entre os usuários, e o acesso público às redes sociais de cada ator social.

Se cada ator social se representa nesses sites, há um conceito diferenciado de identidade, já que o ser humano é constituído de forma subjetiva (Hall, 2006), fragmentada e formada a partir de sua participação ativa na sociedade. Mas essa constituição é, primeiramente, pessoal, já que o próprio indivíduo se forma no site. “Essa individualização dessa expressão, de alguém “que fala” através desse espaço é que permite que as redes sociais sejam expressas na internet [...] São construções plurais de um sujeito, representando múltiplas facetas de sua identidade” (RECUERO, 2009, p.27;30). E se há alguém que fala, esse alguém não vai usar exatamente a interação face-a-face, como analisou Goffman (2011), mas sim a palavra, a linguagem visual e as apropriações de ferramentas disponíveis em sites como o Facebook. “Essas palavras, constituídas como expressões de alguém, legitimadas pelos grupos sociais, constroem as percepções que os indivíduos têm dos atores sociais” (RECUERO, 2009, p. 27). Portanto, informações como fotos, descrições, comentários, curtidas e compartilhadas em perfis construídos pelos atores sociais são definições importantes de quem os sujeitos são, e que vão sendo construídas pouco a pouco, influenciando também a rede social que o sujeito vai construir para si.

A apropriação das ferramentas de cada site permitirá tipos diferentes de redes sociais. São os atores que, utilizando as ferramentas disponíveis e apropriando-as conforme seus usos darão sentido à rede. Em sites de redes sociais os atores criam

interações diferentes, às quais não eram disponíveis no sistema, e acabam alterando a própria rede. Há algumas características gerais e comuns aos sites de redes sociais, que são relevantes para que se compreenda a construção de laços sociais e análise do que é e como é divulgado na rede e que interferem na conversação em rede.

Sites como Facebook deixaram de ter apenas ferramentas estáticas e passaram a servir como mediação, onde a manutenção das diversas redes é feita diretamente nessas plataformas. Como os sites de redes sociais acabam mediando as interações dos usuários, novas apropriações surgem e características específicas aparecem.

### **1.3 Tipos de redes sociais na Internet**

Segundo Recuero (2009), as redes podem ser emergentes ou de associação/filiação, conforme o uso que os usuários fazem de determinadas ferramentas. As redes de associação têm suas conexões maquinadas pelos mecanismos de filiação dos sites de redes, ou seja, quando indivíduos são adicionados ou optam por incluírem-se em determinados grupos, estes indivíduos vão ali permanecer independente do tipo de interação para a constituição do laço social. Conforme Recuero (2009) é o sistema que mantém as conexões da rede, mesmo as conexões não recíprocas. Já as redes emergentes são aquelas constituídas a partir das interações entre os atores sociais, da interação mediada pelo computador.

No caso do Facebook, por exemplo, a rede pode ser tanto de filiação quanto emergente, dependendo do contexto em que determinada situação é analisada. Se alguém cria um perfil e se conecta a amigos com laços sociais mais fortes, mais bem estruturados, a rede emergente se apresenta neste caso, porque a rede social desse sujeito vai se constituir a partir das interações que ele terá com os demais atores. Entretanto, isto pode não ocorrer com outros amigos que constituem sua rede, já que ele pode somente adicioná-los e não mais interagir com eles, porque o próprio Facebook aceita uma manutenção mais fraca dessas relações.

Numa rede de filiação, os indivíduos interagem pouco ou, com intensidade, num curto espaço de tempo, como quando alguém curte determinada fanpage e só interage uma vez ou outra colocando comentários em certas postagens, de forma irregular, ou apenas acompanhando-a sem interação aparente. As redes de filiação são

redes forjadas (Recuero, 2009), ou seja, são redes mais estáticas, sem interação mútua contínua. Esses tipos de rede influenciam os laços sociais estabelecidos entre os atores.

A forma de interação e como elas acontecem influencia a força estabelecida na rede e qual a importância da manutenção de laços mais fortes, com maior credibilidade, e laços mais fracos, mas que mantém muitas redes conectadas entre si. São os laços sociais que justificam e formam a conexão das redes.

#### **1.4 Laços sociais**

Dependendo da forma como cada ator social entende as ferramentas e a própria rede social da qual participa, a maneira como ele se apropria do ambiente e da interação estabelecida pelos atores e suas conexões, os laços sociais que são formados pela interação podem ser fracos ou fortes (Recuero, 2009). Os laços fortes caracterizam mais intimidade entre os atores, ao contrário dos laços fracos, que constituem trocas mais amplas e sem tanta intimidade, sem tanta interação. A interação é a peça chave tanto da constituição de laços fortes quanto de laços fracos. A interação na internet está ligada ao que diz Primo (2008), no sentido de ser usada como uma ação entre os participantes – inter + ação. A interação mediada, como é o caso dos sites de redes sociais, faz com que o diálogo aconteça de forma remota, por um instrumento técnico, possibilitando o estreitamento das deixas simbólicas (Primo, 2008), havendo muitas informações não verbais, mas que significam dentro de um contexto. Neste caso, os laços sociais são estabelecidos entre pessoas através de uma interação ou relação entre pessoa – computador.

Laços fortes exigem mais interação, confiabilidade, trocas conversacionais, e compreensão do contexto por parte dos sujeitos, ao contrário dos laços sociais fracos onde os sujeitos não estão tão ligados aos amigos de sua rede e não estabelecem interações mútuas de forma mais estreita. No caso de sites de redes sociais como o Facebook, onde é possível uma pessoa ter até cinco mil amigos em um perfil, os laços sociais são, em sua maioria, fracos, assim como aqueles estabelecidos numa troca conversacional entre usuários num caixa de comentários de alguma postagem em uma fanpage.

Outro fator indicativo para que um usuário seja mais popular ou mais influente dentro de uma rede social é o capital social. O capital social é aquilo que agrega valor à representação de cada pessoa dentro de sua própria rede, e para isso é necessário que essa pessoa tenha muitos contatos que vejam nela uma fonte legítima e de credibilidade (Recuero, 2012). No caso desta pesquisa a fanpage Diva Depressão tem um capital social elevado, tanto pela quantidade de seguidores, que supera os 850 mil, quanto pela credibilidade dada a ela no processo interacional, onde as características construídas para formar o seu perfil tem visibilidade na rede e ajudam a construir uma reputação a ser zelada, principalmente por seus próprios seguidores. A partir do momento em que há credibilidade, os próprios seguidores da página que compartilharem suas informações estarão aumentando seu capital social, porque fazem parte de um contexto onde se representar por aquela fanpage pode ser positivo.

### **1.5 Capital social**

Parte da conversação que ocorre em sites de redes sociais vai depender do capital social dos sujeitos, que fala muito sobre seus objetivos naquela rede e sua influência perante outros usuários. Não há um conceito específico para o termo, entretanto concorda-se que ele vem atribuído ao valor que é construído a partir das interações entre os atores de uma rede (Recuero, 2009). Bourdieu (1986) dizia que o capital social está ligado à maneira com a qual as pessoas participam de determinados grupos, e as potencialidades que estes grupos dão à representação e credibilidade de cada sujeito. Para o autor

o capital social é o agregado dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas, de conhecimento mútuo e de reconhecimento - ou em outras palavras, a participação em um grupo - que oferece cada um dos seus membros com o apoio do capital de coletividade de propriedade, uma "credencial", que lhes dá direito ao crédito, nos vários sentidos da palavra (BOURDIEU, 1986, p. 51).<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> “Social capital is the aggregate of the actual or potential resources which are linked to possession of a durable network of more or less institutionalized relationships of mutual acquaintance and recognition –

Quer dizer, então, que o capital social pode estar ligado à vontade individual de um sujeito ou às vontades específicas de um grupo, e corresponde aos benefícios que uma pessoa pode ter estando em certa rede social. Quando alguém opta por participar de determinada rede isso pode ser relevante a ela porque a rede lhe fornece dados e em troca essa pessoa recebe mais visibilidade e credibilidade. A interação e a conversação em sites de redes sociais ajudam ou atrapalham na constituição de um capital social porque pode fazer uma pessoa ter, de alguma forma, sucesso na rede ou fazê-la criar inimizades que acabarão decaindo sua popularidade.

Para Recuero (2012, p.135) “[...] as práticas conversacionais não são vazias; elas têm um papel importante na sedimentação da estrutura social. São essas trocas que constroem valores como intimidade, confiança e proximidade entre os atores [...]”. Esses valores correspondem ao capital social de cada um, e tudo funciona como uma espécie de negociação, onde cada um dá poder, seja sob forma de conversação ou de maneira simbólica, atribuindo significados a ícones de um site de rede social, como o curtir e o compartilhar do Facebook, e em troca, aquele que deu também recebe, aumentando seu status e se sobressaindo na rede. Estas trocas se significam de maneira diferente nos sites de redes sociais. Para Recuero (2012)

quanto mais citado é alguém, quanto mais referências a sua participação na conversação, maior visibilidade. Quanto mais indivíduos tem acesso ao que diz e concordam com esse ator, mais elementos de reputação este soma, além de aumentar sua popularidade e visibilidade. (RECUERO, 2012, p.137).

Essa reputação é mais facilmente solidificada ou desfeita num ambiente online porque não exige tanta manutenção constante de trocas dialógicas entre os sujeitos, que precisam apenas fazer parte de uma mesma rede e fazer a manutenção de seus perfis ali construídos de forma básica, utilizando ou se apropriando das ferramentas disponíveis no site (Recuero, 2012). Para Bourdieu (1986),

---

or in other words, to membership in a group [11] – which provides each of its members with the backing of the collectivity-owned capital, a 'credential' which entitles them to credit, in the various senses of the word (BOURDIEU, 1986, p.51)”. Disponível em: <http://econ.tau.ac.il/papers/publicf/Zeltzer1.pdf>

a reprodução do capital social pressupõe um esforço incessante de sociabilidade, uma série contínua de trocas em que o reconhecimento é infinitamente afirmado e reafirmado. Este trabalho, que implica dispêndio de tempo e energia e, portanto, direta ou indiretamente, do capital econômico, não é rentável ou mesmo concebível a não ser que se invista nele uma competência específica [...] (BOURDIEU, 1986, p.52)<sup>10</sup>

Ou seja, a manutenção do capital social no ambiente offline é muito mais trabalhosa do que no ambiente online (Recuero,2012). Consequentemente os valores e os laços entre estes indivíduos serão, basicamente, mais fracos do que num ambiente offline. Essa percepção mostra que a conversação entre os indivíduos muda pela plataforma, e que o próprio entendimento de cada pessoa sobre o que ela está disseminando na rede fica difuso. A forma como o capital social é apropriado pelos atores sociais vai influenciar diretamente as redes sociais que se estabelecem em um site como o Facebook, por exemplo. Outro aspecto que tem ligação com a credibilidade e a força do capital social estabelecida entre os atores é a polidez.

### **1.6 Polidez**

A polidez consiste em manter dentro da relação pessoal uma situação harmoniosa entre os atores que estão envolvidos. Segundo Recuero (2012), a conversação necessita de normas que partem de acordos feitos entre os interagentes para que as relações sociais possam se constituir. A manutenção do perfil de uma pessoa e sua construção é como elementos que ajudam a normatizar a polidez nas interações. A noção de Polidez vem de Brown e Levinson, que em 1987 começaram a analisar a polidez a partir das concepções de face e território de Goffman (Marcotulio; Souza, 2012) <sup>11</sup>, relacionando face positiva e face negativa, as quais correspondem à representação positiva que um sujeito deixa passar aos outros e aos aspectos negativos que são construídos em torno de cada sujeito. Para os autores o empenho que cada sujeito faz para sustentar uma face positiva e todo esforço que um grupo social faz para que todos daquele grupo mantenham sua representação conforme ela foi estipulada e

---

<sup>10</sup> The reproduction of social capital presupposes an unceasing effort of sociability, a continuous series of exchanges in which recognition is endlessly affirmed and reaffirmed. This work, which implies expenditure of time and energy and so, directly or indirectly, of economic capital, is not profitable or even conceivable unless one invests in it a specific competence [...] (BOURDIEU, 1986). Disponível em <http://econ.tau.ac.il/papers/publicf/Zeltzer1.pdf> Acesso em agosto de 2013.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/07.htm>

aprovada integra a polidez. Como a imagem social é muito frágil e pode ser modificada frequentemente, alguns recursos de comportamento são usados para que a representação de cada sujeito seja mantida.

A polidez corresponde então, à maneira como cada um se apropria das ferramentas de um site de rede social, por exemplo, e como cada um vai usá-las para manter uma linguagem adequada dentro da conversação. Em ambientes online pode-se citar o fato do discurso com escrita oral (Recuero, 2009) ter o grito reproduzido através de letras maiúsculas, o que denota que há uma tensão e que a polidez está se desfazendo, tendo em vista que gritar não condiz com as normas usuais de interação.

Na conversação online a manutenção da polidez é menor, pois o tempo de interação se torna mais dinâmico, simulando ainda a informalidade da conversação oral, mas que se torna escrita. Logo, palavras que normalmente não seriam utilizadas na conversação cotidiana (Recuero, 2012) são usadas na escrita online, já que não há a presença do outro marcada explicitamente, o que torna mais fácil o ato de ‘falar’ da maneira que se quer porque não há uma reciprocidade imediata e, se houver, há a mediação do computador.

Outra questão é a variação de relações e grupos sociais com os quais os atores precisam ou acabam interagindo mesmo que sem ter plena consciência disso. Idades, discursos e representações diferentes acabam por dificultar uma polidez realmente adequada, o que seria mais fácil numa interação face-a-face, muito disso porque no ambiente online o sujeito se representa de variadas formas em uma mesma plataforma, o que não ocorre simultaneamente no ambiente offline.

Quando não se está em frente às pessoas, a chance de desentendimentos ou a perda do contexto conversacional se concretizar é maior, porque a intenção pode ser ou mal interpretada, ou ir além do que um dos atores almeja. Esses desentendimentos, quando ocorrem, são por causa da falta ou da má colocação da polidez, que acaba ferindo representações dos perfis que as pessoas se propõem a montar no site de rede

social. Como um site como o Facebook permite a conversação assíncrona e síncrona<sup>12</sup>, isto também pode dificultar as noções de polidez de seus usuários.

(...) quanto mais assíncrona a conversação, mais complicada parece ser a negociação da polidez, uma vez que interpretações errôneas podem induzir os atores a pensar que estão sofrendo um ato de ameaça à face, provocando estratégias diferentes de polidez, ou mesmo o conflito. No ambiente online, a face parece não estar inteiramente constituída, o que dificulta o estabelecimento de quem são os atores com quem se fala e quem são os atores que falam (...) (RECUERO, 2012, p.92)

Ou seja, as ferramentas que possibilitam a conversação em tempos diferentes acabam dificultando a noção de polidez, uma vez que a conversa e sua intenção podem se perder neste espaço de tempo. A noção da polidez é relativa para analisar também as consequências da reprodução do discurso violento na internet porque leva em conta as mesmas noções que os sujeitos devem ter num ambiente offline para que a conversação se sustente. No entanto, essas noções se confundem num ambiente como o Facebook, porque como já foi dito anteriormente, a presença do outro não está marcada, e a forma de se impor, de agregar capital social ou de configurar um perfil com mais poder de influência do que outros, pode se dar justamente pela falta de polidez, pela facilidade de se expressar para a máquina, e não para os outros.

A polidez, sua manutenção ou sua perda está diretamente conectada ao contexto da interação. É por causa do contexto que conflitos aparecem, desentendimentos acontecem, e certas situações passam despercebidas pelos usuários de um site de rede social.

### **1.7 Contexto em sites de redes sociais**

Ao estabelecer-se uma conversa com uma pessoa ou um grupo de pessoas os sujeitos precisam corresponder a determinados rituais para que o entendimento da conversa se torne pleno. A forma de falar vai depender do contexto social, temporal e a maneira como o sujeito faz para sistematizar esta conversa, como através das apropriações de ferramentas como curtir, comentar, a escrita oralizada (Recuero, 2009),

---

<sup>12</sup> A conversação assíncrona é aquela onde a interação é atemporal e o diálogo não é imediato. Já a conversação síncrona será aquela interação temporal, onde a troca de mensagens entre os atores será imediata (Recuero, 2012).

onomatopeias, emoticons – símbolos que representam rostos e expressões, sentimentos- aparatos que no ambiente online transformem a linguagem o mais próximo da interação offline, para que o contexto não se perca. A linguagem dá um sentido diferente e muda o contexto- isso se dá pelas apropriações das ferramentas e os significados que os atores sociais agregam a estas ferramentas particulares.

No meio online há trocas de turnos entre os sujeitos, há tempos diferentes para a interação, apropriações, polidez e buscabilidade. E apesar dessas características servirem como auxílio para a interação, para a constituição da linguagem na internet, são estas tantas opções que muitas vezes fazem com que o contexto se perca. Sem a entonação da voz, sem a reprodução imagética de expressões faciais, mesmo que com a ajuda de imagens que se aproximem disso, os sujeitos podem não compreender o que está posto. O contexto fora do ambiente online, ou seja, o ambiente em que o sujeito se encontra offline pode também interferir na sua interpretação sobre os dados ou na própria interação.

Como o discurso no ambiente online pode ser assíncrono, ou seja, ocorrer em tempos diferentes, e ser retomado sempre que alguém intervém novamente, o contexto também precisa ser retomado. Como quando alguém coloca uma postagem falando sobre algo específico e a troca conversacional se modifica na caixa de diálogo e, outra pessoa, ao ver a postagem, acaba se perdendo em meio a divergentes contextos justamente porque não as acompanhou quando elas surgiram. Sem o entendimento do contexto as pessoas não conseguem compreender a abrangência e as trocas que ocorrem nestas redes. O contexto é, portanto, um elemento relevante para que se compreendam as formas de interação em ambientes online.

Para o estudo dos processos de interação, ele é um elemento fundamental, pois especifica a situação comunicativa na qual interagentes tomam parte. O conhecimento dessa situação comunicativa é o ponto-chave para que os interagentes consigam estabelecer diálogos que compartilhem, criem e negociem sentido. (RECUERO, 2012, p.96)

E se é necessária uma negociação e regras para que o contexto seja compreendido, tanto em sites de redes sociais quanto numa interação offline o indivíduo se empenha em conseguir expressar, durante a interação, o que ele precisa ou pretende (Goffman, 2002). José Carlos Ribeiro (2006) ressalta a importância que Goffman dá ao

contexto externo em que as relações sociais ocorreram, dependendo justamente do local no qual os indivíduos se situam e a influência que este local tem (Ribeiro, 2006), destacando como esse contexto do ambiente externo, valorizado por Goffman, é desconstruído quando as relações ocorrem, por exemplo, por meios eletrônicos que permitem a comunicação móvel. Quando o ambiente não é fixado, saber como deve se formar ou permanecer um discurso e um contexto pode ser mais difícil. Conforme Ribeiro (2006)

partindo-se do pressuposto que os contatos sociais efetivados nestas circunstâncias também são sujeitos às influências das variáveis sociais imediatas (conforme preconiza Goffman), ou dito de outro modo, que elas são forçadas a negociar com as demandas suscitadas pelas características presentes na situação social concreta, o quadro torna-se mais complicado, haja vista que requer do sujeito níveis de atenção e de habilidade cognitiva mais sofisticados, capazes de coordenar e responder, de maneira satisfatória, à pressão das variáveis intervenientes [...] Considerando que este ambiente referencial pode ser extremamente fugaz, haja vista a possibilidade dos interlocutores estarem “em movimento” ou “não preso” em locais referenciais fixos [...] (RIBEIRO, 2006, p. 06).

Recuero (2012) vai além dessa análise do contexto social em que os sujeitos estão inseridos e diz que há três elementos básicos para que haja a construção do contexto em um site de rede social: a negociação entre os participantes, o fato das conversas poderem ser assíncronas, e as limitações das ferramentas oferecidas. Essas limitações influenciam também as apropriações que os sujeitos fazem de determinadas ferramentas para serem entendidos.

Apesar da conversação assíncrona, uma das vantagens é que o contexto pode ser retomado, porque há buscabilidade na rede, as conversas permanecem e as trocas conversacionais, a ordem em que o diálogo acontece ajuda a recuperar este sentido. Entretanto, o contexto é mais facilmente compreendido e resgatado com ferramentas onde a conversa entre os atores sociais é síncrona (Recuero, 2012), como em chats, do que assíncronas, como em comentários em postagens do Facebook. Ao se levar em consideração o contexto, tanto de apropriação, quanto de linguagem utilizada, o contexto histórico ou social, precisa-se pensar também que há micro e macro contextos (Recuero, 2012).

O contexto tem funções específicas dentro das conversações entre os atores sociais e na personificação de cada ator dentro da rede social, e indivíduos que não

conseguem compreender todo ou parte do contexto acabam atribuindo significados diferentes ao que se está propondo na interação. “Todo o contexto é construído também através de “pistas” ou informações que são acrescentadas às falas dos atores, de modo a direcionar a compreensão daquilo que é dito” (RECUERO, 2012, p. 102).

Ao observarem-se alguns comentários no Facebook, pode-se ter um microcontexto, pequenas interações aparentemente compreensíveis, dentro de um macro contexto, fazendo referências a conversas anteriores estabelecidas naquela plataforma ou não. Por exemplo, numa postagem da fanpage Diva Depressão, onde é reproduzida uma imagem de uma diva cercada de taças de champanhe estendidas por mãos masculinas, expressando-se da seguinte maneira:



**Figura 1-** Exemplo de postagem da fanpage Diva Depressão<sup>13</sup>

Muitos são os comentários “kkkkk”, indicando uma apropriação para expressar risada, demonstrando haver referências a universos culturais (Recuero, 2012) negociados e compreendidos pelos interagentes. Mas há também comentários, na mesma postagem citada acima, como:

13

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=363772280424501&set=a.165682270233504.38178.165680880233643&type=1&theater> (acesso em 25/08/2013)



**Figura 2-** Comentários da postagem anterior apresentando um microcontexto dentro da caixa geral de comentários

Aqui temos um microcontexto, que remete a uma interação entre duas pessoas com laços sociais mais fortes na rede, que compartilham um macrocontexto, referenciado a uma história específica citada no penúltimo comentário. A linguagem usada como apropriação para significar sentimentos, como é o caso dos emoticons, parece também ter sido modificada na interação, já que ao colocar o símbolo 😞 que é uma apropriação para demonstrar tristeza, é alterada pelo último comentário, que entende a alteração e usa a escrita oralizada simbolizada pelo *kkkkk* para demonstrar uma risada.

Com algumas características pertinentes a serem abordadas na análise deste trabalho, convém-se agora tratar da plataforma de análise, o site de rede social Facebook.

### **1.8 Facebook**

O Facebook é o site de rede social onde se encontra o objeto de análise da pesquisa, mais especificamente os memes de uma fanpage, uma página de fãs brasileira, intitulada Diva Depressão. No Facebook existem muitas páginas de humor e a página da Diva Depressão é uma das que possui mais seguidores, assim como a fanpage “Oi Linda”<sup>14</sup>, que chega a ter um número maior de curtidas. Há também páginas como a “Cafajestando”<sup>15</sup> e “Conselhos de Biscat”<sup>16</sup>, que utilizam memes semelhantes para disseminarem humor na rede, construindo através destes memes um discurso contendo graça, e há as páginas que também levam o termo “Depressão” no nome, como “Depressiva da Depressão”<sup>17</sup>, ou “Hispter da Depressão”<sup>18</sup>.

Assim que a World Wide Web surgiu, o conceito de criar e recriar redes sociais na internet foi aumentando a ponto de hoje quase todas as pessoas estarem participando ao menos de um site de rede social. Além de apropriações para interações e a constituição de uma identidade – ou fragmentadas identidades – os sites de rede sociais são essencialmente meios de comunicação, com o intuito de conectar pessoas (Kirkpatrick, 2011) por meio de um software.

O Facebook é atualmente uma das redes de maior importância, mas o uso de redes sociais na internet começou antes, com o sixdegrees e o Friendster. “As redes sociais tornaram-se uma parte familiar e onipresente da internet” (KIRPATRICK, 2011, p.96).

O Facebook surgiu em 2004, como nome ainda de TheFacebook, em um quarto universitário de Harvard, como uma forma de distração do estudante Mark Zuckerberg. Com a evolução rápida e o uso de cada vez mais estudantes, Mark e um grupo de

---

<sup>14</sup> <https://www.facebook.com/OiLindona> Acesso em novembro de 2013.

<sup>15</sup> [www.facebook.com/cafajestando](http://www.facebook.com/cafajestando) Acesso em novembro de 2013.

<sup>16</sup> <https://www.facebook.com/ConselhosdeBiscat> Acesso em novembro de 2013.

<sup>17</sup> <https://www.facebook.com/DepressivaDaDepressao?fref=ts> Acesso em novembro de 2013.

<sup>18</sup> [www.facebook.com/HipsterDaDepressao](http://www.facebook.com/HipsterDaDepressao) Acesso em novembro de 2013.

amigos resolveram apostar no site de rede social e expandi-lo para outras universidades. Basicamente a ideia era conectar estudantes, fazê-los conhecer um pouco mais da vida de cada um e auxiliá-los na interação. Em outubro de 2006 o Facebook foi aberto a usuários não estudantes e, em 2008 já podia ser traduzido para mais de 35 línguas. Em 2009 o site atingiu mais de 350 milhões de usuários em 180 países. Até 2010 cerca de 30 bilhões de postagens eram feitas pelos usuários, incluindo-se aí notícias, fotos e links. Somente em fotos havia mais de três bilhões de atualizações por mês.

Seu criador tinha em mente que o Facebook não serviria para substituir a interação face-a-face, mas sim aprimorar relacionamentos (Kirkpatrick, 2011). Para Kirkpatrick (2011) o que faz do Facebook o sucesso que ele é são duas questões básicas: nele você encontra amigos e, por isso, suas referências culturais, seus costumes e seus gostos estão representados ali, assim como os gostos de outros grupos e outras nacionalidades. Outra questão é a língua. A linguagem utilizada pelas pessoas no Facebook se aproxima cada vez mais daquela que as pessoas falam offline. Esta língua própria, dentro de cada língua traduzida no Facebook, dá a ideia de globalização, no sentido de que hoje as pessoas podem estar conectadas não ao mundo todo, mas a muito mais pessoas em muito mais contextos.

Zuckerberg criou o Facebook porque acreditou que ali estariam pessoas comprometidas com suas próprias mensagens. E, intuitivamente, os usuários compreenderam que o Facebook servia para se expressarem, expressarem sua identidade, paixões, opiniões sobre o que estava acontecendo em suas relações, no seu cotidiano. Essa nova forma de expressão começou a produzir efeitos diferentes entre grupos sociais e a representação de cada pessoa, constituindo-se como uma nova forma de comunicação.

Sendo uma forma de comunicação fundamentalmente nova, o Facebook também produz efeitos interpessoais e sociais fundamentalmente novos. O Efeito Facebook acontece quando a rede social põe as pessoas em contato umas com as outras, às vezes de forma inesperada, em torno de algo que tenham em comum: uma experiência, um interesse, um problema ou uma causa [...] O software do Facebook imprime uma característica viral à informação. As ideias do Facebook têm a capacidade de se espalhar pelos grupos e fazer com que um grande número de pessoas tome conhecimento de algo quase simultaneamente, propagando-se de uma pessoa para a outra e para muitas com uma facilidade rara- como um vírus, ou meme (KIRKPATRICK, 2011, p.16).

O Facebook é uma representação visual da rede social de cada usuário, carregado de informações o tempo todo, sendo que essas informações são dos próprios usuários que constituem a rede, que ajudam a propagar essas mensagens com uma rapidez instantânea. Ou seja, não há conteúdo próprio no site, apenas aquilo que é carregado ou criado por quem o usa. “O TheFacebook era uma ferramenta de autoexpressão e, mesmo naquela fase inicial de seu desenvolvimento, as pessoas estavam começando a reconhecer muitas facetas do seu “eu” que poderiam ser projetadas na tela” (KIRKPATRICK, 2011, p.41).

O autor ressalta que a competitividade também surgiu com o uso do Facebook, porque muitos usuários disputavam com outros quem tinha ou tem a maior quantidade de amigos, a maior rede, denotando a presença do capital social. O capital social também é fortemente presente no site porque ele só terá efeito positivo para determinada rede se um usuário conseguir que seus amigos também participem de suas interações.

Cada usuário possui uma linha do tempo, um mural onde é possível colocar suas próprias postagens e também conferir as postagens de amigos, amigos de amigos e links patrocinados. No Facebook é possível criar eventos específicos, abertos ou fechados, e possui as fanpages, que são como comunidades onde a intenção é de agrupar usuários com interesses em comum (Kirkpatrick, 2011). As apropriações mais discutíveis da rede social sejam talvez as opções curtir, comentar, compartilhar e cutucar, disponíveis em cada postagem feita por todos os usuários, que prospectam as ferramentas como usos conversacionais.

Como a linguagem na rede é uma apropriação da fala offline e de atribuições de ícones que ajudam a atribuir significados à interação, o Facebook disponibiliza o significado de cada uma dessas ferramentas, entretanto, como o usuário se apropria de diferentes formas em diferentes contextos delas, muitas vezes é o próprio contexto que dirá o significado do uso desses ícones durante a interação.

Conforme a central de ajuda do próprio Facebook, curtir, simbolizado pelo ícone  , é: “Clicar em Curtir dentro de algo que você ou um amigo publica no Facebook é um modo fácil de dizer a essa pessoa que você gostou, sem deixar

comentários. É como um comentário, porém o fato de você ter gostado é assinalado abaixo do item”.<sup>19</sup> Entretanto talvez o curtir seja a ferramenta de uso conversacional mais controversa que há no site, já que há situações em que, por exemplo, alguém posta um comentário relatando que algum parente morreu na noite anterior e algumas pessoas curtem o comentário. Tem-se aí uma apropriação diferenciada, onde o curtir pode significar que o usuário viu a informação e preferiu curtir ao invés de comentar, ou inúmeras outras atribuições e significados que o símbolo pode gerar, dependendo do contexto.

Os comentários são ferramentas mais óbvias, já que permitem uma liberdade maior de expressão linguística, através do uso da escrita oralizada e do uso de emoticons e imagens, que ajudam a complementar e preencher a compreensão da conversação. O Facebook incluiu em 2013, no dia 25 de março – ou seja, não no mês de análise desta pesquisa- a opção de responder sobre um comentário específico que facilita a recuperação do contexto, o mesmo ocorre com a opção de se direcionar comentários a pessoas específicas usando uma tag com seu nome, conforme figura 03.



**Figura 3-** comentários podem ser respondidos diretamente ao usuário, sem precisar taggeá-lo.

O compartilhar, representado pelo ícone  5.211 reproduz tal e qual uma postagem que foi colocada por um usuário na rede, e esta postagem passa a aparecer no perfil e no mural da pessoa que compartilhou a postagem. É possível, ao se compartilhar algo, também fazer comentários acima da postagem sobre algo relacionado ao que está sendo divulgado. O fato de poder compartilhar uma postagem e comentar sobre ela pode prejudicar a compreensão do macrocontexto, muitas vezes.

O Facebook também permitiu em junho de 2013 o uso, com rastreamento, de hastags (#), em que é possível se acompanhar tendências e conversações que giram em torno de um assunto mais abrangente, aumentando a visibilidade dos usuários e do

<sup>19</sup> <https://www.facebook.com/help/110920455663362/> Acesso em agosto de 2013.

assunto e, conseqüentemente, o capital social, já que mostra que o usuário sabe sobre a linguagem e as conversações que ocorrem na rede.

Como o intuito do Facebook é conectar pessoas, criar novas linguagens e trazer para o espaço online uma escrita semelhante à fala, aliado à facilidade de se estabelecer conexões em diferentes níveis com outras pessoas, a propagação de ideias, cultura, identidades, e até preconceitos e disseminação da violência podem ocorrer através dos memes.

## Capítulo 2: Memes

O termo meme foi cunhado e reconhecido, ainda que questionado por sua definição, por Richard Dawkins (1979). O autor, com o título “O Gene Egoísta” aborda o tema da evolução genética e natural sob um aspecto diferenciado, explorando o fato de que o que faz determinada espécie evoluir ou desaparecer funciona como uma espécie de competição entre os genes, e não entre as espécies. Em seu livro, Dawkins (1979) diz que “o argumento deste livro é que nós, e todos os outros animais, somos máquinas criadas por nossos genes” (DAWKINS, 1979, p.06).

Esses genes correspondem ao que ele chama de “replicadores”. “Um replicador é uma entidade que, dadas certas condições, media a produção de cópias de si mesmo” (WAIZBORT, 2003, p.25). Estes replicadores competem entre si e são como modelos mais ou menos estáveis, em certos recursos limitados dentro de uma dada realidade, que formam, a princípio, o que Dawkins (1979) chamou de “caldo primitivo”, originando aqueles que teriam maior capacidade de replicação e que se disseminariam com maior presença na Terra.

Sustentando que a unidade fundamental da seleção, e da hereditariedade é o gene, e não a espécie ou o grupo, Dawkins (1979) sugere que há um tipo de replicador da cultura humana. “Entre os animais, o homem é dominado de maneira singular pela cultura, pelas influências aprendidas e transmitidas” (DAWKINS, 1979, p. 07). Esses replicadores da cultura humana seriam os memes, novos replicadores e um novo “caldo” da cultura.

Exemplos de memes são melodias, ideias, “slogans”, modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos. Da mesma forma como os genes se propagam no “fundo” pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no “fundo” de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação (DAWKINS, 1979, p. 112).

Os memes, portanto, acabariam disputando o espaço de armazenamento de informação disponível para cada pessoa. A partir do momento em que um meme é armazenado no cérebro de um ser humano ele é repassado a outros cérebros pelo ato da imitação. Susan Blackmore (1997) chega à conclusão, pelos estudos de Dawkins, que

tudo que se aprende por imitação é, então, um meme. Incluindo palavras, gestos, habilidades, a linguagem e a própria cultura, na qual Eagleton (2005) vai defender como sendo identificada e alterada a partir das vontades de um determinado grupo, exercendo muitas vezes uma força coercitiva pelas próprias classes. Ela, a cultura, também é repassada por imitação, e pode ser classificada, nessa visão, como um meme. Para Blackmore (1997)

hoje muitas das pressões de seleção nos memes ainda são de origem genética (tal como quem nós achamos sexy e que comidas são gostosas), mas conforme a evolução memética prossegue cada vez mais rápido, nossas mentes estão se tornando cada vez mais o produto dos memes, não dos genes. Se a memética é verdadeira então os memes criaram as mentes humanas e a cultura com a mesma certeza que os genes criaram os corpos humanos (BLACKMORE, 1997, p. 04)

As crenças religiosas, convicções políticas, movimentos raciais, artísticos, tipos de linguagens e a própria língua, que para Dawkins (1979) evolui por meios não genéticos e com uma rapidez maior que a da evolução genética, seriam um complexo de memes. Thompson (2009) e Eagleton (2005), que veem a cultura como parte dos grupos sociais, onde esses grupos dão sentido às produções linguísticas e não linguísticas, também falam que é necessário categorizar e sistematizar o simbolismo dessa cultura, desses significados. Conforme o conceito de meme, esses novos replicadores influenciariam diretamente ou, essencialmente, essas significações atribuídas por diferentes culturas.

Cabe ressaltar que o meme, por ser uma ideia que se propaga de cérebro para cérebro, classifica a linguagem como um meme macro essencial para o entendimento entre os grupos sociais. As apropriações que cada sujeito fará dessas linguagens que surgem e que se fixam no cotidiano e nas interações ajudam a perpetuar micro memes (levando-se em consideração que a linguagem os abrange) ou as transformações, ajudam a perpetuar determinadas ideias. A linguagem vista como um meme pode ser visual, escrita ou sinalizada, desde que se faça entendida para um grupo social e que esteja situada num dado contexto histórico e social. Novos elementos meméticos vão surgir através de e pela linguagem.

Como os memes são parte do cotidiano de conversa entre as pessoas elas acreditam que determinado meme é mais apropriado dentro de um contexto e eles tornam-se parte da cultura.

Dawkins (1979) acredita que para que se entenda a evolução dos seres humanos é necessário desprezar o gene como única base das ideias que todos têm a respeito da evolução. Afinal, os genes são replicadores, e os memes também. É preciso pensar nesses novos replicadores culturais.

## **2.1 Duração e perpetuação de um meme**

Dawkins (1979) classifica o ato de se implantar um meme no cérebro de alguém como um processo de parasitas, como se o meme fosse um vírus e o cérebro fosse o hospedeiro. Até então somente o DNA era visto como o único replicador, e o meme vem para mostrar que o replicador se reproduz e se mantém por imitação cultural.

Blackmore (1997) busca entender como um meme perdura ou não nesse processo competitivo de seleção por imitação.

Existe uma enorme variedade nos comportamentos que os humanos produzem, esses comportamentos são copiados, mais ou menos precisamente por outros seres humanos, e nem todas as cópias sobrevivem. O meme, portanto se encaixa perfeitamente com o esquema de hereditariedade, variação e seleção (BLACKMORE, 1997, p.03).

O que a autora quer dizer é que todo processo de imitação, permanência e replicação por meio da linguagem vai variar de um meme para outro, assim como na competição dos genes, e que essa competição entre memes é extremamente violenta porque primeiro o cérebro humano precisa fazer uma seleção, já que não consegue armazenar todos os memes por uma infinidade de tempo, e porque sua quantidade é infinita, surgindo sempre novas palavras, canções, expressões, livros, etc. Para Dawkins (1976), se um meme quiser chamar a atenção de um cérebro humano ele vai precisar fazer isto à custa de memes rivais, que competem entre si.

Para diferenciar um meme que não se mantém infinitamente ou por um longo espaço de tempo passando de cérebro para cérebro Dawkins (1979) dá o exemplo do

inferno, numa análise religiosa e conceitual do termo. O inferno seria um meme auto-perpetuante, com um impacto psicológico muito profundo. A concepção que se tem em relação ao inferno, e ao significado que seu léxico carrega, enfim, todos seus significados em torno do significante, se reproduzem pela linguagem e por imitação. Como o ser humano é um ser vivo falante, as chances de um meme se propagar através da fala é muito maior. Como os sujeitos não param nunca de pensar (Blackmore, 1997), seus cérebros são preenchidos muitas vezes por ideias que vagam e fazem com que certos memes ali se instalem. “[...] nós fazemos toda essa falação e toda essa pensação meramente porque os memes que nos fazem fazer isso são bons sobreviventes” (BLACKMORE, 1997, p. 10).

Como o ser humano fala muito e pensa sem parar, poderiam ser classificados então como máquinas de reprodução de ideias (Waizbort, 2003). Os memes são responsáveis pela formação da cultura e pelas relações sociais estabelecidas entre as pessoas, assim como pela manutenção e alteração da linguagem. Waizbort (2003) destaca que

a teoria dos memes defende que as estruturas lingüísticas e ideológicas criadas, intencionalmente ou não, pelos homens possuem uma certa autonomia e evoluem segundo modos talvez análogos às espécies de seres vivos na natureza (WAIZBORT, 2003, p. 27).

Essa autonomia fará com que determinadas imitações sejam repassadas em tempos não determinados, desde que ela tenha algum propósito, seja ele qual for, dentro de um período histórico ou uma dada linguagem, e essas imitações, essas ideias, favorecem tanto quem as inventa quanto quem as replica. Se um meme serve para um indivíduo, um grupo social, ele pode servir para tantos outros. Os memes se tornam possibilidades, como já foi dito, a partir da linguagem e de sua reprodução. A linguagem usada para repassar esse complexo sistema de ideias, ou memes, influencia a relação dos sujeitos com o ambiente (Waizbort, 2003).

Um meme vai perdurar nos cérebros humanos dependendo do quão atrativo ele será, e até que certo ponto ele é atrativo para determinadas coisas e para outras não. Além disso, os memes ajudam a constituir o perfil de cada indivíduo, ou de um grupo de indivíduos, conforme o conceito de Goffman (2002), no qual os sujeitos se autorrepresentam na sociedade a partir de diferentes papéis desempenhados e

assegurados pelos outros sujeitos durante o processo de interação. O eu de cada um seria um meme coadaptado (Blackmore, 1997), suportado pelo cérebro dos sujeitos. “Eu” sou um dos muitos complexos de meme coadaptados vivendo dentro desse cérebro. Essa ideia assustadora pode explicar por que a memética não é mais popular. A memética lida com um terrível sopro na supremacia do eu” (BLACKMORE, 1997, p.13).

A propagação dos memes, como já foi dito anteriormente, depende inclusive dos veículos em que essas ideias são repassadas, das plataformas utilizadas. Ela pode se dar através dos livros, de filmes, da fala, da música e, também, da internet, como os sites de redes sociais. Os memes constroem o equivalente a organismos, hospedeiros, para se propagarem, e os artefatos citados acima são relevantes, mas não tão fortes quanto a internet.

## **2.2 Memes na Internet**

O sucesso de um meme vai depender da sua forma de produção e sua difusão. Com a facilidade de tecnologias onde as relações sociais se estabelecem rapidamente e com uma exploração de linguagens variadas em uma só plataforma, a internet dispõe em rede uma quantidade grande e variada de memes diariamente, onde uns perduram e outros não. Na internet também é possível perceber as mutações que um meme pode sofrer ao passar por etapas de imitação e de cérebro para cérebro.

Como um meme funciona como uma espécie de viral, essas mutações, principalmente na internet, ajudam na manutenção do capital social de quem originou a ideia, o meme. “A noção de uma competição pela atenção dos usuários não é abandonada, já que é possível constatar que alguns modelos e versões de memes claramente tornam-se mais populares e duradouros” (FONTANELLA, 2009, p.10). Ou seja, geralmente os memes possuem certo padrão, seja por um bordão ou uma imagem, mas vão se alterar, mantendo a essência do que fez a ideia virar um meme.

No caso da fanpage do site de rede social Facebook<sup>20</sup>, a Diva Depressão<sup>21</sup>, o padrão memético é uma imagem, geralmente em preto e branco, com uma diva

---

<sup>20</sup> [www.facebook.com](http://www.facebook.com) Acesso em maio de 2013.

<sup>21</sup> [www.facebook.com/DivaDepressao](http://www.facebook.com/DivaDepressao) Acesso em maio de 2013.

reconhecida mundialmente ou nacionalmente, no caso do Brasil, com algum discurso carregado de ironia na composição da linguagem imagem + texto. Entretanto, há variações onde outros memes entram na fanpage, como é o caso do meme Indiretas do Bem<sup>22</sup>, que utiliza uma linguagem escrita para espalhar pelo Facebook dizeres carinhosos e detalhes sobre os prazeres cotidianos. Geralmente o discurso escrito começa com “gente que...” e o complemento. A fanpage Diva Depressão, entre outras, utilizou a ideia memética<sup>23</sup> do Indiretas do Bem para modificar o meme, com características do que o tornou uma ideia propagadora de cérebro para cérebro.

Entende-se, portanto, que o meme tal e qual não é tão perene na Internet, tanto pela quantidade como pela facilidade em que as pessoas tem em replicá-los, recriá-los e esquecê-los. Entretanto, o formato pode permanecer por mais tempo, e isso mantém o meme, de alguma maneira, vivo.

Paradoxalmente, no caso dos memes da Internet os replicadores são justamente um elemento que estimula a participação das pessoas comuns, pois como o modelo básico é simples e a qualidade demandada para as intervenções não é muito exigente, torna-se muito fácil participar produzindo uma versão “original”, ao invés de apenas retransmitir um já existente. (FONTANELLA, 2009, p.11)

Como essa variação é constante, na internet torna-se difícil constatar qual é a unidade replicadora de um meme na rede, porque ela pode se confundir ou mesmo nem ser definida. Essa mutação - ou variação, como foi dito anteriormente - e essa mistura de ideias replicadoras, de memes na rede, pode ser definida pelo que Dawkins (1979) classifica como memeplexos, que seriam combinações de memes que aumentam seu potencial replicador e o ajudam a se manter. Assim como por meio da fala uma história ou um discurso nunca é igual ao original, o mesmo acontece com os memes nos sites de rede social. Essa ideia está ligada àqueles três pilares que fazem um meme ser e se manter um meme, como a hereditariedade ou, a capacidade de mudança e recombinação de ideias antigas (Recuero, 2009) para manutenção da ideia cultural replicadora.

<sup>22</sup> [www.facebook.com/indiretasdobem](http://www.facebook.com/indiretasdobem) Acesso em agosto de 2013.

<sup>23</sup> [https://www.facebook.com/photo.php?fbid=329534967181566&set=pb.165680880233643.-2207520000.1375723660.&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-b-a.akamaihd.net%2Fhphotos-ak-arc1%2F995723\\_329534967181566\\_189958854\\_n.jpg&size=701%2C658](https://www.facebook.com/photo.php?fbid=329534967181566&set=pb.165680880233643.-2207520000.1375723660.&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-b-a.akamaihd.net%2Fhphotos-ak-arc1%2F995723_329534967181566_189958854_n.jpg&size=701%2C658) Acesso em agosto de 2013.

Recuero (2009) trabalha os memes com as ideias classificatórias de Dawkins: a fidelidade da cópia, a longevidade e a fecundidade. A fidelidade de cópia num site de rede social pode ser demonstrada na quantidade de vezes em que um meme é repassado às redes virtuais dos amigos que cada sujeito tem. Quando há a cooperação dos membros, no caso de uma fanpage, um meme pode ter uma fidelidade de cópia alta, porque a informação a ser repassada será tal e qual a do meme produzido pela própria página. Quando alguém gosta de uma fanpage ou de um meme de uma fanpage, a tendência é que o meme, ao estar incutido no cérebro do sujeito, ele o repasse ao seu círculo de amigos, que curta a página e que acompanhe a produção de novos memes.

No caso dos exemplos citados acima e da fanpage a ser analisada no presente trabalho, esse meme tem valor mimético, e não metamórfico - que compreende memes que são alterados completamente quando são passados adiante (Recuero, 2009). Os memes miméticos podem ser personalizados, mas tem a estrutura sempre semelhante e servem como referências de imitação. Esse meme tem um valor forte nas relações sociais estabelecidas nos sites de redes sociais porque cria um elo de laço social que ajuda a manter a interação entre os sujeitos, embora o contexto para aqueles que não compreendem o meme possa se perder em decorrência dessa cumplicidade que o meme estabelece entre quem o replica. Quem compreende o meme também pode ter um valor, um capital social mais fortalecido perante os integrantes da sua rede. Para que se compreenda o meme é necessário que a pessoa tenha se apropriado na linguagem utilizada naquele contexto.

A longevidade classifica os memes como voláteis ou persistentes. Os persistentes não se reproduzem na rede por um breve espaço de tempo, permanecendo por mais tempo, mesmo que não com a mesma assiduidade, e sendo facilmente reconhecido mesmo que haja oscilação na sua frequência. “Memes persistentes parecem associar-se com memes replicadores e miméticos, pois há pouca ou nenhuma variação” (RECUERO, 2009, p.127). No caso da fanpage Diva Depressão o meme mantém uma estrutura sempre semelhante, com poucas variações de imagens e mais variações de discurso escrito, porém também com suas semelhanças.

Como a página foi criada em julho de 2012, e ainda permanece com interação entre os sujeitos, em menor ou maior grau, ela é um meme que se mantém num

ambiente onde a reprodução e replicação de ideias rápida. E serviu de fonte para imitações, surgindo páginas muito semelhantes à original e páginas relacionadas ao termo “depressão”, contendo também a carga de humor peculiar do meme Diva Depressão. Entretanto, o meme exemplificado não é tão perene quanto uma poesia de Mário Quintana, por exemplo. Os memes voláteis são aqueles que caem no ostracismo (Recuero, 2009), que são esquecidos facilmente apesar de num curto período terem sido intensamente replicados, sendo menos valorizado do que o meme persistente.

Recuero (2009), ao falar sobre a fecundidade dos memes, falará do fato deles poderem ser fecundos ou epidêmicos. Os epidêmicos são aqueles que se espalham por muitas redes, redes de amigos, da internet, de algum site de rede social. Os fecundos se disseminam por grupos menores, que não se espalham tanto quanto outros. Os memes também podem ser locais, ou globais (Recuero, 2009). Os globais, como o termo sugere, se espalham por inúmeras redes, como uma epidemia, e os memes locais não se espalham tanto, sendo geralmente associados a redes sociais onde os laços são mais fortes entre os sujeitos (Recuero, 2009).

A difusão dos memes num site de rede social vai depender, principalmente, do tipo de capital social que um sujeito quer construir para si ou para seu grupo num processo de interação e construção da face. Como já foi visto, capital social (Recuero, 2009) corresponde ao valor de determinada representação, o valor de uma ideia, de uma pessoa, de uma conversação, dentro da rede virtual. Pode dizer respeito tanto a interesses individuais, os interesses que o sujeito identifica como positivos para si, no caso de compartilhar ou comentar em algum meme para agregar valor à sua representação, demonstrando que ele é um indivíduo que está por dentro da propagação fugaz de memes na internet- isso pode lhe trazer mais amigos, ou ao menos, mais interações.

O capital social é uma forma de o indivíduo pertencer a um grupo, com mais prestígio em troca de maior conversação e mais influência. Quanto maior a influência de um sujeito ou de um grupo, maior seu capital social,

portanto, o capital social poderia ser percebido, pelos indivíduos, através da mediação simbólica da interação [...] e, igualmente, através de sua integração às estruturas sociais. Por conta disto, o capital social pode ainda ser acumulado, através do aprofundamento de um laço social (laços fortes permitem trocas mais amplas e íntimas), aumentando o sentimento de grupo (RECUERO, 2009, p.49-50).

A autora ainda afirma que para se entender o capital social é necessário levar em consideração não apenas as relações estabelecidas entre as pessoas, mas igualmente o conteúdo das mensagens nas trocas conversacionais entre elas.

Um meme é propagado numa rede social como o Facebook por meio dos suportes que a própria ferramenta disponibiliza como o curtir, o compartilhar ou o comentar, que acabam disseminando a ideia por redes diversas dentro do site. E elas estão diretamente relacionadas ao capital social que determinados sujeitos tem dentro dessas redes e o uso que eles fazem destes dispositivos. Quanto mais laços e mais valor – capital social- determinado indivíduo tem perante um grupo, há mais chances de ele disseminar um meme e as pessoas darem cada vez mais valor a ele. Recuero (2009) trata disso ao falar da autoridade, que está ligada a essa propagação dos memes na internet.

“Isso porque as informações são difundidas também porque há atores que são bastante influentes. Essa influência é causa e consequência dos tipos de informação publicada por um determinado ator e das impressões que este causa nos demais” (RECUERO, 2009, p. 131). Quanto mais popular for o ator e mais popular se tornar o meme, maiores as chances desse meme circular por nós variados numa rede. A popularidade, a influência e a visibilidade são importantes na rede para propagação do meme, e a autoridade e reputação dos atores significam mais valor para ele e mais força para um meme.

Com a facilidade que a tecnologia traz, em apenas reproduzir tal e qual ou copiar literalmente uma ideia, novos memes surgem a cada dia, e o que pode mantê-los por mais tempo tem a ver também com a memória construída de forma coletiva, bem como a inteligência coletiva que ajuda a disseminar os memes. Inteligência coletiva é um termo de Pierre Lévy (1999), que sugere que a inteligência coletiva é algo que está em toda parte e que é distribuída por toda parte. A ideia é que as pessoas enriqueçam mentalmente de forma mútua e colaborativa. Como um meme constitui grande parte da cultura de grupos sociais, há uma construção mútua de uma forma de comunicar

peculiar, que exige conhecimento de ferramentas, contexto, interesse, linguagem própria e laços sociais entre pessoas dentro de uma mesma rede social.

A partir deste conceito os grupos sociais funcionam como um cérebro gigante onde cada um constitui parte dele e agrega significados a certos símbolos e situações, principalmente num ambiente que permite isto com maior facilidade, como a internet, porque é possível se mobilizar em tempo real. Lévy (1999) concebe o indivíduo dentro dessa inteligência coletiva como um sujeito mais interado, mais alheio a estereótipos e fetiches, mas para isso propõe que estes sujeitos conheçam-se e conheçam o seu grupo. “A inteligência coletiva só tem início com a cultura e cresce com ela” (LÉVY, 1999, p. 31).

Essa teoria deixa o sujeito livre para opinar, confrontar e criar novos conhecimentos, ou novas ideias, novos memes. Ao se propagar facilmente na internet o meme não é repensado ao se transformar ou ao se fazer presente em grupos sociais diversos, ele simplesmente se torna parte da comunicação estabelecida entre os sujeitos. Mas se o meme é parte da linguagem e das apropriações durante a conversação, na internet ele pode vir carregado de inúmeras outras linguagens adjacentes e complexas, como a violência, o riso, a ironia, ou o próprio humor.

### Capítulo 3: Violência

Quando um sujeito escolhe participar de um site de rede social, ele passa também a recriar fragmentos de si dentro de uma plataforma, de acordo com o que ele acredita ser e deixa transparecer e também por meio de representações que a sociedade espera dele. Ou seja, o sujeito é coagido a ser ou a se representar conforme as vontades de seu grupo social e conforme aquilo que vai lhe atribuir mais valor dentro da sociedade. Essas representações podem acontecer com o auxílio da linguagem de memes, que é o propósito do presente trabalho. Além disso, as apropriações que o próprio sujeito e seu grupo social fazem de certas ferramentas serão relevantes para o contexto e a troca conversacional nas redes sociais. Como os sujeitos são essencialmente comunicativos, falar e se expressar por meio de uma linguagem mutável faz parte da vida das pessoas, porque elas estão o tempo todo significando ou conferindo significados às coisas.

Construir identidades e estabelecer laços entre as pessoas não é tarefa das mais fáceis, principalmente quando todos os fragmentos que formam o sujeito estão colocados em um site de rede social. Até que ponto o sujeito tem controle sobre o que ele dissemina na rede, qual discurso se impõe em seus comentários e por que este discurso pode ser violento? Busca-se compreender aqui como se dá essa troca conversacional e o discurso da violência simbólica, não aparente, entre os usuários de uma plataforma de rede social.

Pretende-se levantar dados que mostrem a presença da violência como intrínseca ao ser humano e readaptada conforme o contexto em que os grupos encontram-se. Funcionando a partir de relações de poder, onde uma pessoa se sobrepõe a outra porque, ao ser intrínseca, entende-se que alguém precisa ser dominado e aceitar isto, enquanto outros precisam dominar sem que esta relação se desgaste e seja vista, a priori, como violência. Muitas são as vezes em que ao se estar inserido num grupo social, o sujeito será dominado pela linguagem utilizada pelo grupo, e vai contribuir para manter a dominação de um grupo sobre outro ou se manter subordinado a um grupo dominante. Se o ser humano se impõe pela linguagem, e estabelece por ela o que significa determinado termo ou símbolo, e é por meio dela que se criam imagens

pejorativas de determinados grupos, mesmo que de forma velada, a violência é uma realidade mesmo quando não física ou direcionada a alguém.

Neste capítulo a violência, que é caracterizada como tal a partir da linguagem estabelecida pelos seres humanos – é através da linguagem e dos significados dados às palavras que se compreende o que é violência e o que está junto a ela, como preconceito, ódio ou sentimentos de humilhação e até do próprio poder- será abordada a partir do entendimento da violência como uma atribuição através da linguagem sendo natural ao ser humano (Benjamin, 1999; Hobbes, 2006) e também modificada historicamente (Benjamin, 1999). O ódio, uma forma mais intensa de violência (Lebrun, 2008) será abordado, assim como a sistematização dessa violência por forças coercitivas de grupos sociais que estabelecem situações que levarão ao estigma (Goffman, 2008). Será levada em consideração também a construção cultural dessa violência colocada pela linguagem e natural do ser humano, para que se entenda, finalmente, o conceito de violência simbólica e sistêmica trazida por Bourdieu (1989) e Zizek (2009).

Apesar da violência física e aparente parecer ser mais ameaçadora, o que se pretende mostrar aqui é a força da violência simbólica travestida, pelo humor, tópico que será analisado no próximo capítulo. Através dos estigmas (Goffman, 2008) certos padrões de violência que não são assim considerados, mas que desencadeiam uma série de questionamentos sobre até que ponto a linguagem deixa o ser humano se representar ou representar o que um grupo quer em detrimento da sua participação na interação são motivações que levam a se entender um pouco mais sobre a violência neste capítulo.

Para que se compreenda aonde se quer chegar, será apresentado um breve histórico sobre a violência, começando por uma violência marcada e mais facilmente percebida pelos sujeitos sociais, até chegar a outra maneira de violência, por meio do estigma (Goffman, 2008), uma forma de violência que pode ser marcada e também não marcada, dependendo do tipo de estigma que os sujeitos carregam, mas que acabam influenciando as relações sociais e desencadeando tipos de violências veladas. Em seguida será abordada a violência simbólica, discutida por Bourdieu (1989) e Zizek (2009), além da violência sistêmica (Zizek, 2009), incluída ainda no tipo de violência invisível. Neste capítulo também serão levados em consideração aspectos sobre a violência invisível em sites de redes sociais, no qual algumas apropriações da

ferramenta Facebook serão discutidas para que se compreenda como pode ocorrer e de que maneira pode se disseminar a violência simbólica nesta rede.

### **3.1 Contexto histórico da violência**

Pensando na violência como algo que pode ou se desenvolver na troca conversacional entre os sujeitos sociais ou como algo que já está presente na natureza desses sujeitos, a presente pesquisa vai levar em consideração uma mescla dessas duas vertentes de investigação, na qual uma – a de que a violência é intrínseca ao ser humano- e outra – de que ela se modifica e é, em partes, construída socialmente-completando-se.

Benjamin (1999) disse que a violência pode surgir por duas vertentes. Uma delas é que a violência é produto da natureza, fruto de uma lei natural não imposta necessariamente pelos e para os sujeitos, e outra, que a violência é construída historicamente, através das relações construídas pelos sujeitos. A violência é, então, erguida nas relações sociais e históricas, como algo que as pessoas desejam e, atribuindo sentido aos seus desejos, a usa para dominar (Marx, 1998). Os sistemas sociais, portanto, resumem-se às relações de dominação entre uma classe que tira tudo que outra possui, dominando-a, fazendo com que esta classe inferior se sinta dependente das classes com maiores poderes.

Lebrun (2008), psicanalista francês que estuda o fenômeno do ódio, diz que este está diretamente ligado à violência, em manifestações do cotidiano das pessoas, ligado a fatores históricos. Para ele o ódio é um sentimento e as intolerâncias das pessoas, como a intolerância de raça, religião ou política são materializações destes sentimentos. Ao relacionar esse conceito a Lebrun (2008), falando-se sobre violência, é necessário entender que o autor leva em consideração mudanças históricas e transformações sociais as quais as pessoas estão expostas. O encontro com o outro será sempre violento para o psicanalista, uma das vertentes levantadas por Benjamin (1999) ao tratar da violência como produto histórico das relações sociais.

Sobre essa relação da violência e do ódio com a linguagem, Lebrun (2009) dirá que

o encontro com o Outro da linguagem é sempre “traumático”, já que ele constrange a passar da continuidade sensível à descontinuidade significante [...] Mas trata-se de uma violência salutar, de um traumatismo não traumatizante, simplesmente porque o ganho que será obtido – o uso da palavra – é bem superior à perda exigida. [...] A relação linguagem-ódio se baseia simplesmente no fato de que este constrangimento [ou coação] do nosso linguajar traz espontaneamente à tona o ódio, a cólera de dever assumir esta condição (LEBRUN, 2009)<sup>24</sup>.

Para o autor essa condição fará com que a violência aumente, porque a própria linguagem, o próprio ato de denominar coisas - e o contato com o outro - traz essa tensão, onde a violência é geral, e não fixada, como será visto mais para frente. Lebrun (2008) também aborda o ódio como algo histórico, mas vinculado ao que essencialmente já faz parte do ser humano. Ele afirma que os sujeitos respondem a certos rituais para que a interação seja mantida dentro de uma estrutura com o menor grau de violência possível, mas o autor destaca que a humanidade é, essencialmente, inimiga da civilização.

Arendt (2009) ressalta essa mistura de concepções, onde a violência está no ser humano, faz parte dele, mas também é modificada pelo contexto social e histórico, quando diz que a violência, ao se tornar coletiva é que ganhará ares de uma situação presente no cotidiano dos seres humanos, e que vai interferir diretamente na construção ou desconstrução de seus laços sociais. Partindo da concepção de que estes autores trabalham a violência como fruto da própria civilização, marcada pela linguagem e alterada pelo contexto, onde existem rituais pré-estabelecidos aos quais a sociedade responde, Benjamin (1999) contextualiza a violência como fruto do direito, com uma relação de meios e fins, que ajudam a remanejar e coordenar as sociedades em seus rituais. Assim como para Arendt (2009) a violência está relacionada ao poder ou à falta dele, para Benjamin (1999) ela está vinculada ao direito, suas regras e seus fins justos ou injustos.

Benjamin (1999), ao tentar contextualizar a concepção de violência diferenciará o direito como direito natural e direito positivo. O autor vê o direito como uma relação de meios e fins, sendo que a violência só pode ser procurada na esfera dos

---

<sup>24</sup> Entrevista disponível em: <http://www.cmceditora.com.br/entlebrunIHU220609.htm> Acesso em outubro de 2013.

meios, já que ela é vista como uma maneira para se obter certos fins, e não o contrário. O direito, nesse caso, funcionaria como um sistema de fins justos, já que a violência seria percebida como, em alguns casos, um meio para fins justos ou injustos. Benjamin (1999) viu o direito como produto regulador do estado, que se impõe para as sociedades e, por isso estabeleceu a Teoria da Lei Natural do Estado, onde as pessoas dão sua violência – presente em todas as pessoas- para que o Estado as regule.

a) **Lei Natural do Estado e o controle social que justifica a violência não marcada do Estado**

Benjamin (1999) falou do direito natural, que não vê problemas no uso de meios violentos para fins justos, sendo condenado o uso da violência, essa matéria-prima, quando há abuso dela para fins injustos. Na Teoria da Lei Natural do Estado, as pessoas dão “sua violência” para o bem do Estado. Essa ideia de violência é contrária à concepção do direito positivo (Benjamin, 1999), que a vê como um produto histórico. Como a violência também está ligada ao poder, esse é visto como algo que se criou historicamente, e onde o direito positivo visa garantir a justiça dos fins através da legalidade, da legitimidade dos meios. Ou seja, os fins justificam os meios. O direito natural, ao contrário, só se preocupa em legitimar os meios para justificar os fins. O autor via a violência ser constituída como para ser usada para fins injustos ou fins justos.

O direito de que fala Benjamin (1999) considera o poder<sup>25</sup>, quando na mão dos indivíduos, um perigo iminente de subversão da ordem judiciária, porque esse direito, construído historicamente e imposto por relações de poder entre Estados ou instituições, que estariam acima dos demais, tem como intenção monopolizar o poder diante dos sujeitos e, o fato dessa tentativa de monopolização do poder por parte do Estado ou uma entidade igualmente significativa faz com que os próprios sujeitos se voltem contra o direito de certa maneira imposto. A violência é vista, para o Estado, como ameaça a partir do momento em que existe fora da lei, porque anula a legalidade dos fins e faz com que o Estado renuncie a seu monopólio. “(...) todos os sistemas autoritários, que se

---

<sup>25</sup> O conceito de poder está aqui diretamente relacionado à ideia de separação de classes por hierarquias (Marx), onde a sociedade se divide política e economicamente por meio do que se chama poder. Bourdieu (1989), ao falar do Poder Simbólico, ressaltará essa hierarquia e essa coerção exercida sobre os sujeitos. Vai ao encontro também da proposta de Arendt (2009) que acredita que é quando há a perda da autoridade, ou seja, quando os sujeitos começam a questionar o poder, ocorre a violência.

supõem sociedades perfeitas, além dos sistemas de justificação dados para especificar uns em relação aos outros, são todos fundados por um ato ou uma situação de violência” (MAFFESOLI, 1987, p.26). O Estado impondo-se sobre a sociedade é, sozinho, um agente violento, porque tolhe dos grupos que eles mesmos se organizem, impondo-lhes modos de agir e ritualizar. Ou seja, a violência se justifica para o direito até onde consegue controlar os sujeitos, para que estes não usem a sua violência, incubada, e se interponham aos sistemas simbolicamente estabelecidos.

Para Arendt (2009) é a partir deste momento que o poder deixa de existir e somente a violência passa a se fazer presente. Para a autora, mesmo que a maioria das pessoas vinculem o poder e a violência, as duas situações não poderiam conviver concomitantemente, acreditando que uma é o oposto da outra, mas há o Estado que coercitivamente priva os sujeitos de certas situações através da violência, mesmo que disfarçada, mesmo que mascarada de poder.

Compreende-se que a violência é natural ao ser humano, mas que ela precisa ser em partes, domesticada e transformada pelas interações e mecanismos de coerção social, seja através da violência não marcada do Estado ou por pequenos grupos que se organizam socialmente e se impõem em relação a outros. É o que Hobbes (2006) estabelece como contratos sociais, onde, para o autor, deve haver um Estado Soberano no qual somente a figura deste Estado forte poderia acabar com certos conflitos na sociedade. Hobbes (2006) acredita que sem um Estado regulamentador a igualdade dos homens os leva à guerra, com um podendo destruir o outro. O Estado regulamenta as ações dos homens, e estes, regulamentados, não sentem vontade de entrar em conflito com o outro. Acontece que agindo dessa forma, o Estado mantém uma posição de coerção que acaba sendo violenta, como se a violência do Estado em detrimento da ordem social não fosse realmente algo violento.

Maffesoli (1987) chama o fato dos grupos que não são de dominação se revoltarem e se voltarem contra o Estado de funcionamento “positivo” e utilitário da violência, porque julga que é a partir da violência que esses grupos sociais, formados voluntariamente – a violência é vista, portanto, como algo que o sujeito precisa para obter o que ele deseja- a fim de tirarem proveito uns dos outros (Hobbes, 2006), que se cria e se renova a estruturação social.

Mas até essa busca ou identificação de uma mudança estrutural em quem detém o poder, há uma espécie de institucionalização que passa do direito que, por sua vez institui certos poderes construídos pela história aos quais os sujeitos devem respeitar, monopolizando-os, aparecendo, por fim, a violência. A violência gera conflitos por meio desse poder previamente estipulado. “Isso dura até que novos poderes ou os anteriormente oprimidos vençam o poder, até então instituinte do direito, estabelecendo um novo direito sujeito a uma nova decadência” <sup>26</sup>(BENJAMIN, 1999, p.251). É a renovação do poder vinculado à violência.

Para esclarecer então, Benjamin (1999) mostra que o direito natural, que legitima os meios para justificar os fins acaba por confundir justiça com necessidade, com aquilo que os sujeitos precisam para se organizarem socialmente. Já o direito positivo confunde justiça com lei.

Mas como não ocorrer à violência a partir do momento em que os sujeitos querem alterar o poder imposto através das leis do direito positivo? Através da linguagem de que fala Lebrun (2008), onde o indivíduo apresenta sua violência porque entra em contato com o outro? Ele “tem” ações ou pensamentos direcionados à violência porque está em contato direto com outros seres humanos? É possível alterar um direito até então oprimido sem o uso da violência e sua sistematização, já que ela também é produto da natureza histórica dos sujeitos?

### **3.2 A sociedade e seus rituais de sistematização da violência**

Para as perguntas feitas anteriormente, Benjamin (1999) vai dizer que sim, que através das relações sociais é possível estabelecer uma relação não violenta dos conflitos. A violência pode não ocorrer porque os sujeitos têm receio, certo medo das desvantagens que podem surgir de um confronto. Como as desvantagens podem ser mútuas, os indivíduos deixam de agir violentamente para mudar o poder instituinte do direito, mas há a violência porque ela está presente, porque há uma tensão, logo, a resolução não violenta de determinado conflito torna-se possível a partir do momento em que não se exclua, a princípio, a existência própria da violência acima do poder,

---

<sup>26</sup> “This lasts until either new forces or those earlier suppressed triumph over the hitherto lawmaking violence and thus found a new law, destined in its turn to decay” (BENJAMIN, 1999, p.251).

mesmo que ela não seja física ou transgrida para relações sociais mais abrangentes. E transgredindo, que não se faça presente de forma explícita.

Há, então, certos rituais a serem cumpridos, e os sujeitos os cumprem porque querem arrancar desses momentos algo que os satisfaça dentro da sociedade, que os coloque em maior evidência e em maior poder do que os outros, mesmo que para isso as relações sociais venham carregadas de uma carga de violência que diminuiu o outro, fazendo-o ser menos em sua sociedade. Como existem os rituais de convivência (Goffman, 2008) as pessoas estão destinadas a os cumprirem para serem aceitas em seus grupos sociais. Ao serem aceitas isto dará credibilidade à presença delas no grupo e elas se sentirão satisfeitas com o cumprimento dos processos ritualísticos da interação. Como a sociedade é dividida por meio de relações de força, onde um pode mais que o outro, seja em relação ao Estado perante a sociedade, ou em relação aos grupos sociais, entre si, as pessoas irão cumprir esses rituais mesmo que para isso elas precisem se apropriar de uma linguagem pouco utilizada por elas, ou diferente das que gostariam de tomar em um processo de interação. Se os sujeitos vivem em sociedade eles precisam se habituar aos rituais, mesmo que eles se tornem violentos.

Para Hobbes (2006), os homens buscam as sociedades para que cada um possa receber alguma honra ou algum lucro com essa condição, de viver socialmente. Para o autor os sujeitos não nasceram com uma habilidade inerente para conviver entre iguais, mas os fazem para que, através das relações estabelecidas, até mesmo pela linguagem, eles consigam se contentar vendo, no outro, falhas e fraquezas que não existem, a princípio, nele. Hobbes (2006) acreditava que os seres humanos adquirem, contraem a sociedade voluntariamente.

Como a aproximação acontece de forma voluntária as relações que se estabelecem entre os sujeitos se dá justamente com um querendo ferir o outro, e isso ocorre, conforme o autor, porque os indivíduos têm vontades iguais às dos outros, e não podendo desfrutar delas igualmente cria-se uma tensão, decorrente de um estado de natureza que Hobbes (2006) considerava um estado de guerra.

Jean-Pierre Lebrun (2008) faz uma análise da violência, mais precisamente sobre o ódio, a partir da ideia de Freud, onde o que especificamente interessa ao autor é o fato de que para o psicanalista, os indivíduos são, virtualmente, inimigos da

civilização. Ou seja, o indivíduo possui mesmo essa vontade de que falava Hobbes (2006), de querer ferir o outro e diminuí-lo para conviver em sociedade. A violência está em tornar determinado sujeito inferior em relação a si para que então, a sociedade, apesar de formada sob tensão, permaneça com certos processos clássicos de rituais pré-estabelecidos.

Sendo assim, para isto foram criadas regras e formas de conduta as quais os indivíduos devem obedecer no processo de interação, como rituais, para que certa ordem se estabeleça e fique esquematizada. Lebrun (2008) fala de uma mutação do regime simbólico<sup>27</sup>, onde a legitimidade coletiva do lugar de cada sujeito- pai, patrão, mestre, rainha, entre outras representações- está se alterando, e não é mais tão evidente. Os laços sociais<sup>28</sup> estão mudando e se encontrar em seus devidos papéis se torna difícil. Essa mutação, onde o papel social de cada sujeito não é mais tão definido, ou se torna fragmentado, vai fazer com que surjam novas formas de violência e do que Lebrun (2008) trata como novas formas de ódio.

O ódio, mais do que um sentimento ou uma manifestação de explosão violenta, é um fato de estrutura; temos ódio pelo fato de falarmos, assim pode ser enunciada a afirmação freudiana de que o indivíduo é um inimigo da civilização. A civilização nos impõe sempre um gozo<sup>29</sup> a menos, uma falta, uma restrição, e a isso respondemos com ódio. A questão decisiva, então, é o que fazemos com esse ódio que nos habita pelo fato de estarmos inseridos na linguagem? (LEBRUN, 2008, p. 09)

Ao dizer que o indivíduo tem ódio pelo fato de falar, e de estar inserido na linguagem, o autor também irá dizer que a presença do outro é que origina nosso ódio. Entretanto, a ausência deste outro também pode originar este ódio. Por exemplo, quando se coloca uma televisão em cada quarto, quando cada um tem seu notebook ou tablet, a consistência do outro vai sendo marcada por sua falta, e esses aparelhos acabam

---

<sup>27</sup> Lebrun (2008) chama de mutação do regime simbólico as mudanças de lugar de exceção que cada indivíduo ocupa na sociedade. Para o autor cada sujeito tinha antes papéis mais definidos entre seus grupos, como o papel de patrão, pai, mãe, entre outros, que permitiam mais nitidamente o reconhecimento coletivo que legitimava o sujeito em suas relações. Com a contemporaneidade ele acredita que estes papéis ficaram mais fragmentados, havendo uma mutação na exceção, neste regime que simboliza o que cada um é para o outro.

<sup>28</sup> São as conexões estabelecidas entre as pessoas durante a interação (Recuero, 2009). Os laços, as conexões entre as pessoas podem ser fortes ou fracas, dependendo do grau de integração, afinidade e intimidade entre os atores sociais.

<sup>29</sup> “O gozo do ódio é precisamente o fato de deixar o ódio realizar-se, cumprir-se como se esquecêssemos que ele é apenas a nossa resposta ao fato de que não colocamos mais a mão sobre o que a língua já nos subtraiu” (LEBRUN, 2008, p. 32)

tentando impedir conflitos, e o ódio dos indivíduos vai sendo endereçado a um ponto vazio, a uma violência que origina o ódio sem endereçamento (Lebrun, 2008). Para o autor, portanto, a violência é algo já presente no indivíduo, mas que emerge, de variadas formas e em diferentes situações, e passa a fazer parte de uma sociedade que é construída por suas culturas. É entrando em contato com a linguagem do outro, e se identificando ou distanciando, que a violência irá aparecer.

Para Lebrun (2008) falar induz ao ódio e os seres humanos são considerados escravos da linguagem, e é a linguagem que vai fazê-los recuar, se distanciar das coisas. Então, ao mesmo tempo em que a linguagem permite inúmeras coisas, permite inclusive que a sociedade se estruture como tal, ela também faz com que os seres fiquem em parte limitados, pois vão depender da interação com o outro, já que a língua vem sempre do outro (Lebrun, 2008).

Arendt (2009, p. 28) também diz “nada é mais óbvio do que a afirmação de que o homem *não* deve sua existência a si mesmo”, indo ao encontro do que Lebrun (2008, p.17) vai constatar ao dizer que “Nossa existência –nossa condição humana- é marcada inteiramente por consequências da captura pela linguagem”. Essa captura da linguagem vai depender do outro, e esse ódio que é endereçado ao vazio, à ausência, que faz parte da linguagem, acaba suscitando a violência.

Quando o ser humano se expressa ele é responsável pelo que diz, e como diz. Os seres humanos, ao se expressarem, assumem o desconhecido (Lebrun, 2008), que pode ferir, mesmo sem a intenção. Através da violência o indivíduo pode atentar contra o outro por meio da linguagem, onde se busca, através das palavras, atingir os demais presentes no círculo social, quando na verdade a própria fala é a voz do outro. Mas, como o ser humano não suporta ter em si a voz do outro, ele acaba agredindo, mesmo que verbalmente. Mas como poderia a violência, que suscita o ódio, se desenvolver a partir da consciência de que a língua vem do outro e que os seres se responsabilizam até pelo seu vazio, que também os faz falar?

Hannah Arendt (2009) questiona o fato de que a violência, um tema tão debatido e sempre presente nas relações humanas, não seja alvo de muitas pesquisas. Ela atribui a isso o fato de a violência ser considerada corriqueira. “[...] quanto a violência e sua arbitrariedade forem consideradas corriqueiras e, portanto,

negligenciadas; ninguém questiona ou examina o que é óbvio para todos” (ARENDDT, 2009, p. 23). Ou seja, a violência, algo que se desenvolve nas relações sociais, é óbvia e ao mesmo tempo a sua presença no cotidiano não é questionada, sequer sua presença nos outros.

O que acontece, segundo Lebrun (2008), é que esse ódio surge quando não se reconhece que o outro é apenas outro igual, semelhante. É quando não se vê que o outro é necessário e necessidade do outro fará com que a violência, o ódio, seja extravasado na fala, dizendo o que não está posto, o que não está completo em cada ser humano. A violência seria intrínseca ao ser humano, algo íntimo e, o ambiente cultural ao qual este ser é exposto, junto com o trabalho da *psique* é que vão proporcionar mudanças e formas de lidar com esta violência (Lebrun, 2008).

Arendt (2009) vai dizer ainda que a violência é como uma forma inquestionável de obediência, já que as pessoas, tentando conciliar poder e violência, numa atitude de tentar preencher seu vazio existente na linguagem, vazio este que está embutido na fala do outro com o qual interage, acabam impondo-se aos outros, persuadindo-os. E, se a partir disto houver o apoio popular para que uns se imponham sobre os demais, através de instrumentos-palpáveis ou não- de violência, tanto melhor para que haja o controle social.

Quando, então, grupos sociais se unem para praticar um ato de violência único, de forma conjunta, é quanto esta violência ganha ares de coletividade e se torna mais perigosa. “[...] encontramos uma espécie de coerência grupal que é mais intensamente sentida e que prova ser um vínculo muito mais forte, embora menos duradouro, do que todas as variedades da amizade, civil ou privada” (ARENDDT, 2009, p.86).

Essa coerência grupal corresponderia a uma espécie de senso comum previamente estabelecido por certos grupos que consideram determinadas atitudes, ações e pensamentos como algo aceitável e necessário. E se há uma coerência grupal na violência, muito mais do que na amizade, por exemplo, é devido às mutações dos laços sociais, que não conseguem legitimar o poder de suas posições na sociedade a não ser através da violência, mesmo que velada. No presente trabalho interessa a concepção de violência construída como produto histórico, mas sem deixar de levar em consideração que há a violência presente nos sujeitos.

A violência é algo que é natural para o ser humano, que dela não pode escapar, mas que é a partir das alterações sociais e da cultura de cada grupo dentro da sociedade e da história que essa violência vai se modificar, apresentando-se mais aparente, menos aparente, mais presente ou menos presente.

Mas se a violência é intrínseca ao ser humano, e modificada e interpretada em situações e relações sociais estabelecidas ao longo do tempo, o desejo mútuo de ferir o próximo, como disse Hobbes (2006), e esse desejo se deixar marcar pela linguagem (Lebrun, 2008) pode ocasionar também um receio, um medo mútuo, no qual há um equilíbrio entre os sujeitos se sentirem parte de um grupo, mas ao mesmo tempo desejarem estigmatizar alguns dos grupos aos quais participam. Essa relação se dá por meio de rituais e contratos estabelecidos entre grupos ou redes sociais.

### **3.3 O Estigma e a Violência**

Discutiu-se que os indivíduos absorvem para si a sociedade, ou a contraem (Hobbes, 2006), e que apesar disso o ser humano tem dificuldade em admitir para si que há em sua frente um semelhante, distinguindo-o através da linguagem, mostrando quem pode mais através da violência. Mas como os indivíduos convivem com essa violência e essa necessidade de interação? Como se dá a relação entre essas dicotomias? Para discutir essa questão nos apoiaremos em Goffman (2011), que fala de uma espécie de contrato que os sujeitos acabam estabelecendo, no qual cada um precisa ceder para se ter equilíbrio nas relações. A violência se dá então, minimamente, através do desprezo ou do desdém mútuos, tendo o riso como a maior das humilhações (Goffman, 2011). Ao rirmos do outro estamos desdenhando de suas ideias, colocando a fala do outro como errada, conforme Hobbes (2006),

[...] como o combate entre a engenhosidade humana é de todos o mais feroz, é dele que devem necessariamente surgir as maiores discórdias. Isto é odioso não apenas aos que nos combatem, mas também aos que não concordam conosco, pois, não aprovar a afirmação de um homem nada mais é do que acusá-lo de maneira implícita, de um erro em sua fala; assim como discordar em um grande número de coisas é como se considerasse um tolo àquele de quem diverges (HOBBS, 2006, p.21)

Novamente entende-se que é através da linguagem, da fala do outro e da igualdade da linguagem entre os sujeitos que se desperta esse estado de guerra, presente nos seres humanos, mas desencadeado por suas ações dentro da sociedade, desenvolvidas historicamente. Mas Hobbes (2006) também vai dizer que não há motivos para repreensão caso as relações entre indivíduos não sejam estabelecidas a partir de contratos previamente estabelecidos por meio de convenções, porque nesse caso não há injúria.

Para se compreender o que é o estigma e porque ele é uma forma de violência é preciso entender que a interação traz condições sociais impostas pelos grupos dominantes, dependendo do contexto e do espaço temporal em que se encontram. São relações baseadas em algumas concepções prévias, que se transformam em expectativas e normas e, conseqüentemente em exigências, gerando inúmeros desconfortos para aquelas pessoas que carregam consigo atributos que as levam ao descrédito. Não estar dentro dos atributos que uma sociedade exige caracteriza essas pessoas como seres estigmatizados. Goffman (2008) irá dizer que o ser estigmatizado é aquele que, apesar de poder ser recebido nas relações sociais, possui traços que se impõem e afastam aqueles que o estigmatizado encontra, já que há nele uma característica diferente das imaginadas pelos demais. É como se a sociedade ficasse cega para os outros atributos que determinada pessoa tem, vendo apenas seu traço estigmatizado. As representações que as pessoas criam para si e as que a sociedade estabelece para cada sujeito ou um grupo deles, tem a ver com o que Goffman (2011) chama de face.

### **3.3.1 Faces Estigmatizadas**

Para Goffman (2002), as pessoas se representam através de papéis, de maneira consciente ou não, e utiliza para isso o conceito de máscara para mostrar a representação da concepção que cada um forma de si, ou o que cada um gostaria de ser. Goffman (*apud* Park, 2002) considera que a máscara corresponde àquilo que conseguimos demonstrar em relação ao que gostaríamos de ser. A face, portanto, é o que os indivíduos, chamados de atores, evidenciam através da linguagem durante suas representações (Goffman, 2011).

Goffman chama de “face” algo mais do que o rosto, toda a fachada que sustenta um indivíduo. O trabalho de face é o esforço que cada um de nós faz para manter-se à altura da dignidade que projetamos sobre nós mesmos, à altura do tratamento que acreditamos merecer por parte dos outros (GASTALDO, 2008, p. 151)

Dessa forma, o esforço que cada um faz, acaba exercendo sobre o indivíduo uma coerção social onde ele se torna carcereiro de si (Goffman, 2011) porque, uma vez estabelecida a sua face, é preciso mantê-la. A face que sustenta o indivíduo, e que precisa ser aprovada pelos grupos sociais, é assim feita a partir da interação falada, com sinais e símbolos, que são testemunhados e considerados parte de um indivíduo ou um grupo de indivíduos.

Goffman (2001) chama este processo de construção da face, de ritual, com regras de conduta, obrigações e expectativas. “Parece que em qualquer sociedade, sempre que surge a possibilidade física da interação falada, um sistema de práticas, convenções e regras de procedimento entra em jogo, funcionando como um meio de orientar e organizar o fluxo de mensagens” (GOFFMAN, 2011, p.39). Nota-se que as regras de conduta auxiliam o processo da fala e a troca de turnos destas falas ajudam cada pessoa a sustentar sua face, seu eu. E além do outro ajudar a sustentar a face de uma pessoa, esse outro também se torna plateia.

A interação traz diversas condições sociais impostas pelos grupos dominantes, dependendo do contexto e do espaço temporal em que se encontram. Relações baseadas em pré-concepções, que são transformadas em expectativas e normas, e que acabam se tornando exigências, geram inúmeros desconfortos para aquelas pessoas que carregam consigo atributos que as levam ao descrédito. Não estar dentro dos atributos corretos que uma sociedade exige caracteriza essas pessoas através de um estigma.

Goffman (2008) irá dizer que o ser estigmatizado é aquele que apesar de poder ser recebido nas relações sociais tem um traço que se impõe e afasta aqueles que o estigmatizado encontra, já que possui uma característica diferente das imaginadas por eles. É como se o indivíduo que possui um estigma, fizesse com que a sociedade ficasse cega para todos seus outros atributos, que permitiram constituí-lo como um ser de face aceitável.

Os estigmatizados se dividem em dois núcleos. Quando se trata de um estigma muito aparente, como um braço amputado, ou excesso de peso, este sujeito é um estigmatizado desacreditado, já quando ele não é tão aparente assim, , quando não se tem um conhecimento prévio da diferença do sujeito, ele é um desacreditável (Goffman, 2008).

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social (GOFFMAN, 2008, p.15)

A situação de exclusão é vista tanto na questão do autoisolamento quanto ao isolamento social, onde o indivíduo que possui o estigma, que possui atributos sociais não condizentes com a sociedade, sejam eles físicos (cegueira, surdez, paralisia), sejam eles mentais, acaba tomando atitudes de retraimento ou até mesmo de agressividade.

A relação entre grupos estigmatizados também é abordada por Goffman (2008), no sentido de que, como todos possuem um mesmo tipo de estigma, alguns sujeitos acabam usando pequenas desvantagens dessas situações para organizarem suas vidas e aceitarem que não poderão nem se desfazer do grupo que possui seus mesmos estigmas- que foram assim classificados pelos então normais- e nem poderão se desfazer dos demais grupos sociais. Grupos que possuem pessoas com os mais diversos atributos e que precisarão se readaptar às novas realidades impostas por uma pessoa que tem algo que a deixa menos receptiva ao mundo. É através destas diferentes relações que o estigmatizado vai ver que seu grupo, característico por determinado estigma é mais comum do que ele poderia imaginar, e que os mais, conforme Goffman (2008), normais<sup>30</sup>, também podem, para outros grupos sociais, serem estigmatizados.

São estabelecidos dentro do tratamento de estigma, parâmetros para os símbolos, que seriam os signos que transmitem alguma informação social (usualmente uma informação mais ou menos permanente, reflexiva sobre as características de um

---

<sup>30</sup> Goffman (2008) vai chamar de normais todos aqueles indivíduos que não se afastam de forma negativa das expectativas esperadas pela sociedade, que não possuem nenhuma característica diferente das previstas.

indivíduo) que de alguma forma, frequentemente são acessíveis e regulares. Esses símbolos se diferem em símbolos de prestígio e símbolos de estigma (Goffman, 2011). Quando algum signo não permanente, que é usado somente para transmitir uma informação social sobre um sujeito, e que acaba sendo empregada contra a vontade deste sujeito, ele é considerado um símbolo de estigma. Goffman (2008) ressalta que os signos têm variações de significado conforme o grupo e a confiabilidade das pessoas umas com as outras. Estes signos, além de variarem o significado podem variar também no tempo, significando de outras formas ou atribuindo novos signos a mesmos significados conforme o período temporal e as condições sociais em que ocorrem.

### **3.4 Tipos de estigma**

Os estigmatizados se dividem em dois núcleos (Goffman, 2008). Quando se trata de um estigma muito aparente, como um braço amputado, ou excesso de peso, o sujeito é um estigmatizado desacreditado. Já quando ele não é tão aparente assim, quando não se tem um conhecimento prévio da diferença do sujeito, ele é um desacreditável. É como se o estigma tornasse a pessoa menos humana, discriminando-a. “Construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social” (GOFFMAN, 2008, p.15). Um estigma que classifica o sujeito como um desacreditável são as diferenças estabelecidas durante a interação, como a discriminação racial, de nível intelectual, orientação sexual ou diferenças de sexo onde a mulher carrega estigmas diferenciados dos homens. Goffman (2008) dirá que, independente do tipo de estigma, o sujeito pode ser excluído pelos atores sociais ou pode se autoisolar, criando atitudes de retraimento. A concepção está ligada ao conceito de violência simbólica colocado por Bourdieu (1989), no qual os seres estigmatizados e violentados acabam se retraindo e acostumando-se com a violência que lhes é imposta. “O estigmatizado pode buscar a companhia dos seus iguais para refugiar-se com conforto ou para obter auxílio e instrução quanto ao modo de se relacionar com o Outro” (HIKAWA, 2008, p. 06).

Além da relação do estigmatizado com o não estigmatizado – ou o menos estigmatizado- Goffman (2008) também aborda a relação entre grupos estigmatizados, no sentido de que, quando todos possuem um mesmo tipo de estigma, alguns sujeitos

acabam usando pequenas desvantagens dessas situações para organizarem suas vidas e aceitarem que não poderão nem se desfazer do grupo – aceitando o que lhes é imposto, como uma violência mascarada pelo poder- que possui seus mesmos estigmas e nem poderão se desfazer dos demais grupos sociais. Grupos estes que possuem pessoas com diversos atributos e que precisam se readaptar às novas realidades impostas por uma pessoa que tem algo que a deixa menos receptiva ao mundo.

Goffman (2008) explica os tipos de estigma a partir da ideia de que cada sujeito tem duas identidades, uma identidade social e uma identidade virtual. A identidade social corresponde àquela que os sujeitos agem no processo de interação, geralmente correspondem às necessidades que a sociedade exige de uma pessoa neste processo. É em relação a esta identidade que as pessoas responderão ao sujeito, ou seja, são as impressões que as pessoas têm uma das outras. Já a identidade virtual é algo não concreto. Nesta identidade estão as outras impressões que as pessoas formam de um sujeito, uma pré ou pós-concepção desenhada nas mentes das outras pessoas e aquilo que cada sujeito deixa transparecer para que estas impressões se formem nas mentes de outras pessoas.

Segundo o autor, o que diferencia um estigma de outro é o quanto nossa identidade virtual se deixa transparecer na identidade real. Quer dizer que se uma pessoa acredita carregar aspectos negativos que transparecem para o mundo, ou para a identidade real, ela será um desacreditado, como um estigma mais aparente, que se deixa passar para o modo como as pessoas irão julgar umas às outras. Essa concepção de sujeito desacreditado pode se alterar, como é o caso de um padrão de beleza imposto às mulheres, ou o deficiente físico, que não é aceito pela sociedade. Se há 30 anos uma mulher acima do peso era considerada bonita, hoje não é mais, cria-se então um estigma e a pessoa torna-se uma desacreditada. No caso de um sujeito desacreditável há certo equilíbrio entre o que sua identidade virtual deixa passar e aquilo que os sujeitos julgam a partir disto. Mesmo havendo este equilíbrio o estigma se faz presente. É o caso do estigma feminino, onde a mulher mantém um equilíbrio entre o que ela acredita ser e o que a sociedade acredita ver dela. Mas mesmo com esta estabilização o machismo denotado nas interações acaba perpetuando o estigma feminino de mulher como ser inferior. O estigma de um sujeito desacreditável é mais sutil porque o sujeito vai manipular o quanto deixa transparecer de si, ou seja, ele pode controlar alguma

característica sua que leve a um estigma desacreditado e isto passar despercebido durante a interação. Esta manipulação se torna importante nas trocas conversacionais porque em relação às pessoas com traços estigmatizados que ficam entre os desacreditados, a comunidade tende a discriminá-las e tratá-las de forma inferior.

[...] a reação da comunidade normal é discriminar o estigmatizado com base na teoria de que se trata de um ser inferior, não completamente humano, ao se encontrar com um. Assim, ao se deparar com o indivíduo que apresenta o estigma, o indivíduo normal <sup>31</sup>reage com agressividade, chamando-lhe nomes como aleijado ou retardado. Se o estigmatizado também responde com agressividade o indivíduo normal sente-se justificado em suas ações (HIKAWA, 2008, p.03).

Como os indivíduos acabam se moldando ao que a sociedade espera deles como uma exigência, o sujeito desacreditado tem uma desvantagem perante o desacreditável, dependendo do que ele deixa transparecer ou não durante a interação. Mas Goffman (2008), ao falar dos símbolos de status, que são estas informações disponibilizadas aos outros e que atribuem significados a símbolos, como alianças de casamento ou distintivos de policiais (Hikawa, 2008), fala também dos símbolos de estigma. “Os símbolos de status contrapõem-se aos símbolos de estigma porque, ao passo em que aqueles simbolizam prestígio, estes desvalorizam o indivíduo” (HIKAWA, 2008, p. 09).

### **3.5 Símbolos de estigma**

A partir da teoria do estigma de Goffman (2008) são estabelecidos parâmetros para os símbolos, que seriam os signos que transmitem alguma informação social (usualmente uma informação mais ou menos permanente, reflexiva sobre as características de um indivíduo) que frequentemente são acessíveis e regulares. Esses símbolos se diferem em símbolos de prestígio e símbolos de estigma (Goffman, 2011). Quando algum signo não permanente, usado apenas para transmitir informação social sobre um sujeito, e que acaba sendo empregado contra a vontade deste sujeito, ele é considerado um símbolo de estigma. Goffman (2008) ressalta que os signos aos quais ele se refere tem, como já foi ressaltado, variações de significado conforme o grupo e a confiabilidade das pessoas umas com as outras.

---

<sup>31</sup> Conforme a concepção de Goffman (2008).

Os estigmas marcados simbolicamente e que se travestem por outros tipos de representação, como o humor, o deboche, a legitimidade de algo que na verdade não deixa transparecer o que está realmente marcado pela linguagem, essa violência implícita, está presente também, e de forma ainda mais marcada, pela facilidade de se buscar conversações e discursos marcados, em sites de rede social. Em um site de rede social os estigmas podem ser diferentes do que na interação face-a-face, já que não há a presença do outro marcada pelo seu corpo, por sua presença física. O estigma pode inclusive sofrer uma manipulação em sites de rede social, já que não se sabe exatamente quem são os indivíduos presentes na interação, e as fragmentações da identidade destes sujeitos. Os próprios sujeitos podem manipular informações a seu respeito e esconder estigmas que eles carreguem, entretanto, outros que não são estigmatizados fora dos sites de rede social o podem ser na rede por outros motivos – um exemplo seria o estigma da linguagem ou da falta de aptidão para o uso da linguagem adequada usada por certos grupos na internet.

“A manipulação do estigma é uma ramificação de algo básico na sociedade, ou seja, a estereotipia ou o “perfil” de nossas expectativas normativas em relação à conduta e ao caráter” (GOFFMAN, 2008, p.61). É como se determinados grupos precisassem ser considerados estigmatizados para que os rituais sigam seu rumo, porque parece precisar haver um padrão na sociedade.

### **3.6 Violência e sociedade- construção cultural**

Se os indivíduos se reconstroem socialmente e modificam a sua violência intrínseca a partir das relações que são estabelecidas entre determinados grupos e aquilo que se pode tirar de proveito de outros por meio de uma imbricada afinidade entre a violência e as relações de poder, essas mudanças nos tipos de violência e suas representações estão enraizadas no conceito de cultura de Thompson (2009), e Eagleton (2005), que veem a cultura como um pertencimento aos grupos sociais, na qual os indivíduos conferem sentidos a produções não linguísticas e onde se vê a necessidade de se estabelecer certas convenções que sistematizem esse simbolismo, que se altera sempre, em períodos históricos diferenciados. Assim como a violência, o conceito de cultura também permeia concepções já que não se sabe exatamente o que pode ser considerado, primeiramente, a cultura: a natureza da qual se cultiva, ou o cultivo que

transforma a natureza (Eagleton, 2005). Dawkins (1979) também surge com o conceito de replicadores culturais, no qual a cultura é construída por meio da replicação e cópia de ideias, que passam de cérebro para cérebro e constroem costumes de grupos sociais, como foi visto ao se falar dos memes.

### **3.7 Indivíduos como depósitos culturais**

Eagleton (2005) vai dizer que os meios culturais que usamos para transformar o que se diz natureza são eles mesmos, derivados dela, ou seja, a natureza produz cultura que transforma a natureza. Havendo a matéria-prima, os sujeitos a elaboram de uma maneira que ela se torna humanamente significativa. Assim como Bourdieu (1989) e Arendt (2009) falavam das relações de poder impostas por determinados grupos, que ocasionam tipos de violências, o cultivo como cultura também pode ser algo gerado para a sociedade, e não pela sociedade, especialmente pelo Estado (Eagleton, 2005). “A cultura é uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política liberar o eu ideal ou coletivo escondido dentro de cada um de nós” (EAGLETON, 2005, p.17). O Estado é que vai corporificar a humanidade e torná-la comum, encarnando a cultura, fazendo com que os sujeitos sejam como depósitos culturais. Os interesses desse Estado vão acabar governando os interesses culturais dos cidadãos, e isso acabará definindo um modo particular de se ver a humanidade. Há, portanto, uma diferença em como o Estado (ou os poderes vigentes por classes socialmente superiores) representa os sujeitos e como os sujeitos gostariam de se ver representados e, justamente isso é que gera conflitos, atritos que aumentam o ódio e a violência: quando grupos minoritários querem reagir à imposição dada por quem detém o poder (Mafessoli, 1987).

O que estabelece uma cultura pode ser identificado através da moderação com que os direitos ou as vontades de um grupo são representados, manifestados. A cultura está, conforme Eagleton (2005), ao lado das classes médias de boas maneiras – ou numa visão mais ampla poderia estar ao lado das classes que se impõem de inúmeras maneiras, por meio da coerção social- em vez do lado das massas iradas. Ou seja, é mais fácil a cultura colocada pelo Estado estar ao lado daqueles grupos que já se estabeleceram, que já firmaram suas ideias e que as repassaram, formalizando-as, mesmo que para isso tenham sido usadas certas coerções pelas massas mais poderosas, como disse Bourdieu (1989), do que dos grupos minoritários ou estigmatizados.

Eagleton usa a prostituição infantil como exemplo, onde o desagrado é uma posição mais satisfatória perante uma cultura social do que um grupo que se impõe veementemente a ela, porque a posição mais satisfatória é maior, se reproduz e se replica com mais facilidade. Nota-se isso atualmente em grupos homoafetivos, ou de mulheres que sofrem violência física, em relação ao bullying ou a corrupção. Ser muito contra ou muito a favor de determinados grupos acaba chamando a atenção e incitando a revolta. O estigma do corpo feminino, onde se impõe um padrão de beleza e isso não se entende como violência não é assim colocada, porque, segundo Bordieu (1989) as classes mais estigmatizadas não se identificam como sendo vítimas da violência, já que a cultura que lhes foi repassada e inculcada tem uma moderação na forma de agredir que torna as situações mais suaves e ajudam os tipos de violência a se disseminarem na sociedade.

Se os seres humanos são contrários às ordens impostas pelo Estado ou ao que já foi enraizado culturalmente, eles são recriminados por tentarem agir conforme suas vontades. Quando um indivíduo se sente prejudicado em relação a outro, é como se ele estivesse cometendo um ato de injúria que, conforme Hobbes (2006), não procede. “Pois se quem recebe o dano dele se queixar, quem o fez deveria responder assim: O que tu és para mim? Acaso eu deveria agir pela tua vontade ao invés da minha, já que não te impeço de seguir a sua vontade, em vez de seguir a minha?” (HOBBS, 2006, p. 35).

Atos assim desencadeiam processos considerados violentos, porque os seres humanos rompem as leis da natureza <sup>32</sup> e exercem atos de crueldade, como a vingança, o insulto, o orgulho e a arrogância. Esses preceitos correspondem a uma violência que não se apresenta plenamente aos grupos da sociedade. Ela existe e é alimentada pelas relações sociais, mas se utiliza de disfarces ou, de máscaras, para se fazer presente e se impor através de estruturas de poder que manipulam e acabam por criar preconceitos e estigmas nas camadas sociais.

A violência explícita, aquela que todos podem ver facilmente e da qual certos grupos se unem para combater é mais nítida, e se faz presente. Mas há vezes em que a

---

<sup>32</sup> O que se chama por Lei da Natureza corresponde às determinações compreendidas pela razão de ações que devem ser feitas ou omitidas, funcionando como uma espécie de ordenamento.

violência está presente sem se tornar explícita, e sem fazer o papel violento com o qual palavras agressivas e atitudes físicas que a denotam, estejam aparentes. A violência simbólica pode surgir por meio de poderes estabelecidos simbolicamente. Surge então a violência simbólica.

### 3.8 Violência Simbólica

Bourdieu (1989), em seu livro *Poder Simbólico* trata daquele poder que se vê em toda parte, mas que é na maioria das vezes ignorado, por se tratar de algo invisível à primeira vista: o poder simbólico. Retomando conceitos de estruturação de sociedades, o autor fala das estruturas que formam os sistemas simbólicos, como a religião, a arte, e a própria língua. Citando Durkheim, Bourdieu (1989) vai dizer que dentro da sociologia as formas simbólicas podem ser construídas a partir de formas sociais, determinando que essas estruturas simbólicas são socialmente produzidas, e que o poder simbólico ajuda a construir uma realidade.

Os símbolos seriam instrumentos de integração social (Bourdieu, 1989), e essa integração iria auxiliar na construção de sentidos para o mundo, estabelecendo ordens e normas sociais. Essas produções de símbolos seriam instrumentos de uma classe<sup>33</sup> dominante, que estabelece formas de se levar uma cultura que vai predominar perante outras. Apesar de estabelecer uma cultura una, “[...] a cultura que une [...] é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante” (BOURDIEU, 1989, p.11), seja ela imposta pela natureza e reconstruída socialmente ou apenas determinada por instituições de poderes, como o Estado. Quer dizer que se estabelecem espaços de relações entre os sujeitos e que se estes sujeitos possuem diferenças culturais ou econômicas não quer dizer que eles não possam ser colocados em grupos com semelhanças étnicas ou nacionais, por exemplo. Mas apesar dessa unificação, os indivíduos se subdividem, estabelecendo grupos de dominação e grupos de dominados. Ou seja, os sistemas simbólicos cumprem certos papéis de dominação que legitimam essa predominância de uma classe ou de um tipo de

---

<sup>33</sup> Classe no sentido amplo do termo, ou seja, de um grupo de pessoas que possuem condições semelhantes, bem como interesses, atitudes e práticas parecidas.

poder imposto simbolicamente, seja por meios econômicos, políticos ou qualquer outro, que vai deixar prevalecer uma classe sobre a outra, gerando uma violência, considerada então, simbólica.

Esta violência simbólica não está presente fisicamente ou de maneira mais marcante no dia a dia das pessoas, mas é um tipo de violência que se impõe e vai se fortalecendo ou enfraquecendo conforme as relações sociais, os grupos aos quais as pessoas estão inseridas, a própria cultura e as mutações dos laços sociais entre os indivíduos. É uma violência invisível porque está estabelecida pela linguagem, como será visto em breve neste trabalho, e porque é construída socialmente, por meios dessas relações de poder que Bourdieu (1989) fala. Funciona como uma forma de coerção e que afeta a vida das pessoas porque atribui, através da linguagem, significados pejorativos a símbolos e palavras, surgindo o preconceito, a renegação, o próprio estigma, que também é um tipo de violência simbólica. O termo –simbólica- é usado justamente por esta atribuição carregada de simbolismo feita pelos atores sociais. Por ser invisível é pouco discutido, porque faz parte do cotidiano e pode ser tida como natural, sem que afete explicitamente a vida das pessoas. Dois teóricos, Bourdieu (1989) e Slavoj Žižek (2009) estabelecem parâmetros e classificações do que pode ser esta violência e porque o que se pensa que não é violência na verdade pode vir a ser. Iremos trabalhar, portanto, os dois conceitos destes autores, destacando suas diferenças e semelhanças no quesito da violência simbólica.

Como já foi dito, Bourdieu (1989) trata do poder simbólico imposto e estabelecido entre classes e grupos sociais até chegar à violência simbólica, que considera a forma destes grupos se imporem e manterem suas posições de status e representação na sociedade através de uma violência silenciosa, quase imperceptível. Impondo-se determinados rituais e concepções sobre pessoas, grupos ou condições, a violência até então simbólica é autenticada pela sociedade e transpõe o simbolismo, se materializando através de outras linguagens. Bourdieu (1989) compara a situação da classe operária e da política mantenedora de certas leis que regulamentam as atitudes e o próprio poder de expressão dos operários. Este simbolismo se torna real, e transpassa para uma concretude que afeta os sujeitos sociais.

Falando sobre esta realidade, Bourdieu (1989) vai tratar sobre a realidade construída a partir da violência simbólica, do poder de imposição por parte de algumas classes, é na verdade uma representação da realidade, que exige conhecimento e reconhecimento das pessoas para ser tida como tal. Essas representações são construídas a partir de critérios de identificações de pessoas por região, por exemplo, como um dialeto, ou um sotaque, caracterizando o que o autor chama de representações mentais; e também por meio das representações objectais, através de coisas como bandeiras e emblemas, que manipulam simbolicamente e mostram diferenças nas práticas sociais.

Bourdieu (1989) atenta para o monopólio da violência simbólica legítima, que é exercido pelo “[...] poder de impor – e mesmo de inculcar – instrumentos de conhecimento e de expressão (taxinomias) arbitrários- embora ignorados como tais- da realidade social” (BOURDIEU, 1989, p. 12). O autor ressalta essa imposição de uma classe que não possui estigmas, não possui marcas culturais construídas de forma a serem desprezadas, e que acaba impondo como e o que uma sociedade deve ser. Essa imposição ocorre por meio da linguagem e por meio especificamente também das palavras, da legitimidade daquilo que é dito e ordenado. Essa legitimação da ordem, transformada em leis e em sentidos construídos simbolicamente, e que constituem uma violência, é mascarada como forma de poder. Assim como a ideia de Arendt (2009) e Maffesoli (1987), o poder também está, nessa concepção, baseado nas relações entre um grupo dominante, como o Estado ou uma classe que pode mais, em comparação a um grupo que pode menos, e que por isso é violentado, porque se torna, de forma voluntária, obediente à situação de subordinação.

A obediência do sujeito subordinado acontece porque o sujeito social não consegue se distanciar suficientemente dessas propriedades simbólicas, que caracterizam de forma pejorativa pessoas, sua cultura e sua forma de se representar perante os outros, e as usa em suas conversas, em seu cotidiano. “[...] as propriedades (objectivamente) simbólicas, mesmo as mais negativas, podem ser utilizadas estrategicamente em função dos interesses materiais e também simbólicos do seu portador” (BOURDIEU, 1989, p.112). Esses estigmas de localidade impõem visões de um mundo social representado, e criam identidade e unidade a um grupo, diferenciando-o dos demais. Como o presente trabalho aborda o meio online, a questão de localização

não é explícita por meio do sotaque, por exemplo, mas outros estigmas se destacam, como o de raça, da linguagem escrita, da falta de vocabulário ou da diferença de sexos, ou com auxílio da imagem, que acabam construindo essas diferenciações e estabelecendo aquilo que é predominante ou não, aquilo que pode ser considerado legítimo através do poder simbólico construído por meio da violência.

Essa distinção permitida através das representações mentais ou por meio de objetos faz com que os seres se percebam diferentes perante a sociedade (Bourdieu, 1989). Essa afirmação vai ao encontro do que fala Lebrun (2008), de que o ódio surge a partir do momento em que não se reconhece que o outro é apenas outro igual, que se depende do outro para construir a linguagem em uso. Ao não se reconhecer o outro como um ser igual, estruturas dominantes farão o trabalho de distinção, estigmatizando certos símbolos e dando poder a outros, o que acaba influenciando a evolução simbólica da violência em diversos setores e grupos sociais.

Essa violência estará presente porque, para Bourdieu (1989), quando valores de uma pessoa ou de um grupo menor de pessoas acabam sendo desconsiderados socialmente, o que fica em voga e acaba sendo ferida é a identidade social, e não mais pessoal, dos seres humanos. Entretanto, é individualmente que o ser humano pode se sentir afetado. A cultura passa a corresponder aos outros e, ao se sentirem ofendidos, o sujeito não se sente ele, em si, ofendido somente, e sim toda sua identidade social previamente construída.

Quando a identidade social é ferida, e as por assim dizer, minorias desqualificadas socialmente passam a lutar contra esses estigmas, de forma isolada, como nas interações do dia-a-dia (Bourdieu, 1989), vê-se que acaba havendo uma aceitação das definições que são feitas, através da intimidação, sobre essas pessoas que não pertencem às classes dominantes dentro das diversas estruturas simbólicas existentes. Lebrun (2008) fala do vazio que gera o ódio, onde esse vazio é posto por dois lugares diferenciados, sendo reconhecidos através de um que fala e o lugar de onde outro escuta.

“[...] escutar também pode ser sinônimo de obedecer” (LEBRUN, 2008, p. 43). Portanto, quando um ser deixa sua identidade pessoal oculta e passa a aceitar a identidade social que lhe impõem, através da violência simbólica, entende-se que quem

detém a palavra, comanda. É como se a identidade legítima de pessoas que possuem algum estigma fosse deixada de lado, e os seres humanos assumissem a representação daquilo que lhes é dado como identidade social e tentassem até mesmo ocultar os sinais de estigma ou desconsideração. Isso acaba de alguma forma atentando contra a face (Goffman, 2002) que cada um construiu para si. Abolir o estigma seria uma tarefa difícil, portanto, já que o processo de recusa de estigmas causaria a extinção de uma dominação simbólica, um desejo não compartilhado pelas classes dominantes.

Estas normas, estabelecidas por grupos de dominação, que criam e recriam estigmas, acabam instituindo centros periféricos (Maffesoli, 1987), onde certos grupos são excluídos, como grupo, socialmente, e passam, muitas vezes, a ser considerados anormais, porque não fazem parte da estrutura organizacional da sociedade.<sup>34</sup> “(...) o que se supõe anti-social é, de fato, somente uma para-sociedade que assegura, no final das contas, o bom funcionamento do conjunto social” (MAFFESOLI, Michel, 1987, p.32).

A concepção de Maffesoli (1987) sobre a estigmatização como uma forma de violência vai ao encontro do que Bourdieu (1989) fala ao estabelecer estas diferenças entre classes, entre grupos que se impõe, já que se um grupo acaba se sobressaindo em relação a outro através da violência simbólica, é este mesmo grupo que fará alterações durante o contexto histórico, estabelecendo aquilo que é estigma ou não.

Para Maffesoli (1987) estes traços de estigmatização trabalham o corpo social, e os desviados, aqueles que estão à margem do que é aceito predominantemente e que acabam sendo mais violentados, acabam precisando, em algum momento da evolução histórica das relações sociais, se tornarem reformadores de novas estruturas. Ou seja, se é a violência que guia aqueles que detêm o poder simbolicamente colocado sobre os outros, é também a violência que movimenta as mudanças e que permite que novas estruturas sociais e formação de estigmas sejam formadas ou destruídas. “Queremos dizer com isso que há mais vitalidade nesse comportamento destrutivo (...) que na atitude que “representa” oficialmente a vida” (MAFFESOLI, Michel, 1987, p. 43). Para o autor, sem destruição não haveria mudanças e, essas mudanças são marcadas por uma força do simbólico que está ativa na destruição.

---

<sup>34</sup> Como diz Goffman (2008) ao discutir sobre o estigma.

Apesar de Mafessoli (1987) considerar a violência algo que move a mudança nas estruturas sociais, para Bourdieu (1989) a violência simbólica segue pelo senso comum, dizendo que “o pré-construído está em toda parte” (BOURDIEU, Pierre, 1989, p.34). Ou seja, os grupos e suas formas de relação geralmente são pré-estabelecidas e os espaços em que estas relações ocorrem também. Para o autor essa tensão de manter tudo como está é que gera a violência simbólica, porque de alguma maneira as pessoas violentadas precisam permanecer em suas posições e também precisam continuar sem perceber que elas estão sendo violentadas implicitamente, a fim de que a estrutura das relações sociais se solidifique. Esta estrutura é o que o autor chama de realidade, como já foi citado anteriormente, que vai depender do conhecimento e do reconhecimento dos sujeitos a partir de acordos estabelecidos entre eles e que vai influenciar diretamente quem sofre mais ou menos com a violência simbólica.

Já Slavoj Zizek (2009) vai separar a violência entre violência marcada, aquela visível, com algum agente identificado facilmente pela maioria das pessoas; a violência simbólica, que não é somente aparente, mas também encontra-se na linguagem e nas formas de discurso habitualmente reproduzidos pelos indivíduos; e a violência sistêmica, que corresponde às consequências do funcionamento homogêneo de certos grupos de dominação presentes nos sistemas políticos e econômicos. As teorias de Zizek (2009) e Bourdieu (1989) são semelhantes, entretanto, Zizek (2009) amplia as concepções de uma violência não visível e separa a influência da linguagem e a influência dos grupos de dominação e dos sistemas, categorizando-os. A violência simbólica e sistêmica é diferente da violência marcada, mas a violência simbólica primeira corresponde mais à linguagem, no discurso – e por isso para o autor chega ainda a ser, de alguma forma, aparente- e a violência sistêmica se refere aos sistemas e relações sociais. Para Zizek (2009), a violência simbólica e a sistêmica se complementam, funcionando como um círculo onde uma justifica a existência da outra.

O que ele chama de violência sistêmica corresponde àquilo que não pode ser atribuído a indivíduos ou às intenções desses indivíduos, porque a violência não é direta. A violência não visível, a que Zizek (2009) classifica como sistêmica, passa a ser vista como algo neutro, assim como todas as vertentes possíveis e que podem ser classificadas como violência, como o racismo, a homofobia, a violência de gênero, estética, etc. A violência, ou a máscara que a disfarça, torna-se parte do senso comum, e

não como algo visto a partir de uma cultura modificada pelo Estado ou pelos grupos com maior poder econômico ou de barganha em uma sociedade. “A violência simbólica social na sua forma mais pura manifesta-se como o seu contrário, como a espontaneidade do meio que habitamos, do ar que respiramos” (ZIZEK, p.39, 2009).

Essas classes que se separam por níveis econômicos, sociais e por submissão, e que tornam a violência algo sistêmico vão entrar em uma espécie de luta simbólica, na qual elas se envolvem para que os grupos sociais se organizem da forma com a qual classes menos estigmatizadas, que são prevaletidas culturalmente e que assim permanecem ao longo de décadas, e que, portanto, tem um poder de se impor, esperam. Essa violência sistêmica acaba gerando conflitos entre estruturas diferentes, fazendo com que preconceitos e estereótipos se tornem presentes no cotidiano e grupos que possuem, por assim dizer, uma cultura periférica, fiquem estagnados e conformados por estas imposições.

Zizek (2009) chama isso de alienação da vida social. Essa submissão de determinados grupos acontece, conforme o autor, porque as pessoas se distanciam da realidade<sup>35</sup> (e não do real), desse tecido social que forma a vida cotidiana. As pessoas respondem a regras mecânicas e fazem com que essa coexistência pacífica permita que a ordem social se mantenha. Os sujeitos esquecem que algo na linguagem pode ser visto como uma violência, a apagam e a transformam no senso comum, o que Zizek (2009) chama de “denegação fetichista”, ou seja, as pessoas sabem do que se trata, mas elas ignoram o que sabem e justificam afirmando que não sabem.

E se alguém quiser contrariar a ordem e não reagir mecanicamente esse sujeito será julgado por não tolerar o que já está posto pelo, então, senso comum. Isso seria uma espécie de intolerância ao outro, denotando a rivalidade entre os seres humanos, já que há (Zizek, 2009) um ilimitado desejo de diminuir o outro.

Na violência simbólica, Zizek (2009) ressalta que a realidade e determinadas situações ganham sentido com a linguagem, pois é ela que determina como uma situação pode ser vista como uma atitude racista, por exemplo. Para o autor, a linguagem constitui um universo emblemático no qual nós, seres humanos, atribuímos

---

<sup>35</sup> Zizek (2009) diferencia realidade de real conforme o conceito que Lacan dá aos termos. A realidade corresponde à realidade social dos indivíduos, e o real é a lógica do capital determinado que ocorre dentro de uma determinada realidade.

valores simbólicos à linguagem, e podemos ou não viver em mundos diferentes, o que vai ajudar a formar a cultura de um grupo social. Alguns valores simbólicos que os sujeitos dão às palavras acabam definindo um tipo de performance de algum grupo, performance que pode constituir-se como uma face violenta, com estigmas impostos nessa aquisição de valores, como por exemplo, o racismo. Portanto, a linguagem, que seria a não-violência (Zizek, 2009) por excelência - porque ela permite impelir o nosso desejo para além dos limites, já que com ela estabelecemos o que é uma situação violenta e uma não-violenta - é justamente o que faz com que uma situação se represente como algo carregado de violência sistêmica, não aparente.

Sem a linguagem o ser humano não conseguiria caracterizar o que é violência e o que não é. Ao se usar o termo 'preconceito', ele implica diversos entendimentos simbólicos dependendo da cultura que é criada acima desse simbolismo, e a violência se apresentará ao se fazer presente o próprio termo construído. “Existe uma violência fundamental nesta capacidade de <<essenciar>> da linguagem: nosso mundo sofre uma torção parcial, perde a sua equilibrada inocência, uma cor particular passa a dar o tom do todo” (ZIZEK, p.66, 2009). Ou seja, a linguagem cria essências, sendo uma determinação e interpretação dos próprios seres. Ao mesmo tempo em que ela aproxima também separa. Conforme o autor, lembrando a ideia de Levinas, “[...] nunca há reciprocidade equilibrada no meu encontro com outro sujeito” (ZIZEK, 2009, p.61). Ou seja, os sujeitos nunca conseguem se compreender inteiramente, e isto causa uma tensão. O contexto social e histórico é relevante quando a compreensão das trocas conversacionais está em jogo. Para que estas trocas sejam mais efetivas os sujeitos se apropriam simbolicamente da linguagem, e atribuem a ela características.

Zizek (2009) diz que como cada ser humano se identifica fortemente com uma cultura, ele passa a menosprezar as demais, principalmente pela linguagem. Ou seja,

“[...] a nossa identificação direta com uma cultura particular que nos torna intolerantes perante as outras culturas. A oposição fundamental é aqui a que existe, portanto, entre o coletivo e o indivíduo: a cultura é por definição colectiva e particular, provinciana, exclusiva das outras culturas, ao passo que – novo paradoxo- é o indivíduo que é universal, é ele a sede da universalidade, na medida em que se desprende e eleva acima da sua cultura particular” (ZIZEK, p.124, 2009).

E se as culturas estão imbricadas atualmente, há uma adaptação à ruptura de culturas unificadas e imutáveis. Para Zizek (2009) novas narrativas para reconhecimento de culturas foram surgindo e alguns costumes sociais se solidificando. Com as mudanças muito rápidas e sem que alguns grupos sociais conseguissem acompanhar essas alterações do que constitui parte da representatividade social da face hoje, o universo simbólico e os significados atribuídos através da linguagem foram extremamente perturbados. Um novo universo simbólico precisa surgir para que as culturas se façam entendidas e, essa ruptura de culturas sólidas faz com que uma intolerância maior ao novo surja. É o caso dos sites de redes sociais e uma linguagem diferenciada que acaba construindo um tipo de cultura próprio, sem deixar de apresentar resquícios de uma construção social violenta e imposta por estruturas de poder vigentes no mundo, como certas normas atribuídas por aqueles que dominam em relação aos dominados ou estigmatizados.

### **3.9 Bourdieu e Zizek: violência marcada pela linguagem**

Como já foi discutido, Bourdieu (1989) e Zizek (2009) tem uma concepção parecida do que é a violência simbólica. Entretanto, enquanto Bourdieu (1989) discute esta violência invisível com destaque para as formas relacionais, os sistemas autoritários de poder e o privilégio de alguns grupos sociais, atribuindo junto a isto a linguagem, que dá significado a estas relações, Zizek (2009) diferencia a violência invisível categorizando violência simbólica, diretamente relacionada à linguagem, e violência sistêmica, que está ligada às construções de grupos sociais e formas de se impor na sociedade, que acabam gerando uma violência velada para que o controle seja mantido.

Ao falar da linguagem, Zizek (2009) diz que sem ela não haveria como categorizar a violência, enquanto que Bourdieu (1989) também crê que a linguagem, mais especificamente as palavras é que irão legitimar a condição dos sujeitos em seus grupos, que irão fortalecer suas representações estigmatizadas ou não. “O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras” (BOURDIEU, 1989, p.15). Por isto a ligação que ocasiona a violência simbólica está na linguagem e nos grupos sociais, nos indivíduos que dão significados às palavras e acabam separando o que é violento do que

não é. É também por isto que a violência simbólica - e sistêmica, no caso de Zizek (2009) – é difícil de ser identificada, porque os sujeitos não dão legitimidade à linguagem que traz traços violentos.

Por exemplo, quando um discurso é colocado de maneira que não chama explicitamente mulheres acima do peso de gordas ou feias justamente por causa do seu peso, sem a palavra que as pessoas convencionam atribuir a um sinal de violência velada ou principalmente como um estigma (como o termo ‘feia’ ou ‘gorda’, entre outras variáveis), as pessoas acreditam que não se trata realmente de uma violência. Na fanpage Diva Depressão há uma postagem onde o discurso diz o seguinte: “Falar de mim é fácil, quero ver vestir 36”.<sup>36</sup> Não há explicitamente nenhuma palavra às quais os sujeitos atribuam à violência, entretanto, dentro de uma sociedade que preza a magreza e a qual grupos sociais fazem questão de deixar claro que quem é magro pode ter mais e ser mais, o ‘vestir 36’ classifica todas as pessoas que vestem um número acima deste são consideradas gordas e sem sucesso. Estas ideias vão ao encontro entre os dois autores, e dizem respeito aos usos sociais da língua, e até que ponto a língua, sem a vinculação direta com a sociedade e suas atribuições é violenta. Para Zizek (2009) e Bourdieu (1989) a língua se torna violenta porque os grupos sociais estipulam padrões de linguagem que a caracterizam. E estes padrões de linguagem violenta, de estigmas e de imposição vão sendo alterados contextualmente e historicamente.

### **3.10 Violência em sites de redes sociais**

Se a violência simbólica se apresenta pela força que uma classe ou um grupo social possui perante outros, a linguagem é o meio transmissor pela qual essa violência é repassada. Ao se falar em violência nos sites de redes sociais, sabe-se que não se trata da violência física, imposta pela presença do corpo propriamente dito, e sim de algo marcado na linguagem. Mas a percepção da violência nesses sites vai além do que está explícito, vai até a replicação de algo que não parece ser violento. É o caso dos memes no Facebook.

---

36

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=233496030118794&set=a.165682270233504.38178.165680880233643&type=3&theater> (acesso em fevereiro de 2013).

Funcionando como um replicador cultural, os memes são, como já foi posto, informações que são passadas adiante, se replicando através das pessoas, repassando ideias, e também as transformando, como verdadeiros virais, para permanecerem o máximo de tempo possível como memes (Recuero, 2009). Não é sempre que um meme vai tomar grandes proporções e se propagar, mas em sites como o Facebook, onde eles ganham um valor social grande perante a percepção de seus usuários, e que são replicados facilmente, eles ganham grande força tanto na manutenção do perfil de cada usuário como na representação daquilo que cada um quer expor de si. Seria o que Hall (2006) chamou de sujeito fragmentado, já que no site de rede social há diversas versões de um mesmo eu numa só plataforma.

Para isso, a violência simbólica pode ser percebida frequentemente no repasse e legitimação de muitos memes. Ao olhar e até mesmo compartilhar determinada ideia, ela parece ser engraçada, divertida, com reconhecimento por parte de muitos usuários do site. Entretanto, conforme a ideia do poder simbólico de Bourdieu (1989), estas pessoas acabam acatando uma posição já imposta por classes dominantes, neste caso, representadas por pessoas que tem uma posição estável e/ou alta, ou que gostariam de tê-la e por isso acabam, de uma forma ou outra, menosprezando uma parcela mais renegada da população, que recebe inúmeros estigmas como esta composição de memes, que sofre diversas variações dentro do mesmo tema. Hannah Arendt (2009), apesar de ver diferenças entre o poder e a violência, fala também da violência como uma obediência inquestionável, fazendo com que grupos da sociedade aceitem, mas não exatamente apoiem determinadas ideias e padrões fixados previamente.

As redes sociais na internet alteram a forma como essa violência simbólica é vista, e percebida, por sua gama de possibilidades atemporais, fixas, perenes e diversificadas, onde um indivíduo é muitos e não consegue ser apenas um. Além disto, como foi ressaltado anteriormente, o próprio estigmatizado ou estigmatizador podem se modificar em sites de redes sociais, podem se mascarar e não deixar transparecer determinadas identidades pessoais (Goffman, 2008), deixando apenas que aquele grupo social da rede do site construa uma identidade social nova, ou reafirmada àqueles indivíduos.

Como a popularidade e a visibilidade de um sujeito na rede as quais participam são relevantes em sites de redes sociais, pois parte-se do pressuposto de que quanto mais visto maior influência ele terá sobre os amigos da sua rede, Blackmore (1997), ao comentar sobre a replicação dos memes, dirá que a competição para ser copiado é muito violenta. A autora também comenta a importância daqueles que falam mais, que produzem mais memes e acabam se sobressaindo em relação a outros sujeitos. Como a replicação de ideias é frequente em sites de redes sociais e como no Facebook o capital social (Recuero, 2009) é importante, o próprio Facebook induz a partir de suas ferramentas e apropriações que os indivíduos disputem espaços, comentem o que vai levá-los a ter mais aval de um grupo dominante em cada rede. Esta maneira sutil de se impor, usando uma linguagem de apropriação a partir das ferramentas que se tem, também contribui para a indução à violência simbólica.

Ao se analisar os memes, nota-se que a legitimação da linguagem utilizada em uma postagem ou uma Fanpage é feita principalmente a partir daquilo que a maioria propõe ou aceita. Ver-se-á neste trabalho alguns exemplos em que pessoas que identificaram a presença de uma imposição de estigma e usaram as apropriações das ferramentas para denotar isto, foram mais estigmatizadas do que o alvo da postagem, que corresponde a um ódio endereçado ao vazio, como diz Lebrun (2008), porque não é para um perfil específico nem para um grupo dentro da rede explicitado na própria postagem. Assim como é mais fácil a interação na internet porque não há a presença do outro e há a possibilidade de se estabelecer um número de redes sociais muito maior e com laços mais fracos, mas úteis, em relação a ambientes offline, a violência também pode surgir com uma força muito maior, com máscaras, como o humor. A partir disso a violência pode disseminar padrões comportamentais como uma tendência de um grupo social, quando na verdade é a linguagem em uso caracterizando quem é o estigmatizado e quem pode estigmatizar.

Apesar de ser necessário estabelecer uma ordem e normas dentro de um site de rede social, a violência simbólica não é uma violência nítida, clara e objetiva, e por isto, é confundida com outros sentidos atribuídos pelos sujeitos durante a interação. Os memes se propagam rapidamente até mesmo em interações face-a-face, e Blackmore ressalta que na internet a facilidade de propagação é uma vantagem para eles. “Os genes construíram para si mesmos organismos para carregá-los por aí. Qual é o equivalente

memético? Artefatos como livros, pinturas, ferramentas e aeroplanos podem contar (Dennett, 1995), mas eles são fracos comparados com computadores ou a Internet.” (BLACKMORE, 1997, p. 14).

Muito se estuda e se analisa a violência propagada por palavras, incitações à violência, eventos criados com a intenção de disseminar a violência, sempre com este objetivo bem definido. Entretanto, se a violência sistêmica é inculcada na sociedade como senso comum, como uma ordem social que não deve ser modificada, ela é amplamente divulgada nas redes sociais como se fosse simbolicamente outra coisa que não a violência. O que se pretende é perceber as violências inculcadas e mascaradas por apropriações dos memes e a divulgação que os sujeitos fazem deles, espalhando-os e disseminando uma violência que por seu prolongamento entre classes sociais e culturas, tem consequências mais silenciadoras e mais agressivas do que uma violência nítida.

A violência, conforme as duas vertentes analisadas neste capítulo, é em parte intrínseca ao ser humano, que carrega em si a própria violência, mas também é construída na sociedade através das interações ou inter-relações que as pessoas constituem. Certas ferramentas ou modos de conversação facilmente absorvidos e o espaço em que estas ferramentas estão colocadas podem aumentar as chances de haver violência. Na internet, sem a presença física, a violência também se apropria – as pessoas se apropriam da violência- e esta se torna simbólica. Esse simbolismo da violência pode ser mascarado de diversas formas, entre elas, o humor.

## Capítulo 4: Humor

Ao se discutir sobre humor primeiramente se debate o que pode ou não ser classificado como humor, em que período histórico e em que sociedades. O termo faz parte da vida dos seres humanos e é usado frequentemente como sinônimo de leveza e que tira a seriedade de temas polêmicos, tornando a vida em sociedade mais agradável. O intuito de discutir o humor neste capítulo é apresentar algumas concepções do que seria o humor, assim como algumas de suas categorias. Pretende-se analisar a origem do humor, o que significa e se ele é algo próprio do ser humano, que atribui significados a objetos e discursos que acabam carregados por uma alta carga de humor. A ideia é apresentar o humor e depois vinculá-lo à violência simbólica, como algo não tão positivo e que pode modificar os comportamentos sociais e a maneira dos grupos sociais se organizarem.

Muitos autores relacionam o termo humor diretamente com a comédia, o riso ou o risível (Aristóteles, 2001; Bergson, 1983; Hobbes, 2002; Berger, 2012), como se o humor só fosse consolidado a partir do momento que algo se torna passível de feições de riso. Embora a origem do humor não tenha uma data ou um autor que a tenha debatido e recebido destaque, analisa-se o conceito que Aristóteles deu à classificação humor. O filósofo debateu em seu livro número um de Poética as diferenças entre a comédia, a tragédia e a epopeia. Aristóteles (2001) viu a comédia como a arte que representa as ações humanas. Estas artes se diferenciam entre si, para o autor, conforme três pontos de vista: os meios de representação de cada arte não são os mesmos, os objetos a serem representados também se diferem, e a forma ou o modo como as artes são representadas ou imitadas também se alternam. Ao falar propriamente da comédia, da tragédia e da epopeia, Aristóteles (2001) dirá que as três artes tem em comum o meio de transmissão, ao contrário de outros meios que são repassados através de melodias ou outros ritmos. Para o filósofo a tragédia e a comédia andavam juntas e se distanciavam da epopeia. O motivo é que tanto comédia quanto tragédia usam a ação dramática para se representarem, já a epopeia utiliza a narrativa.

Entretanto, ao se representarem, o autor acreditava que a tragédia e a epopeia representavam as ações mais nobres dos humanos, enquanto que a comédia representava as ações humanas mais baixas, piores do que o próprio ser humano. Estas ações seriam reproduzidas na comédia para mostrar os homens baixos, ou seja, aqueles que não eram homens nobres. Mas o autor deixa claro que a comédia é uma parte do torpe, uma parte do todo disforme e baixo que não causa dor ou destruição, como um defeito físico ou moral, podendo então ser compartilhada nas relações entre sociedades. Aristóteles (2001) dizia que o riso era próprio dos seres humanos, ideia corroborada por Bergson (1983), que afirmava que a comicidade não existe fora do que é propriamente humano. O autor dizia que rimos e achamos graça das formas que cada um dá às coisas, o mesmo acontecendo com a tragédia.

Por ser próprio da natureza humana, o riso e o cômico funcionam como uma espécie de cumplicidade, tendo uma função social. “Não desfrutaríamos o cômico se nos sentíssemos isolados [...] O nosso riso é sempre o riso em grupo” (BERGSON, 1983, p. 08). Para Bergson (1983) o riso seria uma expressão da inteligência que diferenciaria os homens dos animais. Se o riso tem uma significação social é porque o ser humano transfere para os objetos, para a matéria, algo cômico. O ser humano transfere a imaterialidade do cômico para as formas, seja no rosto humano, seja nas palavras ou em objetos concretos. Essa transferência da imaterialidade para as formas é o que Bergson (1983) chamou de ‘graça’. Como é o ser humano que atribui significado às formas, o autor acreditava que toda deformidade que uma pessoa tenha pode se tornar cômica. Como exemplo é citado o caso do corcunda, que por ter uma aparência diferente, uma forma mais atípica, pode gerar o riso. Bergson (1983) analisou situações como essa se desvencilhando das atribuições de tragédia ou de preconceito geradas pelas atribuições à matéria, esquecendo-se da matéria e pensando apenas na forma. Isso acontece porque há uma rigidez mecânica das ações (Bergson, 1983). Há certos padrões de comportamento e, quando eles são alterados, quando há deslizos, o cômico, segundo Bergson (1983), torna-se violento porque simbolicamente quem tem o poder de tornar ou de ver a comicidade no defeito faz parte desta rigidez das ações.

Hobbes (2002) também acredita que o humor é próprio do ser humano, e que o riso é um tipo de paixão desenvolvido na sociedade. “O entusiasmo súbito é a paixão que provoca aqueles trejeitos a que se chama riso” (HOBBS, Thomas, 2002, p.51). O

autor disse que o humor está ligado a um tipo de paixão - tipo de movimento voluntário a qual ele chama de paixão - assim como a linguagem que exprime essas paixões, que é provocada repentinamente por algo que outra pessoa tenha de deformidade. Isso ocorre porque há a necessidade de autoafirmação por parte de quem vê humor na deformidade. O autor disse ainda que o excesso de riso perante os outros é uma forma de covardia, de coragem no trato das relações sociais. Mas como o riso, o humor, a comédia, se encaixam como produto social, que se realiza no e pelo ser humano e que necessita de grupos para se fazer existente?

#### **4.1 O humor está em todo lugar<sup>37</sup>**

Para Berger (2012) nós encontramos humor em qualquer lugar, nos filmes, nas conversações, jornais, livros, rádio, arte e até em janelas ou portas de banheiros. Para o autor não há como escapar do humor, que abrange uma série de complexos relacionamentos e setores da vida dos seres humanos, como o trabalho, o lazer, a raça, grupo social, sexo, educação ou religião. Por um motivo que o autor não sabe a resposta, o ser humano se deleita com a própria desgraça, transformando até mesmo ela em humor, desde que não permita a própria pessoa perder sua dignidade ou quando há hostilidade visível. Para Berger (2012), o humor dá prazer ao ser humano, faz com que ele se sintam bem, mesmo em momentos complicados.

O humor é uma força que não respeita ninguém; nada é muito reverenciado ou santo demais para ser ridicularizado, e nada está fora dos limites quando os humoristas os colocam na causa. O humor lança luz sobre nossos segredos mais sombrios, e manuseia o nariz para objetos de nossa maior reverência. Faz paródias humorísticas, ridicularizam e tira sarro do sexo, religião, amor, casamento, filhos, sociedade, política- o nome deles- e vem fazendo isto ao longo da história. [...] Porque o humor é tão onipresente, porque ele desempenha um papel tão grande em nossas vidas diárias, as pessoas tendem a concedê-lo e a adquiri-lo. E, atualmente, nós o dispensamos como um fenômeno relativamente sem importância [...] Mas agora começamos a reconhecer que o humor não só nos diverte, mas também é bom para nós em inúmeras formas (BERGER, 2012, p. 156).

---

<sup>37</sup> “Humor is everywhere” (BERGER, 2012, p.01)

A busca pelo humor se torna mais intensa, porque ao refletir no humor problemas psicológicos, comportamentos e atitudes absurdas as quais as pessoas enfrentam com o passar do tempo, rir dessas coisas se torna uma forma de autoajuda. Rir de si mesmo ou do outro ajuda a diminuir situações que aparentemente não tem humor.

Um de seus questionamentos no livro “An Anatomy of Humor” é o motivo que faz os seres humanos rirem. O que faz algo ser engraçado? O mesmo questionamento também interessa ao autor, que remete a Aristóteles e Hobbes, para dizer que o riso é uma resposta decorrente à situação crítica do outro, no qual o próprio Hobbes (2002) relacionava o humor e o poder, reafirmando que o humor é uma forma de dominação. Conforme o autor hoje é possível se perceber o poder do humor na e para a sociedade. Dentre muitas teorias que buscam explicar o que faz as pessoas rirem, Berger (2012) destaca a Teoria da Superioridade, na qual o ser humano sente prazer em menosprezar o outro através do humor, como uma autoafirmação, a Teoria da Incongruência, onde há uma diferença entre o que se espera e o que se obtém de uma piada ou comédia<sup>38</sup>, e a Teoria Psicanalítica, na qual Freud vê o humor como uma agressão mascarada, na qual todas as piadas são consideradas sujas e relacionadas ao sexo. Na presente pesquisa cabe ressaltar, conforme posterior análise, a Teoria da Superioridade, na qual, para Berger (2012), o riso vem porque o outro se sente superior ao motivo da piada. Para o autor o ser humano já ri do ignorante por incontáveis anos; e a Teoria da Incongruência, já que direciona o riso para algo que o ser humano não reconhece logo que acontece. “[...] é meio insidioso, porque de um modo geral, não reconhecemos o que está acontecendo” (BERGER, 2012, p.09).<sup>39</sup>

Apesar de cada teoria abranger aspectos diferentes, Berger (2012) resalta que o que é importante nelas é a percepção da dimensão social do humor, já que ele não serve para ocupar um tempo ocioso ou algumas trivialidades, mas para reportar situações políticas e da sociedade de uma forma geral. “Se nós examinarmos a piada, acharemos um número de atitudes e valores refletidos nela, todos com implicações

---

<sup>38</sup> O autor usa o termo comédia como sinônimo de humor.

<sup>39</sup> “[...]it is insidious because generally speaking we do not recognize what is happening” (BERGER, Arthur, 2012, p.09).

políticas” (BERGER, 2012, p. 08).<sup>40</sup> O autor afirma que há um impulso conservador nas piadas, e que apesar de o humor ser muito importante para as pessoas, sendo visto como algo trivial e não como uma preocupação, que deve ser destinada às tragédias, essa concepção está se alterando, que a tragédia não é vista apenas como algo sério, nem o humor é visto apenas como entretenimento, isto depende do ponto de vista. Para Berger (2012), a destruição de um rei, por exemplo, é trágica, mas a destruição de ninguém é algo mais patético do que o trágico.

Berger (2012) diz que os indivíduos julgam os demais não com base naquilo que as pessoas são ou então por suas características pessoais mais óbvias, mas sim com base no que estas pessoas devem ser, a partir de uma presunção das outras pessoas. Quem não se encaixa acaba sendo motivo de piada, de risadas. A risada, conforme Berger (2012) é uma resposta às mensagens sobre os relacionamentos entre pessoas, lugares e coisas.

E o que dá graça às coisas? Para Berger (2012) uma piada, algo engraçado, acontece por um tipo de violação do código, sem deixar de preservar o conservadorismo e a manutenção de certos estereótipos e estigmas. Essa violação diz respeito à própria estruturação da piada ou da graça, na qual há uma quebra de sintagmas e surge algo inesperado. O objeto dessas piadas vai variar conforme as culturas de cada sociedade, e os códigos devem ser identificáveis. “Os códigos em que as piadas devem ser baseadas precisam ser conhecidos e explícitos”<sup>41</sup> (BERGER, 2012, p.58). Ou seja, a própria concepção cultural que cada sociedade tem de determinadas coisas é que faz algum discurso engraçado ou não. Há diferentes perspectivas, dependendo de como cada grupo social irá interpretá-lo, e até mesmo seus interesses e referências irão influenciar o motivo da risada. O autor destaca que geralmente os códigos que são violados para tornar algo engraçado é basicamente a oposição de público/privado, escondido/revelado, dormente/vivo, correto/errado, e narcisismo/autoanulação. Esse jogo de oposições permite que um discurso tenha uma quebra no seu código e tornará algo mais facilmente engraçado.

---

<sup>40</sup> “If we examine the joke, we find a number of attitudes or values reflected in it, all of which have political implications” (BERGER, Arthur, 2012, p. 08).

<sup>41</sup> The codes upon which the jokes are based must be know and explicit (BERGER, 2012, p. 58).

Ao citar a força social do humor, Berger (2012) acredita que além de outras coisas, uma piada ou qualquer comédia ajudam a liberar sentimentos agressivos e hostis. E, ao fazê-los por meio da graça, ela acaba ajudando a facilitar a coexistência relativamente pacífica de diferentes grupos. Como exemplo ele cita as próprias piadas étnicas, que reforçam estigmas, ridicularizando e depreciando certas etnias, em prol da conservação da identidade de outro grupo não depreciado. É como se ao fazer a piada sobre negros, sendo a pessoa branca a pessoa que emitiu o discurso, definisse na graça tudo aquilo que ela não é, mas o negro é. Ainda sobre a questão étnica, Berger (2012) reafirma que estes estigmas apresentados por meio de perguntas e respostas no humor reforçam sentimentos hostis e estereótipos, que podem levar à violência. “Nós sabemos que quando depreciamos verbalmente a humanidade das pessoas é muito mais fácil depois tratá-las de formas desumanas”<sup>42</sup> (BERGER, 2012, p. 67). Quer dizer que o fato de carregar estereótipos num discurso humorístico faz com que as pessoas relevem certas atitudes e pensamentos conservadores, por ser humor, mas acaba reafirmando estereótipos e desencadeando ações que levam à violência, facilitando o tratamento hostil aos alvos das piadas. Berger (2012) lembra que provavelmente o mesmo tipo de graça é feita sistematicamente em diversos países, sempre focando diferentes grupos minoritários. Essa força coercitiva de imposição de grupos minoritários e grupos mais influentes é devido ao senso de superioridade que determinados grupos têm, em comparação a outros.

Daí o motivo pelo qual o humor é também uma forma de dominação, sendo usado como uma faca de dois gumes. Por representar determinadas perspectivas das coisas, toda piada tem uma posição ideológica dominante (Berger, 2012), e o humor passa a ser tolerado porque funciona como um meio de aliviar a tensão social entre diferentes grupos. Para Berger (2012), o humor pode ser usado tanto por quem está no poder, como por aqueles que aceitam a visão estereotipada e estigmatizada das coisas, reforçando-as, ou ainda por aqueles que resistem a esta forma de poder e querem impor novas condições através do humor. O humor distorce e confunde as coisas (Berger, 2012), funcionando como um bode expiatório. Ou seja, as pessoas redirecionam sua agressão e seu conservadorismo a estas situações cômicas, disfarçando-as. Para o autor é uma forma de aprender a conviver e viver em sociedade. O autor faz referência a

---

<sup>42</sup> We know that when we verbally depreciate the humanity of people it is much easier later to treat them in inhuman ways (BERGER, 2012, p. 67).

Martin Grotjahn (1966, *apud* Berger, 2012), para explicar que primeiramente é criado no indivíduo um impulso agressivo e, depois, ele é alterado e passa a ser um discurso carregado de humor.

Apesar de ver no humor esse impulso agressivo e essa forma de manipulação através do discurso cômico, Berger (2012) acredita que o humor é importante na convivência entre os sujeitos, dá prazer ao ser humano e faz com que as pessoas liberem certos sentimentos de culpa que as pessoas tem, por se sentirem preconceituosas, ou que estão ajudando a perpetuar certos comportamentos, por estarem ‘sendo engraçadas’.

#### **4.2 Categorias do humor**

E para se fazer ser engraçado, o sujeito, o seu discurso, ou quaisquer linguagem que seja a utilizada para causar o riso, o cômico, há uma sistematização de tipos de humor. Ainda em Berger (2012), o autor sistematizou quatro categorias em que o que ele chama de técnicas de humor podem ser classificadas. As categorias são: Linguagem, Lógica, Identidade e Ação. Estas categorias dão a ideia de como o humor é produzido, como uma categorização para identificar porque determinada situação motiva o riso. Dentre as quatro categorias, Berger (2012) as subdivide em outras 45 técnicas de humor. As técnicas de ação não dizem respeito à presente pesquisa, porque indicam movimento de forma literal (como em vídeos humorísticos), o que não ocorre no caso dos memes a serem analisados, que são figuras estáticas. Restam, portanto, as outras três categorias:

**Quadro 1:** Técnicas de humor propostas por Berger (2012):

<b>Linguagem</b>	<b>Lógica</b>	<b>Identidade</b>
Alusão	Absurdo	Antes/Depois
Estilo Bombástico	Acidente/Acaso	Burlesco
Definição	Analogia	Caricatura
Exagero	Catálogo	Excentricidade
Alegria/Jocosidade	Coincidência	Constrangimento
Insulto	Desapontamento	Exposição
Infantilidade	Ignorância	Grotesco
Ironia	Erros/Equívocos	Imitação
Mal-entendido	Repetição	Representação/Personificação
Sobre a literalidade	Inversão	Mímica
Trocadilho/ Jogo de palavras	Rigor	Paródia
Réplica	Tema/Variação	Escala/Extensão
Ridículo	--	Estereótipo
Sarcasmo	--	Desmascarar
Sátira	--	--

Fonte: Berger ,2012, p. 18.

Estas categorias servirão de base para que se compreendam os motivos geradores de riso em cada meme analisado, e serão levadas em consideração as três macro-categorias em que eles se dividem, a fim de que isto auxilie na discussão da presença e da percepção de violência sistêmico/simbólica em cada uma das postagens.

## **5. O discurso da violência sistêmico-simbólica em memes da fanpage Diva Depressão**

O objetivo desta pesquisa é relacionar o humor à violência sistêmico-simbólica, buscando identificar se há a legitimação ou não desta violência através do humor, e havendo, compreender se nas trocas conversacionais entre aqueles que replicam as postagens, mais especificamente os memes com características humorísticas percebem que por trás do riso há também uma imposição social sendo perpetuada.

O objeto de análise escolhido foram os memes que se disseminam no Facebook, que se trata de um site de rede social onde a presença de memes é recorrente e funciona como uma importante ferramenta de manutenção da face, como forma de interação e que agrega ao capital social dos interagentes. Foi escolhida uma fanpage que é caracterizada como uma página de humor, a Diva Depressão, porque a estrutura de memes mantém um padrão, a frequência de postagens é semelhante ao longo dos meses, há muita interação em razão da quantidade de postagens e das diferentes redes que a paginado perfil pode abranger, e porque seu número de seguidores é alto (mais de 850 mil seguidores em menos de um ano e meio). Além disto, a página Diva Depressão apresenta justamente o tipo de humor que tem características da violência simbólica imperceptível e que poderia não causar tanta reflexão acerca desse enraizamento do estigma e da violência velada justamente por causa do humor, um tipo de humor que tem características bem voltadas ao ambiente online.

O presente trabalho se propôs a quantificar o número de curtidas, compartilhamentos e comentários e estabelecer exemplos de estigmas, contendo, conseqüentemente, tipos de violências sistêmico-simbólicas, apresentado durante o mês de janeiro. Os memes selecionados foram aqueles que tivessem o maior número de curtidas/comentários/compartilhamentos, ou seja, os que tivessem uma repercussão e poder de disseminação maior para serem analisados pela CMDA, e classificados conforme o tipo de humor de Berger (2012).

## 5.1 Métodos

Discutir a forma como o discurso acontece entre os sujeitos e a maneira como o meio pelo qual a conversação e o contexto ocorrem é relevante para que se entendam as apropriações linguísticas que acontecem na internet. Cada ambiente influencia de diferentes formas o discurso, e muda inclusive a linguagem e o curso das interações, trazendo efeitos variados dentro de uma sociedade. Susan Herring (2001) diz que o discurso mediado pelo computador é uma comunicação que é produzida quando os sujeitos interagem uns com os outros por transmissão pela rede de computadores.

Com a intenção de analisar como se dá o comportamento online, Herring (2001) acredita que os estudos dos discursos online devem ser feitos por uma nova abordagem, a “Computer-Mediated Analysis Discourse” (CMDA)<sup>43</sup>. A ideia de Herring (2001) começou a partir de estudos de como as pessoas interagem nas bases regulares online, a fim de buscar entender melhor a natureza da comunicação mediada pelo computador e como esta comunicação pode ser potencializada em contextos específicos de uso. A ideia é levar a perspectiva linguística para o ambiente online. O desafio principal na questão da comunicação e do discurso mediado pelo computador é como identificar e descrever alguns fenômenos online de forma significativa culturalmente (Herring, 2001).

Para a autora os comportamentos são construídos pelo discurso, e a comunicação textual é parte importante disto. Para ela, as pessoas fazem as coisas online (Austin, 1962 *apud* Herring, 2001), e deixam rastros textuais, que tornam a interação entre os sujeitos ainda mais acessível do que a comunicação falada, por exemplo. Para analisar isto, Herring (2001) estabeleceu métodos para a análise do discurso online (ao lado de técnicas das ciências sociais), e por isso descreveu uma abordagem para pesquisar o comportamento interativo online, que é a CMDA. O método consiste em aplicar métodos de linguagem adaptados ou voltados à linguística, comunicação mediada e retórica, além de poderem ser complementados por pesquisas quantitativas, qualitativas, entrevistas, etnografia, entre outras. A partir, então, de uma

---

<sup>43</sup> Análise de Discurso Mediada pelo Computador

perspectiva linguística Herring (2001) analisa o comportamento online através da linguagem.

A CMDA surgiu no estudo da linguagem falada e escrita, como a sociolinguística, análise crítica do discurso, pragmática, conversação, entre outros, no qual o objetivo era discutir como o significado e o uso da linguagem varia conforme o contexto. Esta abordagem não é uma teoria ou um método único, permitindo diversas teorias sobre o discurso. Parte do pressuposto que o discurso apresenta padrões periódicos, que são produzidos conscientemente ou não – um dos intuitos da abordagem é identificar estes padrões- e que o discurso envolve escolhas por parte de quem se comunica, escolhas estas condicionadas por situações linguísticas. Com a abordagem há o interesse em se perceber como a tecnologia molda a comunicação, com foco na análise de conteúdo. Para uma análise, Herring (2001) se baseia em grupos sociais que interagem na internet, distinguindo comunidades virtuais de grupos ou pessoas que interagem online. Comunidades são grupos com laços sociais mais fortes, ou que têm um objetivo em comum delimitado, como ambientes de aprendizagem online, os quais a autora utilizou para fazer duas pesquisas. A comunidade a ser analisada são pessoas que interagem online, com laços sociais distintos e objetivos variados.

A análise afirma que o texto é uma evidência direta do comportamento, tornando no ambiente online a conversação entre os sujeitos mais perene e com uma maior buscabilidade para identificar padrões e observações sobre comportamentos online, sempre levando em consideração as limitações das evidências textuais.

A metodologia de análise da CMDA pode ser dividida em micro e macro fenômenos linguísticos, sendo os micro-fenômenos a formação de palavras online, estruturas frasais ou escolhas lexicais, e os macro-fenômenos a coerência, a identidade, a equidade de gênero, entre outros. São quatro domínios ou níveis de linguagem, divididos em: 1-significado estrutural; 2- sentido (significado) 3- interação; 4- comportamento social. O significado estrutural é as formações de palavras, expressões e estruturas de frases, e jargões; o sentido corresponde aos atos de fala, locuções, e o sentido de palavras. Já a interação diz respeito às trocas conversacionais, turnos, sequenciamentos e reciprocidade; e o comportamento social é o gerenciamento de face, discurso, negociações de conflitos, assim como a frequência e duração de mensagens

enviadas e recebidas. Há ainda um quinto nível, o de participação, que corresponde a um domínio não linguístico. Quanto à participação a CDMA analisa a sua frequência, regularidade, sustentabilidade temporal, entre outros.

**Quadro 2:** domínios de linguagem propostos por Herring (2001, 2012).

<b>Nível</b>	<b>Questões</b>	<b>Fenômeno</b>	<b>Métodos</b>
<b>Estrutura</b>	Oralidade, formalidade, eficiência, expressividade, complexidade, características de gênero, etc.	Tipografia, ortografia, morfologia, sintaxe, esquema do discurso, convenções de formatação, etc.	Linguística estrutural e descritiva, Análise textual, Corpus linguístico, estilística, etc.
<b>Sentido</b>	Qual é a intenção; O que é comunicado; O que é realizado	Sentido de palavras, atos de fala, locuções, trocas, etc.	Semântica e pragmática.
<b>Interação</b>	Interatividade, tempo, coerência, reparação, interação como construção, etc.	Turnos, sequenciamentos, trocas, etc.	Análise da Conversação e etnometodologia.
<b>Comportamento Social</b>	Dinâmica social, poder, influência, identidade, comunidade, diferenças culturais, etc.	Expressões linguísticas de status, negociação de conflito, gerenciamento da face, jogos, discurso, etc.	Sociolinguística interacional, Análise Crítica do Discurso, Etnografia da comunicação.
<b>Comunicação Multimodal<sup>44</sup></b>	Efeitos do modo, coerência do cruzamento de modos, gerenciamento de endereçamento e referência, espalhamento de unidades de sentido gráficas, co-atividade de mídia, etc.	Escolha do modo, texto na imagem, citações em imagens, animação, deixis e posição espacial e temporal, etc.	Semiótica social, análise de conteúdo visual, etc.

Fonte: Herring (2001, 2012)

Cada codificação destes domínios vai depender da análise do pesquisador, a partir das questões propostas e aos dados coletados por aquele que está fazendo a pesquisa.

<sup>44</sup> Herring (2012) incluiu esta última categoria devido ao advento da web 2.0 e aos novos ambientes em que o discurso ocorre e que projetam outros padrões de uso e conteúdos mais hipermediáticos.

## 5.2 Análise

Diva Depressão é uma fanpage, uma página de fãs, criada em 30 de julho de 2012, no Facebook, onde na descrição de seu perfil é dito: “Esta é uma página de humor, sem vínculo algum com a verdade. As postagens não expressam a opinião dos criadores da página, e jamais devem ser atribuídas aos artistas que ilustram as montagens”<sup>45</sup>. Seu slogan é “O recalque é garantido”, e foi criada por Eduardo Camargo, Filipe Oliveira e Márcia Corrêa, designers paulistanos<sup>46</sup>. Até novembro de 2013 a página tinha mais de 870 mil seguidores e uma loja virtual<sup>47</sup> com as frases da Diva Depressão. Outros veículos de comunicação são usados com o perfil da Diva, entre eles um perfil no Twitter<sup>48</sup>, no Instagram<sup>49</sup>, uma loja virtual e um blog, lançado recentemente, assim como um livro físico<sup>50</sup>, vendidos em livrarias e sites. O enunciado construído em torno do termo “depressão” tem o objetivo de levar a concepção do que é ser depressivo como uma brincadeira, ou seja, usar um léxico que designa uma doença, como a depressão, e torná-la engraçada<sup>51</sup>. Outras páginas levam a negatividade com bom humor, é o caso das fanpages “Hipster da Depressão<sup>52</sup>”, “Depressiva da Depressão<sup>53</sup>”, “Poser da Depressão<sup>54</sup>”, “Classe Média da Depressão<sup>55</sup>”, “Coruja da Depressão<sup>56</sup>”, “Cão da Depressão<sup>57</sup>”, entre outras. Todas estas páginas utilizam memes miméticos, que possuem uma mesma estrutura, mas que são personalizados com postagens diárias, servindo de referência para a própria fanpage e para outras que podem surgir.

<sup>45</sup> <https://www.facebook.com/DivaDepressao/info> Acesso em julho de 2013.

<sup>46</sup> <http://ela.oglobo.globo.com/vida/paginas-de-humor-satirizam-depressao-em-temas-como-astrologia-artes-plasticas-10441244> Acesso em outubro de 2013.

<sup>47</sup> [www.lojadivadepressao.com.br](http://www.lojadivadepressao.com.br) Acesso em outubro de 2013.

<sup>48</sup> [www.twitter.com/diva\\_oficial](http://www.twitter.com/diva_oficial) Acesso em outubro de 2013.

<sup>49</sup> [www.instagram.com/divadepressao](http://www.instagram.com/divadepressao) Acesso em outubro de 2013.

<sup>50</sup> <http://divadepressao.blog.br/livro/> Acesso em outubro de 2013.

<sup>51</sup> <http://www.youpix.com.br/top10/as-melhores-paginas-de-depressao-do-facebook/> Acesso em novembro de 2013.

<sup>52</sup> [www.facebook.com/HipsterDaDepressao](https://www.facebook.com/HipsterDaDepressao) Acesso em novembro de 2013.

<sup>53</sup> <https://www.facebook.com/DepressivaDaDepressao> Acesso em novembro de 2013.

<sup>54</sup> <https://www.facebook.com/PoserDaDepressao> Acesso em novembro de 2013.

<sup>55</sup> <http://www.facebook.com/classe.media.depressao> Acesso em novembro de 2013.

<sup>56</sup> <https://www.facebook.com/CorujaDepressao> Acesso em novembro de 2013.

<sup>57</sup> <https://www.facebook.com/caodadepressao> Acesso em novembro de 2013.

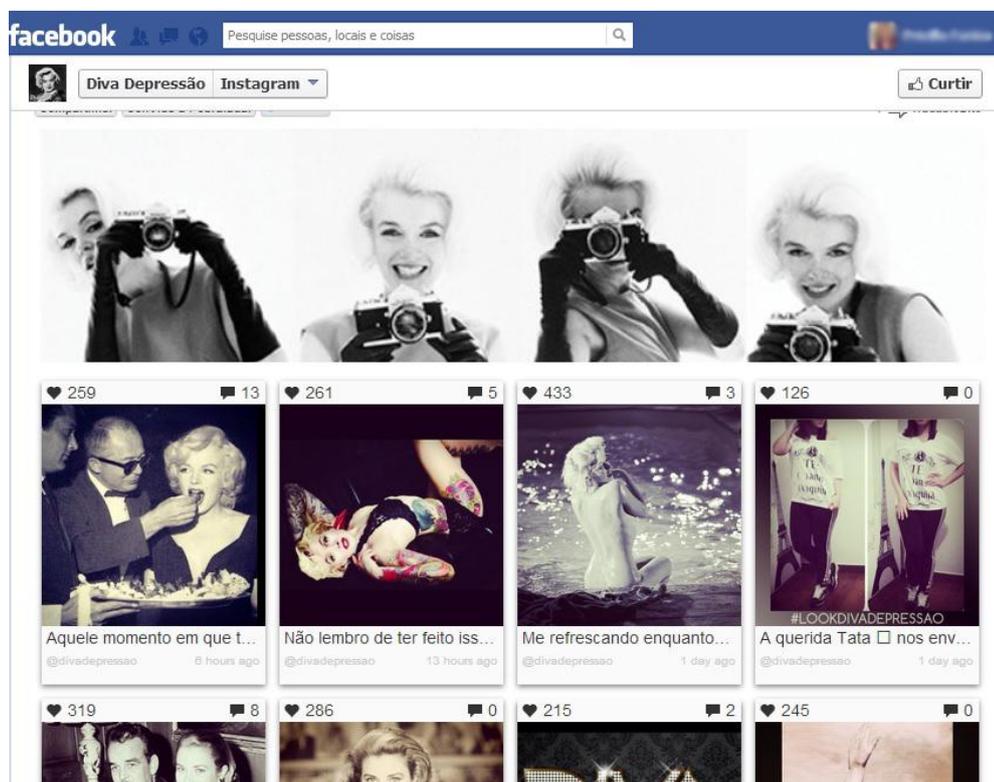
A estrutura (Herring, 2001) da fanpage Diva Depressão sempre se manteve a mesma, com postagens em preto e branco, com imagens de divas que disseminam palavras de humor que são aceitas e repassadas pelos usuários que curtem a página ou não. São feitas de 10 a 15 postagens por dia, sendo que destas postagens, de cinco a seis tem o padrão escolhido para a análise da pesquisa, que consiste no meme padrão da Diva, em preto e branco, com frases de humor e o logo da fanpage. As demais postagens são ligadas ao marketing das demais mídias utilizadas pelos criadores.



Figura 4: perfil da página Diva Depressão



**Figura 5:** Diva Depressão do Twitter, com visualização disponível direto da página do Facebook. Link disponível em: [www.facebook.com/DivaDepressao/app\\_173507912666342](http://www.facebook.com/DivaDepressao/app_173507912666342) (Acesso em outubro de 2013).



**Figura 6:** Instagram da Diva Depressão com visualização direta na página do Facebook.

Nas figuras 02, 03 e 04 estão algumas das redes sociais às quais o perfil Diva Depressão participa, estando todas integradas à página do Facebook, com a interação direta de usuários da rede social específica, como Twitter ou o Instagram, ou dos seguidores da Diva no próprio Facebook, aumentando o número de laços entre estes seguidores e o perfil.

Os laços sociais (Recuero, 2009) estabelecidos entre a Diva Depressão e os usuários que interagem em sua página são laços fracos, porque a interação é assíncrona sem criação forte de vínculos para manutenção das trocas conversacionais. Justamente por serem laços sociais fracos, mais grupos começam a se conectar à fanpage através destes usuários que não mantêm vínculos mais estreitos com a Diva, ou com seus criadores. A página é pública, há uma lista de usuários em que não há necessariamente uma conexão entre eles, e o acesso a ela é público, itens que caracterizam a base de uma rede social (Boyd & Ellison, 2007). O tipo de rede estabelecido na página Diva Depressão é uma rede principalmente de associação, já que o sistema mantém as conexões da rede. Ela é, portanto, mais estática, mas influente, e em micro-contextos ela se torna uma rede emergente, uma rede construída pelas trocas conversacionais nos comentários de cada postagem, concretizadas pelas apropriações das ferramentas do Facebook.

A fanpage analisada é uma página com um capital social elevado dentro do site de rede social, pois por sua rede ser grande, com mais de 850 mil seguidores, que podem possuir até quatro mil outros amigos usuários que terão acesso às suas postagens, seu status é elevado, há popularidade e visibilidade, sem necessariamente uma manutenção muito grande das trocas conversacionais. Através da relação pessoa-computador um personagem fictício cria discursos que tem de alguma maneira credibilidade no meio online, porque seu status, em termo de capital social, é positivo, já que a fanpage agrega à rede de usuários que a curtem, elevando conseqüentemente o capital social de cada um desses indivíduos, mostrando que eles estão participando dessas trocas conversacionais pelas ferramentas disponíveis no site de rede social.

Como o intuito do Facebook era ser usado como uma ferramenta de expressão (Kirkpatrick, 2011), essa página se expressa pelas pessoas, que aceitam suas postagens e as repassam. Essas postagens são feitas por meio de memes, e de uma construção

simbólica de um eu que não existe, mas que pode ser classificada como a parte fragmentada de um eu (Hall, 2006), deixando transparecer uma Diva aparentemente que defende os anseios femininos de uma sociedade atual, colocando todas as divas em pedestal, fazendo com que os usuários e seguidores da página sejam dominados pela linguagem do grupo, através destas relações de força entre a Diva e o resto dos grupos sociais.

As postagens são caracterizadas como memes porque, como foi visto anteriormente, através dos replicadores culturais, que criam as mentes humanas e a própria cultura (Dawkins, 1979), e onde tudo que se aprende por imitação é um meme (Blackmore, 1997), estas postagens tem características já citadas na pesquisa, onde há competição entre os memes, já que mais de um meme é postado por dia na página, e alguns possuem maior disseminação na rede do que outros, eles são repassados a outros cérebros pelas ferramentas curtir, comentar e compartilhar, tem um valor mimético já estabelecido, devido às poucas alterações entre uma postagem memética e outra, havendo portanto fidelidade de cópia. Os memes do Diva Depressão são epidêmicos (Recuero, 2009), porque se disseminam por diversas redes dentro de uma mesma rede. Ao curtir e seguir, ou apenas compartilhar determinado meme da página, a pessoa está agregando valor à sua própria rede por causa do capital social positivo da página, mostrando que ela influencia a rede social que o sujeito constroi para si.

Como intuito da CMDA (Herring, 2001) é pesquisar o comportamento interativo online, através de técnicas e métodos para a análise do discurso online, os rastros textuais, ou os rastros sociais (Recuero, 2009) deixados pelos usuários na rede, permitem uma buscabilidade maior e a análise se torna mais acessível do que a comunicação falada. Portanto, partindo do entendimento que o discurso apresenta padrões, que são reproduzidos e repassados de maneira consciente ou não, a CMDA percebe esses padrões, que estão envolvidos diretamente pelas situações linguísticas, pelas atribuições sociais dadas às palavras e ao contexto social, às mudanças sociais que essas linguagens, léxicos e todas as situações linguísticas se envolvem. A partir disso a análise será feita com base nas postagens do mês de janeiro, sendo selecionados aqueles memes que contém estigmas, tipificando um tipo de violência em um meme que foi mais reproduzido na rede em comparação com os demais memes que contenham o mesmo tipo de estigmas colocados na pesquisa.

### 5.3 Memes

Conforme a CDMA estabelecida por Susan Herring (2001), a metodologia para que se compreenda o discurso nos meios digitais perpassa quatro domínios ou níveis de linguagem, sendo eles a estrutura, o sentido (significado), a interação e o comportamento social. Começando pela estrutura, a seguir se notará que, neste primeiro nível de análise proposto por Herring (2001) o esquema do discurso, suas convenções e padrões, ou seja, o estilo da fanpage analisada se mantém quase que inalterado. A estrutura essencialmente evidencia o contexto em que a postagem é publicada, e as evidências de apropriações das ferramentas que denota em parte a disseminação destes memes na rede do Facebook. A estrutura das postagens é sempre semelhante, apresentando uma diva em preto e branco, com um texto também ressaltado em branco, com enunciados que fecham a imagem, sendo colocados acima e abaixo das divas. Estes enunciados separados servem para dar uma pausa no discurso e apresentar a significação da imagem junto à estrutura textual proposta pela fanpage.

Abaixo foram selecionadas cinco postagens da fanpage Diva Depressão, do mês de janeiro, que foram as mais replicadas conforme a soma de curtidas, comentários e compartilhamentos, sendo que cada postagem apresenta um tipo diferenciado de violência sistêmico-simbólica, estigmatizando com maior percepção algum grupo da sociedade já estigmatizado. As postagens da fanpage Diva Depressão mostram-se relevantes para a pesquisa, porque como já foi explicitado, a página se classifica como humorística, tem padrões estruturais e discursivos, e as atribuições que o discurso escrito e a linguagem visual acarretam juntas na compreensão e no contexto da criação de sentidos é rica e controversa, porque ao mesmo tempo em que apresenta uma Diva, onde cada um que replica o meme pode se sentir como tal, também coloca todas as demais classes abaixo à sua, o que já denota certo tipo de violência simbólica. Essa forma de superioridade colocada pela página vai ao encontro da Teoria da Superioridade, de que fala Berger (2012), a qual uma pessoa ou grupo precisa se sentir mais do que o outro e estigmatizar esse outro para se autoafirmar.

Para especificar qual o tipo de humor foram escolhidas as técnicas de humor apresentadas por Berger (2012) e demonstradas em cada uma destas postagens. Os demais níveis de análise de Herring (2001) serão analisados após a denotação de cada

técnica de humor usada nas postagens, e serão então, subdivididas conforme o(s) tipo(s) de estigmas mascarados pelo humor.

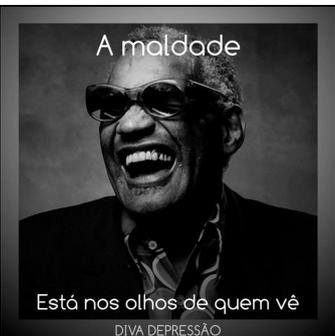
No mês de janeiro de 2013, a fanpage Diva Depressão publicou 107 postagens com o meme padrão, que consiste em uma imagem em preto e branco, com uma diva ou um personagem conhecido pelo público, com um discurso escrito em letras garrafais, tendo mais destaque que a própria imagem. Destas 107 postagens, 40 publicações tinham algum tipo de estigma, com estereótipos e agressões veladas contra uma classe social, gênero, padrão estético, sexualidade, e até violência contra grupos específicos, com estigmas mais aparentes como é o caso de cegos ou deficientes físicos- no caso do padrão estético também há violência em relação ao peso de um grupo social estigmatizado por outros grupos mais fortes e com laços sociais solidificados e que reproduzem o discurso de que há um padrão também na internet.

Os tipos de estigmas existentes nas 40 publicações de janeiro de 2013 foram: de classes sociais, gênero, tanto em relação a homens quanto a mulheres, violência estética, a qual um padrão é imposto por classes aparentemente não estigmatizadas, racial e acerca da sexualidade (da mulher e de homossexuais). A presente pesquisa se interessou em selecionar os cinco memes que continham as características de humor propostas pela análise, e que contivessem diferentes aspectos que estigmatizassem certos grupos sociais, como será visto no desenrolar dos níveis de análise propostos por Herring (2001, 2012). Com o intuito de selecionar aqueles memes que tivessem aspectos diferentes de humor, e que por isso mesmo tivesse aspectos diferentes de estigmas, foram selecionados aqueles que tiveram maior popularidade, tendo como base de medida a soma do número de curtidas, comentários e compartilhamentos. O objetivo da seleção eram os mais populares, e que dentro da categoria de mais populares do mês de janeiro, tivessem características que apresentassem diferentes tipos de abordagem dos grupos estigmatizados, para que haja a compreensão dos diferentes tipos de violência socialmente estabelecidas que um meme padrão possa gerar.

**Quadro 3:** postagens analisadas com o número de curtidas, compartilhamentos, comentários e os grupos estigmatizados mascarados pelo humor dos memes.

	Imagem	Texto		 <sup>58</sup>	Comentários	Estigmas
Postagem 1		<b>Frase 1:</b> “Grátis”  <b>Frase 2:</b> “a palavra que faz pobre ter taquicardia de emoção”	4.837	6.100	471	- classe social (pobre)
Postagem 2		<b>Frase 1:</b> O autocontrole termina  <b>Frase 2:</b> Após você dar a 1ª olhadinha no volume	3.593	1.869	1.351	- gênero
Postagem 3		<b>Frase 1:</b> “Falar mal de mim é fácil”  <b>Frase 2:</b> “Quero ver vestir 36”	14.488	35.944	2.060	- gênero -estética

<sup>58</sup> Símbolo do “compartilhar” no Facebook

Postagem 4		<p><b>Frase 1:</b> Eu já falei pra tu menina</p> <p><b>Frase 2:</b> tem bolinho de chuva lá no forno, pega que tá gostoso, bem gostosinho</p>	909	693	120	<p>- racial (negro)</p> <p>-classe social (pobre)</p> <p>- grau de instrução (baixo)</p>
Postagem 5		<p><b>Frase 1:</b> A maldade</p> <p><b>Frase 2:</b> Está nos olhos de quem vê</p>	2.157	2.124	105	<p>- desacreditado</p> <p>-deficiente físico</p>

Das postagens apresentadas no quadro 04, algumas contêm mais de um tipo de estigma na linguagem discursiva, apresentando tipos diversificados de se abordar a violência. Na Postagem 1, que apresenta um estigma do tipo desacreditável – que pode ser manipulado e disfarçado- contra o pobre, além dela outras nove postagens no mês de janeiro continham o mesmo estigma reafirmado. Já na Postagem 2, onde os atributos negativos voltam-se para a mulher e o próprio homem, vistos como objetos, outras 15 postagens do mês continham as mesmas características. A terceira postagem apresenta igualmente a reafirmação do estigma da mulher como um padrão, confirmando também um tipo de comportamento e estética imposta pelos grupos sociais que é o padrão da beleza. Outras 13 postagens de janeiro também tinham alguma ligação com atributos positivos relacionados a grupos que se colocavam socialmente mais magros e esteticamente mais bonitos do que os estigmatizados, classificados como gordos. A postagem 4 apresenta diferenças de classe social e racial, tendo em vista que a linguagem visual não apresenta uma Diva, mas sim uma empregada negra, e o texto

contém erros ortográficos e informacionais que marcam a posição social da pessoa que fala através daquele discurso. Na postagem 5, e última, o estigma está diretamente ligado à linguagem visual construída através do meme, onde o estigmatizado é aquele classificado como desacreditado (Goffman, 2008), ou seja, aquelas pessoas que possuem um estigma mais aparente e difícil de ser mascarado.

Esses memes contém um discurso estigmatizador porque apresentam significados linguísticos enraizados na sociedade. Quem “fala” através do meme é uma Diva, rica, de poder aquisitivo alto e que por isso pode definir quem é menos do que ela, como o pobre, o negro, e até a própria mulher, desde que não ela. Como Hobbes (2006) afirmou, os sujeitos buscam as sociedades, às contraem, a fim de que algum lucro dessa vivência em sociedade possa vir através dessa condição. Quer dizer que, para Hobbes (2006), os seres humanos buscam as sociedades para que cada um possa receber alguma honra ou algum lucro de viver socialmente. Um destes lucros seria identificar no outro suas fraquezas, ou suas falhas, que, a princípio sequer existem, mas que são assim colocadas pelas estruturas de poder construídas socialmente. Se os estigmas, ou seja, se as expectativas que os grupos têm sobre outros grupos, se modificam a partir das relações sociais, essas mudanças, que podem se classificar como diferentes faces ou lados da violência, assim como suas representações, como foram apresentadas na tabela acima, estão enraizadas nesta cultura construída com o sentido de pertencimento a um grupo (Thompson, 2009; Eagleton, 2005).

Se colocar falhas no pobre, no negro, na mulher, ou no deficiente físico vai valorizar uma classe que não é considerada minoritária e que aparentemente não tem erros sociais, é uma violência velada, o discurso destes memes se apresenta com estes variados lados da violência sistêmico-simbólica, ou como estigmas perpetuados nos grupos sociais, vistos a princípio como humor, conforme notaremos no primeiro nível de análise de Herring (2001, 2012), e as técnicas de humor de Berger (2012).

### Postagem 1:



**Figura 7:** Meme da fanpage Diva Depressão

Conforme as opções de tipos de piada/humor propostas por Berger (2012) como “técnicas de humor”, todas as postagens exibidas neste trabalho apresentam um padrão de piada como uma padronização que identifica a página e seus criadores. Na postagem acima, as técnicas de humor utilizadas se encaixam em dois macro-padrões que utilizam a linguagem e a identidade para se fazerem representados. São elas: alusão (linguagem), exagero (linguagem), constrangimento (identidade), representação (identidade) e estereótipo (identidade). Para Berger (2012), alusão diz respeito a situações que zombam e legitimam aquilo que as pessoas sabem sobre determinado grupo social. “A alusão nos diz que podemos legitimamente zombar, e também o que as pessoas em geral sabem sobre o rico, o famoso, o poderoso, etc ” (BERGER, 2012, p. 22)<sup>60</sup>. No caso da postagem a linguagem em forma de alusão está presente porque redireciona o termo “grátis” para o termo “pobre”.

59

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=230796967055367&set=a.165682270233504.38178.165680880233643&type=1&theater> Acesso em setembro de 2013.

<sup>60</sup> “The allusion tell us what we can legitimately poke fun at and also us what people, in general, know about the rich, the famous, the powerful, etc” (BERGER, Arthur, 2012, p. 22)

O exagero, também uma técnica de linguagem usada no humor está presente na frase 02 “a palavra que faz pobre ter taquicardia de emoção”. O constrangimento, conforme Berger (2012) surge na comédia, no humor, porque geralmente quem produz o discurso humorístico se sente superior àqueles que foram motivos do embaraço. No caso da postagem percebe-se que há este tipo de humor também porque a imagem apresenta uma diva, de alguma forma se sentindo superior a uma classe mais desfavorecida socialmente. A representação em forma de humor fornece um comentário irônico sobre a natureza humana (Berger, 2012). Para o autor, as pessoas são julgadas não como elas são, mas sim por suas características pessoais óbvias, a partir do que as outras pessoas pressupõem. Neste caso a representação ou personificação acontece porque no discurso complementar da frase 01 e 02 o humor representa o pobre a partir daquilo que se convém acreditar. Já o estereótipo como técnica de humor é muito utilizado porque, conforme a avaliação de Berger (2012) é uma extrema simplificação e generalização de um ponto de vista sociológico da sociedade, daquilo que certos grupos enxergam. Notadamente a técnica foi utilizada para marcar o estereótipo de um padrão de uma classe social mais pobre.

### Postagem 2:



**Figura 8:** Meme da fanpage Diva Depressão

Nesta postagem as técnicas de humor conforme Berger (2012), que caracterizam a postagem como humorística, são: antes/depois (identidade), mostrando o

61

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=234720139996383&set=a.165682270233504.38178.165680880233643&type=1&theater> Acesso em setembro de 2013

antes de perder o autocontrole e o depois de perdê-lo, marcando uma forma de ser na sociedade, definição (linguagem), apresentando o sentido do autocontrole, embaraço (identidade) a quem recebe a piada, exposição (identidade), aspecto que está diretamente relacionado à sexualidade, representação (identidade), daquilo que o gênero feminino deve ser, assim como o masculino, e estereótipo (identidade). A linguagem visual complementa o sentido de humor criado nas técnicas apresentadas por Berger (2012), ajudando a denotar, quando analisada mais minuciosamente, o contexto machista e a força da violência de gênero presente na postagem que inicialmente faz rir.

### Postagem 3:



**Figura 9:** Meme da fanpage Diva Depressão

As técnicas de humor propostas por Berger (2012) utilizadas neste meme foram: alusão (linguagem), comparação (lógica), constrangimento (identidade), representação (identidade) e estereótipo (identidade). O padrão segue o mesmo dos demais memes e, neste a alusão é feita de modo a causar o embaraço, mas não uma dor explícita, zombando de quem não mantém certo peso considerado ideal das trocas conversacionais e nas relações de poder estabelecidas pela violência sistêmico/simbólica (Bourdieu, 1989; Zizek, 2009), comparando quem pode e quem não pode ter maior status devido ao peso ou a aparência ideal, ao padrão estético imposto e

62

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=233496030118794&set=a.165682270233504.38178.165680880233643&type=1&theater> Acesso em setembro de 2013

não estigmatizado apresentado pela frase “quero ver vestir 36”. As técnicas de humor fazem sentido a partir do momento em que dentro de uma mudança social os sujeitos que as absorvem conseguem entender o macro-contexto, evidenciando em seu entendimento que o número 36 corresponde a um padrão de corpo esguio e magro.

Para Berger (2012) a comparação envolve crítica. Neste caso a comparação se dá de forma mascarada entre quem tem o padrão imposto e quem não tem, quem vale mais por vestir 36 e quem vale menos por não vestir, ou entre quem sente inveja suficiente por quem veste 36 e demonstra isso em discursos citado pelo discurso do meme. A comparação pode ser bem agressiva, direta e até mesmo vulgar, onde a crítica pode ser explícita ou implícita. Aqui a violência, além de estética, é também direcionada à mulher.

#### Postagem 4:



**Figura 10:** Meme da fanpage Diva Depressão

Aqui as técnicas de humor utilizadas, conforme a tabela de Berger (2012) foram as seguintes: caricatura (identidade), porque demonstra uma das mais fundamentais técnicas de humor, que parte do princípio de comparação e contraste, mostrado aqui uma empregada caricaturada por sua linguagem e estética, excentricidade (identidade), porque apresenta algo normal, do cotidiano, como se fosse algo que merece destaque e que por algum motivo pode ser alvo de piada, ignorância (lógica),

porque pelo próprio texto apresentado denota-se que a piada serve para rir do ignorante, fazendo com que quem assume o papel de dono da piada se sinta superior ao alvo dela, representação (identidade), porque apresenta um pré-julgamento de como pessoas com determinada aparência devam se portar, e estereótipo (identidade).

A mulher negra representada como alguém de uma classe social pobre e que não tem um padrão linguístico na sua fala, é a atriz Hattie McDaniel, fazendo a ama de Scarletr O'Hara, no filme O Vento Levou. A atriz foi a primeira mulher negra de origem africana a ser indicada e ganhar um Oscar de melhor atriz coadjuvante. Ou seja, apesar de poder ser considerada também uma diva por seu contexto histórico, na postagem ela é colocada como um alvo de piada, porque se encaixa em vários grupos que permitem que o humor se faça sem que ele precise ser julgado.

#### Postagem 5:



**Figura 11:** Meme da fanpage Diva Depressão

Aqui a estrutura se modifica também para dar vez não há uma diva, mas um astro da música soul, negro e cego, chamado Ray Charles. As técnicas de humor utilizadas foram: embaraço (identidade), ambiguidade (linguagem), significando algo

menos sério do que realmente o sujeito se propôs a dizer, representação (identidade), e a técnica de desmascarar (identidade). O fato de o cantor ser cego e ser substituído no lugar da diva gera o humor justamente por sua condição física desacreditada (Goffman, 2008).

Em todas as postagens percebe-se que os enunciados são, ora condicionais, estabelecendo algumas condições e desafios aos sujeitos, e também imperativos, como em “quero ver vestir 36”. Os discursos dos memes trazem o leitor para a relação com o autor do enunciado, não apagando o agente, mas também o colocando em uma condição onde qualquer um pode ser esse agente, através dos enunciados. Essa condição é ainda mais visível no Facebook por causa das ferramentas curtir e compartilhar, onde a mesma imagem aparecerá no perfil da pessoa que executou a ferramenta, tornando-a esse agente. A estrutura das frases propriamente dita encaixa-se também num padrão, onde o primeiro enunciado é colocado sem o complemento que origina o humor, incitando a curiosidade e a saciando em seguida, já que o segundo – e algumas vezes terceiro – enunciado aparece como complemento estrutural do significado que será atribuído a essas sequências padronizadas de imagem e texto. Como cada sujeito usa a própria linguagem para se fazer entendido e para repassar significados na rede, o desenvolvimento social da rede do Diva Depressão é público, e para que estes sentidos sejam entendidos, Herring (2001) estabeleceu um segundo nível de análise.

**Sentido** - O segundo nível de análise da CMDA proposto por Herring (2001) diz respeito ao sentido, ao significado, e à intenção daquilo que é realizado ou posto no discurso. Em todas as postagens apresentadas na pesquisa o sentido continha a carga de humor muito forte, com abordagens diferenciadas, mas onde predominaram os macro-padrões propostos por Berger (2012) de linguagem, identidade e lógica. Estes macro-padrões correspondem, respectivamente, ao fato do humor ser verbal, existencial e ideacional. Em praticamente todas as postagens alguém ou um grupo é estigmatizado, enquanto outro se mantém intacto em sua forma de poder. Analisando de forma segmentada cada tipo de violência destacada no mês, cada uma delas tem atribuições de sentido diferenciadas.



**Figura 12:** Postagem 1 a ser analisada. Fonte: Diva Depressão.

Na primeira imagem, que categoriza o estigma desacreditável do pobre, ou seja, o estigma de uma classe social, acima, cria-se o sentido de que pobre aceita tudo e qualquer coisa que seja gratuita. Como se sua condição social não lhe desse nenhuma oportunidade e ele precisasse da condição dada a ele, conceituando-o como um pobre que se aproveita de situações destinadas a esta classe social. O fato de ser utilizado o enunciado “a palavra que faz pobre ter taquicardia de emoção” pode evidenciar que o sentido criado em torno deste enunciado apresenta um discurso no qual o dinheiro é visto como um atributo positivo na sociedade, e que quem não o tem o deseja, ou deseja obter algo, mesmo que gratuitamente, que possa elevar a condição social dos sujeitos. Este é um tipo de estigma atribuído aos desacreditáveis dentro da violência simbólica (Bourdieu, 1989), porque é possível manipular as informações sociais que serão repassadas aos outros. Ou seja, mesmo pobre, um sujeito pode disfarçar sua condição e pode passar a fingir que possui uma condição que corresponda às expectativas da sociedade.

Como já foi visto, os sujeitos são coagidos a serem e se representarem conforme as vontades do seu grupo social, para que não sejam estigmatizados. Como é a linguagem que define também o que é violento (Zizek, 2009, Bourdieu, 1989), os termos “grátis” e “pobre” juntos e relacionados têm significados atribuídos aos grupos

sociais que significam e criam parte da realidade a qual todos estão expostos. Como já foi discutido, a linguagem legitima a violência, e Zizek (2009) estabelece essa ligação da violência simbólica, ligada à linguagem, com a violência sistêmica, que se faz presente como um senso comum, onde o pobre só gosta e só pode fazer determinadas coisas a partir do momento em que elas forem de graça. O próprio termo “pobre” já vem carregado de significados atribuídos socialmente ao léxico existente. Sendo assim, eles são menos do que os outros grupos sociais, mas isso passa de forma despercebida porque com a carga do humor a tensão social é liberada e os sujeitos que estão estigmatizando o pobre e o conceituando como alguém menos do que os outros não se sentem tão violentos – pela legitimidade que dão na rede através das curtidas e dos comentários- daí a função social do humor (Bergson, 1983). Aqui o sentido do humor é construído em cima da Teoria da Superioridade (Berger, 2012), onde o rico vale mais que o pobre, mantendo o impulso conservador da piada, do riso e do cômico.



**Figura 13:** Postagem 2 a ser analisada.. Fonte: Diva Depressão.

Acima está a postagem referente ao estigma do gênero que foi mais disseminado no Facebook através das ferramentas de apropriação do próprio site, como o comentar, compartilhar e curtir. O meme acima cria – ou recria- o sentido da mulher submissa, que só tem interesse em homens e volta toda sua existência para ser coexistente a um ser do gênero masculino. A linguagem visual, onde a mulher está aos pés do homem, e seu olhar de desejo para ele, complementam o discurso apresentado no meme, afirmando que mulheres se interessam por homens como objetos sexuais, e que eles precisam satisfazê-las.

Apesar de poder ser visto como um meme não machista, mas sim feminista, a figura da mulher ajoelhada, submissa, e só se importando com a figura masculina que está em pé, demonstrando uma força maior que a mulher, apresenta o sentido discursivo no qual o meme é mais machista do que feminista. O termo “volume” se refere ao órgão sexual masculino, tratando da submissão da mulher em relação à sexualidade, dando ao homem novamente o destaque. A mulher apresentada na postagem em forma de meme é mais emocional, criando-se um discurso de que mulheres não tem tanto controle, evidenciado pelo léxico “autocontrole”, que termina, no meme, quando uma mulher se encontra com um homem.



**Figura 14:** Postagem 3 a ser analisada. Fonte: Diva Depressão.

Na postagem o meme caracteriza o estigma da estética, e o texto constroi a ideia de que os outros sujeitos “podem falar mal de mim”, mas que estes sujeitos, por falarem “mal de mim”, ou seja, da diva – no caso a diva Twiggy, - sentem na verdade inveja do seu tamanho 36. “Vestir 36” é um desejo muito almejado por quem fala mal da diva, que é aceita e tem atributos positivos na sociedade, não sendo estigmatizada simplesmente porque seu corpo se encaixa num padrão, e aqueles que a invejam provavelmente não. Aqui o riso remete à concepção de Bergson (1983), onde a imaterialidade do cômico é repassada às formas, e se as formas não correspondem a um padrão, no caso a magreza, ela se torna motivo de piadas. Berger (2012) afirma que no caso do humor as pessoas julgam as outras com base no que elas devem ser e, neste caso, não sendo elas magras, tornam-se estigmatizadas.

Para Aristóteles (2001), o humor representa as ações humanas mais baixas e, apesar de manter a tensão social num nível mais baixo, ela acaba sobrecarregando ainda mais estereótipos, os mantendo e mantendo os significados atribuídos às variações linguísticas e às apropriações dos novos modelos de comunicação na sociedade. No caso desta postagem a graça está definindo aquilo que a diva- e quem se assume como diva a partir do momento em que compartilha ou curte o meme- não é (Berger, 2012). Ou seja, quem assume o papel de diva não se coloca como gorda ou como alguém que não corresponde a um padrão de beleza e inveja quem corresponde. O numeral, ou a expressão “quero ver vestir 36” está carregada de valores simbólicos atribuídos às palavras (Zizek, 2009), criando essências que significam e estigmatizam. São essas essências e as formas de relação entre os sujeitos, as estruturas simbólicas que constituem o poder simbólico (Bourdieu, 1989), que ajudam a construir a realidade, uma realidade onde ser magro é uma atributo positivo e ser gordo não.

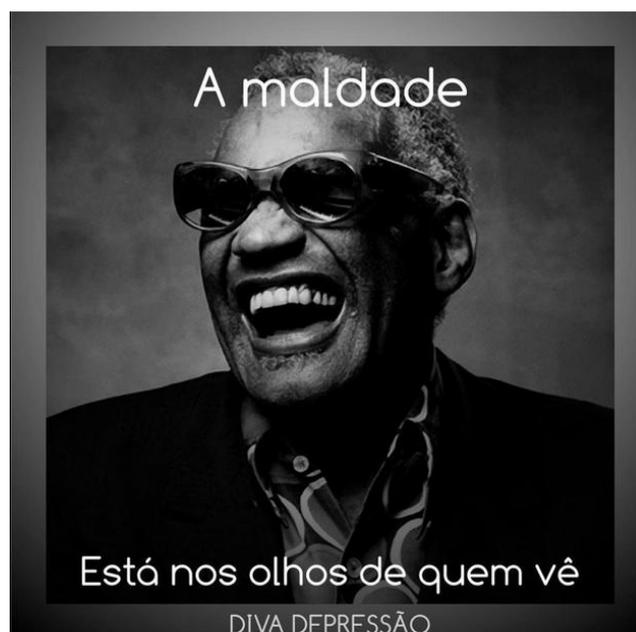


**Figura 15:** Postagem 4 a ser analisada. Fonte: Diva Depressão.

Aqui o sentido é construído tanto em torno da percepção visual do meme quanto da linguagem escrita. O meme apresenta uma mulher negra, diferente das outras postagens que contém uma diva branca e que apresenta um discurso escrito sem erros gramaticais, denotando uma ligação entre a aparência do alvo da piada, no caso a mulher negra, e sua forma de falar representada por uma escrita sem padrão. O uso do “pra” ao invés do “para”, e do “tu” no lugar do “você”, caracteriza que pode haver uma diferença cultural entre quem está emitindo este discurso para quem emitiu os demais discursos das postagens anteriores.

O fato desta mulher não ser representada por uma mulher branca, mas sim por uma negra, sem necessariamente estar num padrão de beleza imposto pelos grupos sociais, e que se coloca na posição de empregada, ao diferenciar ela da “menina” referida no discurso, o humor provoca o riso porque a linguagem escrita de forma errada gera riso. E o fato de ser uma personagem com diferenças físicas, o que conforme Bergson (1983) é um dos motivos pelos quais o ser humano ri, pelo diferente da forma, o humor se faz presente como que perpetuando as estruturas simbólicas colocadas, estipulando uma barreira entre quem é rico e pobre, negro e branco, fazendo que o pobre e o negro sejam motivo de risada. O meme apresentado reproduz uma imagem daquilo que grupos sociais podem conceber como parte do discurso colonialista brasileiro, no qual negros eram vistos como escravos.

Para Maffesoli (1987), estas estruturas se mantêm porque aqueles grupos que se sobressaem, que não são estigmatizados, são os que fazem as alterações no contexto histórico. Mas se a mutação destes regimes simbólicos (Lebrun, 2008) pouco se modifica e as estruturas, relações e trocas conversacionais se mantêm, os que se colocam em uma posição acima dos outros continuarão perpetuando a sua violência para manter o seu status social. No caso do sentido do enunciado, a graça também está em o bolinho de chuva estar no forno, quando na verdade o bolinho de chuva é frito. O sentido construído através do meme é a de que mulheres negras e conforme a imagem que a sociedade brasileira tem das roupas que alguém rico deve vestir, apresentando a mulher negra do meme com roupas mais básicas, que podem ser de pobres, ou seja, conforme a imagem que parte da sociedade tem do que é alguém rico, esta mulher do meme não está interada no padrão da norma culta, não se encaixa no padrão da norma culta de sua própria língua, sendo motivo de riso.



**Figura 16:** Meme com violência contra desacreditados. Fonte: Diva Depressão.

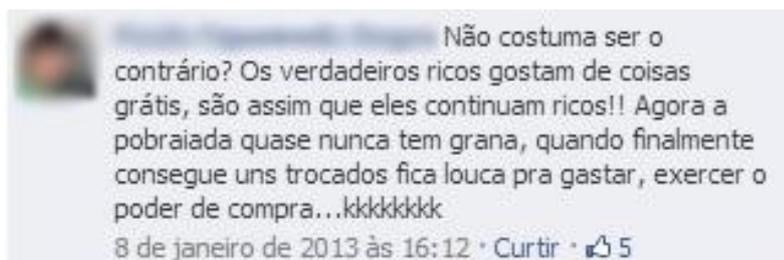
Nesta postagem o sentido é igualmente construído em torno do enunciado e da linguagem visual atribuída não a uma diva, mas sim a um cantor, negro e cego, Ray Charles. Apesar de todos seus atributos positivos e aclamados numa sociedade atual, por sua contribuição para a música, Ray Charles aqui é colocado como apenas um estigmatizado desacreditado, onde o atributo negativo é visível e a manipulação para escondê-lo não é tão fácil quanto outros estigmas. A partir disso, como explicou Goffman (2008), a sociedade ignora todos os outros atributos positivos que uma pessoa possa ter, neste caso, em prol da motivação do riso, do humor, que ajuda a liberar sentimentos hostis que os outros possam ter em relação a um grupo (Berger, 2012). O humor se apresenta nesta postagem, criando algo cômico, porque há o que Berger (2012) chama de violação do código, onde o inesperado surge tanto no enunciado quanto na linguagem visual, fazendo emergir aquilo que propriamente é humano, o riso (Bergson, 1983). Para os autores abordados no presente trabalho os termos cômico, humor, e graça funcionam como sinônimos.

Basicamente o humor é criado pelos sentidos de oposição entre as coisas, neste caso, entre a maldade e a bondade, entre o visível e não visível, entre o cego e o que enxerga, entre o estigmatizado que é motivo de riso e o que não possui atributos negativos tão expostos nas trocas conversacionais. As apropriações das ferramentas curtir, compartilhar e comentar acabam acrescentando ou recriando sentidos, que ajudam a perpetuar ou não o conteúdo das mensagens dos memes dentro das redes

sociais de cada usuário do Facebook. Esse nível de análise da CMDA por Herring (2001) vai ao encontro do que Primo (2008) afirma ao dizer que há muito mais interações que são não-verbais no ambiente online, mas que justamente pelo contexto delas, elas se tornam significativas. É o que o autor chama de deixas simbólicas, como por exemplo, o próprio curtir do Facebook, que faz parte do processo interacional entre os atores sociais.

**Interação-** As interações ocorrem por meio das trocas conversacionais na rede e das apropriações do curtir, comentar e compartilhar, que interferem e significam dentro de um contexto e para diferentes grupos da rede. Como já foi colocado na pesquisa, a ferramenta curtir tem essencialmente a função de legitimar aquilo que foi posto por algum usuário, fortalecendo a mensagem e aumentando a popularidade do usuário curtido. O curtir faz com que o usuário que criou a página tenha um capital social elevado no processo de interação e construção de sentido do discurso que carrega, assim como aumenta o capital social de quem curtiu por aprovar ou por estar inserido em uma rede onde a popularidade é grande. O que diferencia o contexto e as interações entre os atores sociais são justamente os comentários feitos nas postagens publicadas pela página Diva Depressão, que podem legitimar a violência sistêmico-simbólica através da graça e do cômico, ou que podem revogar a condição exposta no meme. Aqui, o terceiro nível de análise da Análise de Discurso Mediada pelo Computador (CMDA) será considerado a partir do número de comentários de cada postagem, apresentando aqueles que legitimaram a violência ou que a consentiram, assim como quem possa ter revogado o discurso do meme.

**Meme “Grátis, a palavra que faz pobre ter taquicardia de emoção”:** dos 471 comentários feitos, apenas 11 comentários demonstraram alguma aversão ao meme publicado. Entretanto, destes 11 comentários, seis foram estereotipando os ricos, afirmando que estes é que são os que realmente gostam de promoções ou coisas de graça, como em



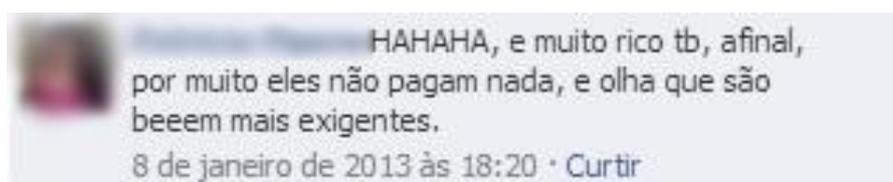
**Figura 17-** Comentário que propõe o oposto do que o meme está colocando na fanpage Diva Depressão.

Este comentário teve cinco curtidas, demonstrando que mais outras cinco pessoas concordam com o estereótipo velado dado aos ricos e legitima também o estigma do pobre, presente em termos como “pobraiada”. Outros comentários com a mesma intenção foram feitos, como em “*Pobre?! Sei não... Conheço uns ricos que não gastam um centavo, HAHA*”, que também foi legitimado por outras quatro curtidas, ou como no comentário abaixo, legitimado por três curtidas:



**Figura 18-** Comentário reafirmando a ideia anterior, de que ricos também gostam de poupar.

O ainda em:



**Figura 19-** Exemplo de comentário em que a pessoa também propõe a ideia de que ricos podem adorar a palavra “grátis”.

Nos enunciados, as pessoas que comentaram se isentaram do pertencimento a algum grupo. O fato de se fazer piada sobre os pobres, mais do que com os ricos, mostra que elas se sentem à vontade em estigmatizar essa classe, que não se importa em ter sua face desmanchada.

Outros dois comentários não continham a apropriação da linguagem oral repassada para o ambiente online demonstrando o riso, sendo tratadas, portanto, dentro daquele contexto, com maior seriedade. Os comentários assim foram:

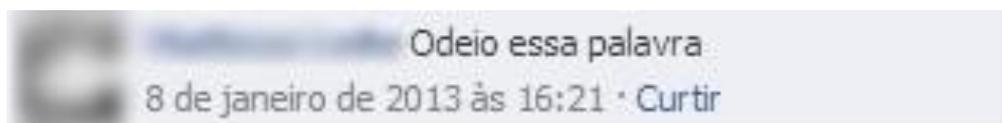


**Figura 20-** Comentário sem a presença da apropriação de risadas, demonstrando maior seriedade.



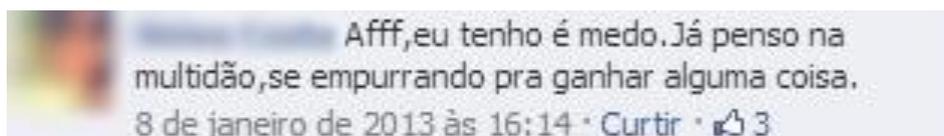
**Figura 21-** Comentário legitimado por dois sujeitos, demonstrando que há mais seriedade na linguagem devido a falta de risadas ou deboche.

Apenas o último comentário teve duas curtidas, apresentando menos legitimação do que os comentários discordantes, mas também com características de humor apresentados antes. Dos outros cinco comentários restantes, dois usaram o contexto a partir do entendimento de que eles eram a diva, e não os pobres, explicitado como em:



**Figura 22-** sujeito se coloca na posição de Diva, de emissor da mensagem.

No comentário da figura 22 a pessoa se refere ao termo “grátis”, e em:

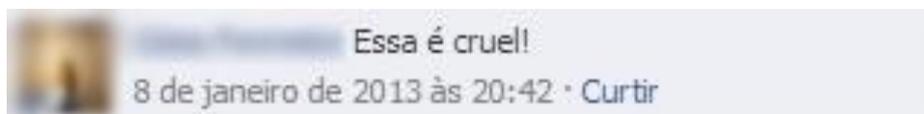


**Figura 23-** Comentário no qual o sujeito se coloca numa posição superior aos demais, concordando de forma irônica com o meme da fanpage.

A qual é legitimada por três curtidas. No comentário acima os usuários utilizam a carga de humor e da ironia para expressar algo que não vai exatamente contra o que está posto no meme, mas que pode inverter o sentido do que foi dito pelo contexto em que os comentários se encontram. O fato é que mesmo estes comentários se colocam numa posição superior a dos pobres, podem julgá-los e estigmatizá-los pela carga de humor. Os outros três comentários opostos à postagem foram:



**Figura 24-** Enunciado que expressa opinião contrária à proposta da postagem.

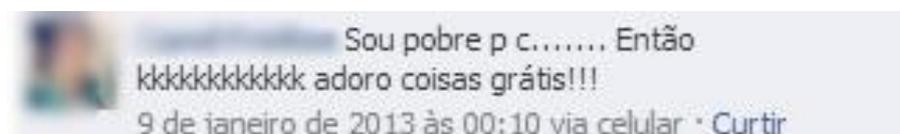


**Figura 25-** Assim como o comentário anterior, o comentário mostra que o sujeito não se identifica com a ideia da postagem.

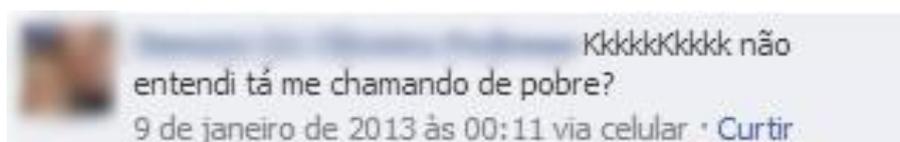


**Figura 26-** Com a apropriação do “kkk”, expressando risada, o comentário demonstra uma certa tolerância à postagem.

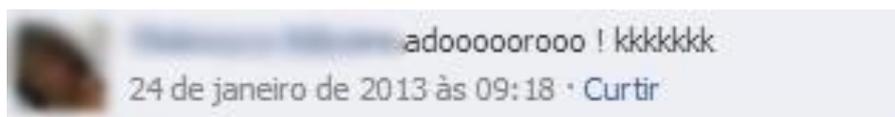
Nota-se que a apropriação do “kkkkk” na linguagem, para significar risada, ameniza o tom não existente das palavras, mas demonstrados nos outros dois comentários, mais carregados de seriedade pela falta do componente do riso, que traz para o contexto de legitimação do meme esse humor apresentado na postagem. O restante dos comentários é legitimando, apoiando ou parabenizando a ideia da postagem, acatando a condição de pobre estigmatizado ou apenas redirecionando a postagem para um usuário ao qual o sujeito tem um laço social mais forte e dentro de um macro-contexto deles a postagem ganha outros significados. Como exemplos dos comentários que legitimam a postagem há:



**Figura 27-** Comentário legitimando a postagem e se colocando no lugar do sujeito estigmatizado.



**Figura 28-** Comentário no qual o enunciado legitima a carga de humor que a postagem deseja passar.



**Figura 29-** Aliado à apropriação da linguagem utilizada na internet, com a risada é possível identificar que também há legitimação quanto a postagem da Diva Depressão



**Figura 30-** Usando uma expressão enunciativa que carrega o humor, o comentário também confirma a posição estigmatizadora proposta pela Diva.

As risadas expressas nos comentários fazem referências a outros universos culturais (Recuero, 2012) atribuídos e impostos antes da construção do presente contexto.

Vê-se que a linguagem visual, textual e dos símbolos legitimam a postagem, que classificam o pobre como uma classe estigmatizada. Estas estruturas de poder impostas e que fazem com que os próprios pobres, ou as próprias pessoas que são alvos do estigma aceitem a condição de serem estigmatizadas, acabam manipulando e criando ou mantendo certos preconceitos. O que muda são as ferramentas com as quais esses preconceitos são repassados.

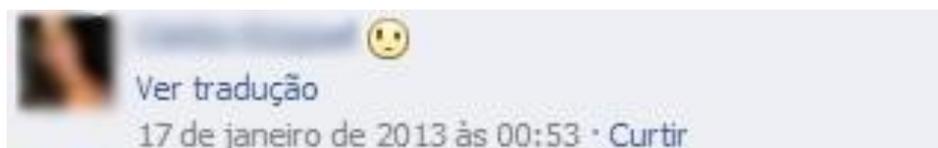
**Meme “O autocontrole termina após você dar a 1ª olhadinha no volume”:**

Dos 1.351 comentários, 182 foram de comentários do sexo masculino, os demais, femininos. Dos comentários masculinos apenas um mudou o foco da postagem, não a legitimando explicitamente, nem discordando, apenas contextualizando a linguagem visual para que a informação fosse agregada à construção simbólica em torno da postagem. Seu comentário, com quatro curtidas foi:



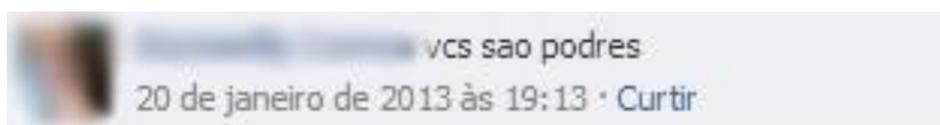
**Figura 31-** Comentário contextualizando o discurso da postagem através da imagem do meme.

O comentário do usuário mudou o contexto de entendimento da postagem, já que no filme a mulher também é vista como objeto, deixando isto evidenciado ao usar a expressão “*usar a mulher para caçar o bofes*”. Dos comentários femininos duas mulheres discordaram da postagem, se opondo da seguinte forma:



**Figura 32-** Emoticon demonstrando indignação.

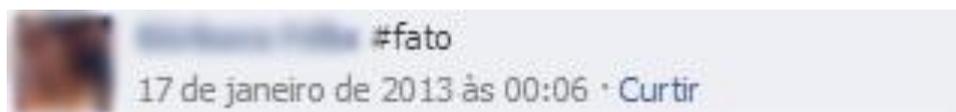
O comentário demonstra uma apropriação da linguagem da rede social online, a qual o emoticon, que são expressões que significam expressões faciais, demonstra choque ou surpresa. O outro comentário que se opôs a postagem foi:



**Figura 33-** Comentário demonstrando aversão à postagem e aos comentários que legitimaram o meme e se referiram especificamente a ela.

O comentário da figura 33 também é uma resposta a comentários masculinos que taggearam a mulher, fazendo referência a ela, afirmando que se lembraram da usuária ao verem a postagem.

A maioria dos comentários que legitimaram o discurso da postagem continha este tagging, onde a postagem era direcionada à linha do tempo de outras pessoas, fazendo-as interagirem também na caixa de comentários do meme do Diva Depressão. Uma das usuárias utilizou a apropriação da hashtag (#),



**Figura 34-** Comentário feito com a apropriação da hashtag por meio do símbolo "#".

que traz a linguagem do meio online para sua legitimação, enquanto que outras reforçaram o estigma ainda mais com comentários como:



**Figura 35-** Comentário reafirmando o estigma de gênero.

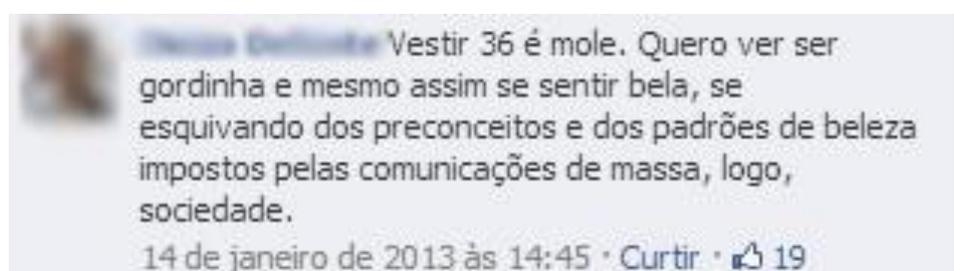
Alguns homens acharam graça no fato de muitas mulheres estarem concordando e comentando de forma aberta sobre a postagem. Um dos comentários diz:



**Figura 36-** Comentário masculino legitimando a postagem e estigmatizando a figura da mulher.

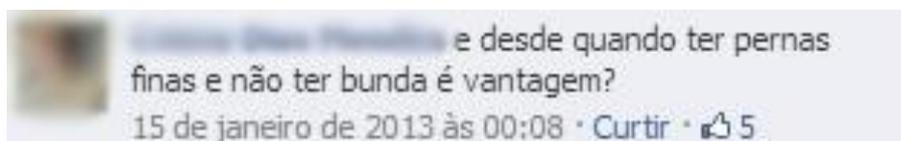
Muitos comentários masculinos também legitimavam a postagem, mas se colocando no lugar da mulher, como se eles fossem a diva interessada e submissa aos homens.

**Meme “Falar mal de mim é fácil quero ver vestir 36”:** Apesar do estereótipo de beleza mudar conforme o status que se deseja atingir, a magreza ainda é muito valorizada. Dos 2.060 comentários, 50 atores sociais não concordaram com o que foi expresso no meme da página Diva Depressão. Poucos são os comentários masculinos sobre a postagem, mas um deles comenta, também numa medida de contraviolência, tirando do cotidiano da violência simbólica e tentando tirar o estereótipo de que quem é magro é melhor. Essa imposição cria o sentido de que seja obrigação do gênero feminino obedecer a esse padrão estético. Um dos comentários masculinos diz:

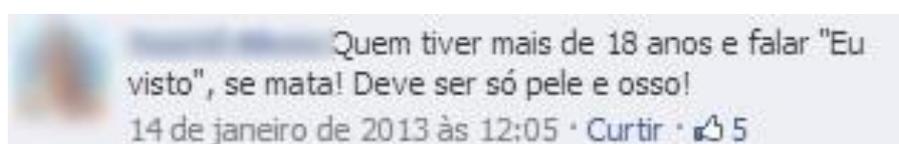


**Figura 37-** Comentário que não concorda com a postagem e trata o discurso de imposição da beleza com seriedade.

O comentário da figura acima teve 19 curtidas, que legitimaram e apoiaram a oposição do usuário à postagem da Diva Depressão. A maioria dos comentários que se colocaram em oposição à postagem citam seus tamanhos e afirmam se sentir bem com ele. Exemplos como:



**Figura 38-** Comentário se opondo à postagem e questionando os padrões de beleza. O comentário teve cinco curtidas que legitimaram o enunciado.



**Figura 39-** Comentário rejeitando o meme que prega uma beleza magra, mas em consequência estigmatizando pessoas magras demais.



**Figura 39-** Mesmo tipo de comentário da Figura 39, que rejeita e estigmatiza o corpo magro em prol de um corpo com curvas.



**Figura 40-** Comentário que discorda do meme proposto que impõe um padrão de corpo que causaria inveja.

Estes comentários estão entre aqueles que discordam do meme, mas que em contrapartida não são também julgados diretamente.

Entretanto, analisando as postagens dentro do contexto estabelecido por ela, em comentários assíncronos, percebe-se que há hostilidade entre quem veste o número 36, ou até menor, e quem veste acima deste número. Em um comentário que vai contra a postagem, desestabilizando o capital social da Diva e ferindo a face construída pelo grupo para manutenção da força social estabelecida por quem acatou de alguma maneira a postagem, outros usuários revidaram. Em um comentário como:



**Figura 41-** Além de discordar do discurso presente no meme a pessoa debocha daquelas que se vangloriam por serem magras.

Outra pessoa respondeu logo abaixo do comentário anterior com:



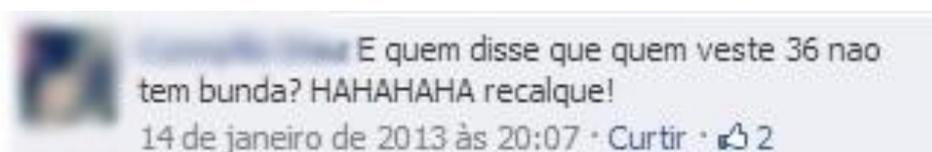
**Figura 42-** Comentário responde àquela pessoa que estigmatizou o corpo de quem é magro.

O comentário acima recebeu 12 curtidas, enquanto que aquela que se colocou contra a postagem não recebeu nenhuma curtida. Outro comentário, mais agressivo respondeu com:



**Figura 43-** Comentário mais agressivo em resposta a quem discordou da postagem da fanpage Diva Depressão.

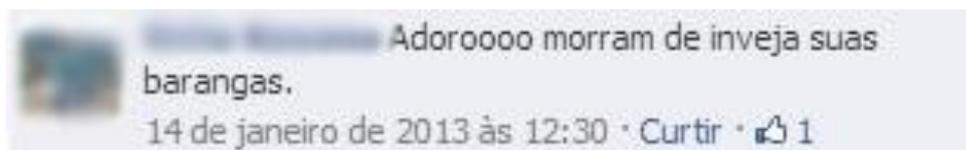
Os comentários positivos indicam que todos os outros que tentam levar a postagem ao descrédito não passam de pessoas invejosas, como em:



**Figura 44-** Respostas a quem discorda do meme reafirma que estas não passam de invejosas.



**Figura 45-** Legitimação da postagem e legitimação do comentário são evidenciadas através das curtidas.

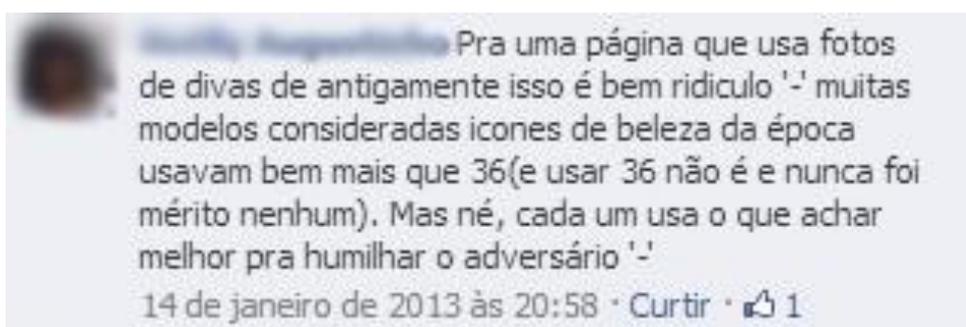


**Figura 47** - Risadas e enunciados debochados constroem a ideia de que quem não concorda com o padrão de beleza apresentado pela diva não passa de alguém invejoso.



**Figura 48**- Comentários tentam reestabelecer o capital social e desqualificar quem não legitima a fanpage ou o meme específico.

Outros usuários ainda tentam justificar o motivo pelo qual não concordam com a postagem, como no comentário:

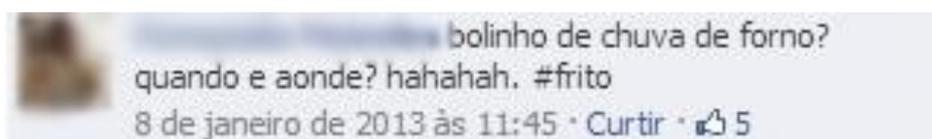


**Figura 49**- Comentário no qual a pessoa tenta situar o contexto no qual a própria página se situa e a ideia que passa, opondo-se, a princípio, à ideia de representação da própria página.

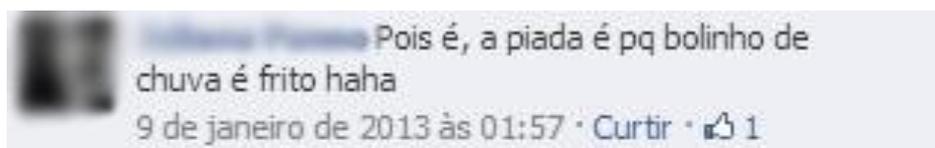
No comentário da figura acima a pessoa acaba sendo ignorada, tendo pouca legitimação, justamente porque, segundo a maioria, são pessoas, como as próprias postagens da fanpage Diva Depressão afirma, recalcadas. A troca de turnos em comentários destas postagens é assíncrona e podem ser retomadas sempre que houver uma curtida ou um comentário, e também um compartilhamento, permitindo uma maior buscabilidade e amplitude de debate sobre aquilo que se comenta.

Aquelas pessoas que se colocam contra, afrontando os estigmas impostos pela maioria, são vistas como pessoas que estão cometendo injúrias, porque não querem dar o direito do outro também expor sua opinião (Hobbes, 2006). Como no caso da violência sistêmico-simbólica, esse tipo de discurso é visto como parte do senso comum, como se fosse algo espontâneo e contraído pela sociedade, e não produzido por ela.

**Meme “Eu já falei pra tu menina, tem bolinho de chuva lá no forno, pega que tá gostoso, bem gostosinho”:** Dos 120 comentários feitos, seis colocaram comentários não discordantes, mas que não compreenderam muito bem a piada, enquanto que outros justificavam e a explicavam, como em:



**Figura 50-** Comentário onde a pessoa compreende o contexto do meme e responde de forma bem humorada à Diva, tendo cinco curtidas a partir de seu comentário.



**Figura 51-** Os sujeitos tentam retomar o sentido e o contexto da piada para que as demais pessoas possam compreender os motivos que geraram o riso por meio do meme.



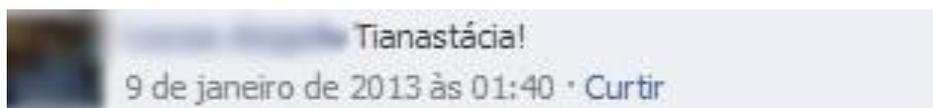
**Figura 52-** Comentário onde o sujeito tenta retomar o contexto e busca explicar que o enunciado da Diva não está certo.

Alguns comentários que não entenderam o contexto da interação colocaram:



**Figura 53-** Alguns comentários são de pessoas que não compreenderam o contexto ou o enunciado da postagem.

Outros confundiram a personagem da postagem com a Tia Anastácia, do Sítio do Pica Pau Amarelo:



**Figura 54-** Comentário que cria outro tipo de contexto para a postagem.

Um dos comentários comentou sobre o fato da linguagem construída em torno da imagem e do sentido do discurso ser algo de pobre:



**Figura 55-** Comentário traz o estigma do pobre para o contexto do meme.

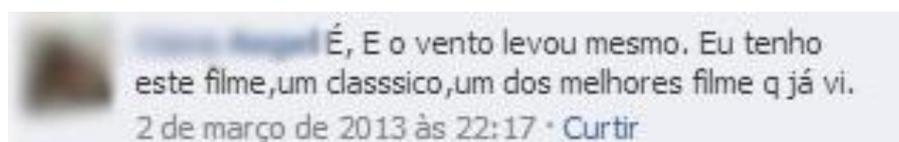
Este comentário teve uma curtida da pessoa a qual a outra redirecionou este meme pelo taggeamento, ato de marcar alguém num comentário. Alguns comentários também contextualizam aos demais de quem se trata realmente na imagem, como em:



**Figura 56-** Comentário traz o contexto do ambiente offline, situando os demais sobre a relação da imagem usada no meme e o próprio meme.



**Figura 57-** Outro comentário no qual o contexto offline traz novos significados à postagem da Diva Depressão.

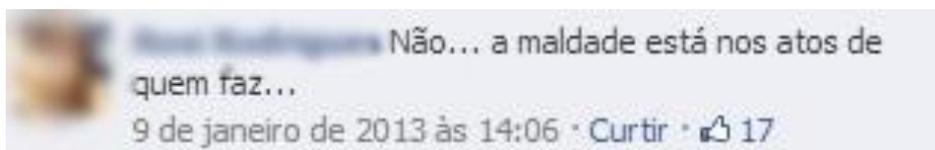


**Figura 58-** Mesmo tipo de comentário que as Figuras 56 e 57, onde o contexto se volta, desta vez, ao filme e não ao estigma que a imagem ajuda a carregar juntamente com o enunciado da postagem.

Nenhum comentário desfez a construção de parte da realidade imposta através da postagem de que uma pessoa sem ser diva, e, neste contexto classificada como pobre, negra, que não utiliza a norma culta da língua portuguesa, e que além destas

características pode ser considerada ignorante por sua dificuldade intelectual em saber diferenciar até mesmo um tipo de alimento e sua preparação, o que no conceito da diva caberia justamente a esta pessoa. Os demais comentários legitimavam o humor contido no meme através de risadas e direcionamento para outras pessoas, integrantes das redes de casa um. Mesmo aqueles que sabiam do que se tratava a imagem não viram como algum tipo de estigma o uso da personagem para designar este tipo de humor que destaca o ignorante.

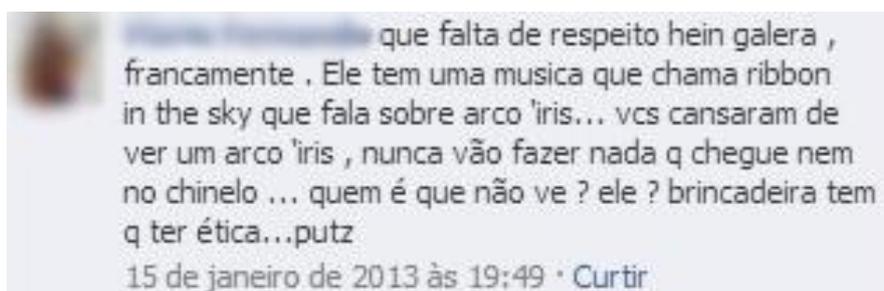
**Meme “A maldade está nos olhos de quem vê”:** dos 105 comentários feitos na postagem, nove destes não concordaram com a posição colocada pela Diva, apresentando embaraço e desconforto em relação ao tipo de humor utilizado para estigmatizar primeiramente uma figura pública relevante, e segundo, sua condição física aparente, o menosprezando e o rebaixando a apenas um atributo físico negativo. Alguns dos comentários que tentam desfazer a face positiva da Diva e dos que concordam com sua postagem dizem:



**Figura 59-** Comentário em que o sujeito não concorda com a carga humorística apresentada na postagem. Este comentário foi legitimado por outras 17 pessoas, por meio da ferramenta curtir.



**Figura 60-** Comentário em que o sujeito também discorda da postagem e tenta trazer um novo contexto aos comentários, deixando uma mensagem positiva.



**Figura 461-** Neste comentário o sujeito discorda e ressalta que brincadeiras precisam "ter ética", e fala de falta de respeito pelo alvo do humor ser um homem, que conforme é apresentado no meme, é cego.

Em outro comentário um dos usuários diz:



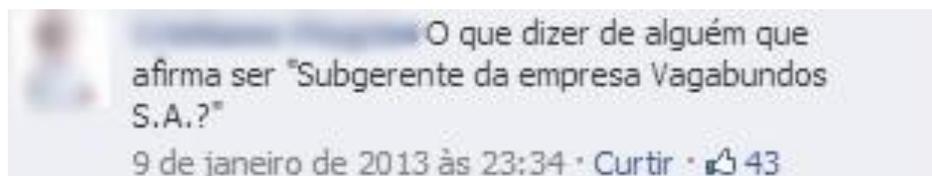
**Figura 472-** A pessoa que comentou não viu graça na postagem e considerou péssima a brincadeira. O comentário não recebeu nenhuma curtida.

Outra pessoa revidou ao comentário de quem “considerou péssima” a brincadeira e postou:



**Figura 483-** Pessoa questiona os motivos que levaram aquela que não concordou com a postagem a curtir a página de humor. O comentário teve 44 curtidas.

Há também aqueles que apoiam a pessoa que rebaixou a outra, como em:



**Figura 494-** O comentário refere-se à pessoa que fez o comentário da Figura 62, desqualificando-a perante os demais.

A qualificação dada à outra pessoa pelo sujeito da figura acima está no status social da pessoa que ficou contra o discurso imposto pela fanpage Diva Depressão. Entende-se, portanto, que a replicação das ideias culturais impostas pela sociedade já é tão bem aceita tanto pelos estigmatizadores quanto pelos estigmatizados, que aqueles que tentam alterar a ordem, acabam sendo na verdade aqueles que motivam uma tensão social, ao contrário dos que dão risada e acham graça na violência simbólica travestida pelo humor, que disfarça o ódio dos sujeitos um pelos outros e alivia esta tensão que cada um tem em contrair a sociedade para si (Hobbes, 2006). Os que criticam são ridicularizados e catalogados como pessoas sem senso de humor, reduzindo a influência que esta pessoa possa ter sobre outros atores sociais. Conforme Hobbes (2006) rir e ver no riso um motivo de alívio faz parte do lucro, ou da condição de se viver socialmente.

A interação, portanto, ajuda a construir o contexto, um dos principais aspectos para se compreender como ocorre o processo de trocas entre os atores sociais em caixas de comentários das postagens da fanpage. Outro aspecto interessante da interação são os redirecionamentos por meio de tags, de etiquetamento, com os nomes de outros usuários, como quando alguém quer direcionar aquela postagem a alguém que não curte a página ou que ocasionalmente não chegou a ver a postagem ainda. Esse redirecionamento aumenta a rede social da fanpage, trazendo a importância dos laços sociais fracos, que ajudam a agregar capital social à rede sem necessariamente manter uma conexão mais profunda, mesmo que seja uma rede de filiação (Recuero, 2009), mais estática, porque elas influenciam diretamente as redes às quais estão ligadas. Tanto esse redirecionamento quanto os próprios comentários que discordam das postagens, mesmo que sendo minoria, eles acabam propagando o discurso violento através das apropriações da linguagem que as ferramentas do Facebook proporcionam. Ou seja, mesmo não concordando com o meme, basta o sujeito comentar na postagem para que ela apareça na linha do tempo de seus amigos, e dos amigos de seus amigos, aumentando o número de contextos em que a postagem se dá e os diferentes significados e sentidos que são atribuídos por outros grupos que estão fora de seu alcance.

O senso de superioridade exposto nos comentários por aqueles que se colocam na posição de divas, ou o que a cultura brasileira convém chamar de divas, ou aqueles que não se colocam apenas como estigmatizados, fazem parte dos grupos que aceitam a coexistência mais ou menos pacífica que existe entre as pessoas. Essa forma de submissão por meio da linguagem, porque é na linguagem que a violência se apresenta, é o que Zizek (2009) chamou de alienação da vida social. A interação ajuda a manter essa alienação, assim como a construção plural de cada sujeito. Como o ambiente não é fixado no meio online, não há como especificar a situação comunicacional em que os comentários acontecem, influenciando diretamente no entendimento de cada sujeito nas postagens. Essas condições de interação influenciam no próximo nível de análise da CMDA, o comportamento social.

Nestas postagens analisadas o recurso de responder comentários dentro da caixa de comentários de cada postagem da fanpage ainda não havia sido disponibilizado

no Brasil, assim como o uso das hastags (#) para rastreamento de informações, como ocorre com o Twitter.

**Comportamento Social-** Como já foi apresentado até o momento na análise, há uma perpetuação de estigmas e imposição de uma violência sistêmico-simbólica nos memes, legitimada pela própria linguagem, mas considerada como de senso comum, violentando grupos já estigmatizados há mais tempo, como no caso da violência racial, violência estética, de gênero, de classe ou mais direta, relacionada à violência contra deficiências humanas e que levam ao descrédito. Todas as postagens foram propagadas na rede tanto por quem exerce esse poder simbólico de que fala Bourdieu (1989) e Zizek (2009), quanto por aqueles que são violentados, mas que acabam acatando a violência como algo normal, que é passível até mesmo de risada. Waizbort (2003) afirmou que a linguagem é utilizada para que o sistema de ideias seja repassado nas interações, e que ela mesma influencia na relação do sujeito com o seu ambiente. O espaço em que a propagação destes memes ocorre e a diversidade de contextos influencia a maneira como cada sujeito mimetiza a mensagem para si e repassa aos outros. Memes do gênero da fanpage Diva Depressão caracterizam-se como humorísticos e, este é um dos motivos pelos quais estes memes são replicados, porque são humor, não sendo merecedores de questionamentos.

As pessoas se apropriam da linguagem humorística, usando-a como uma válvula de escape, mas deixam de se apropriar da violência simbólica, aceitando o riso primeiro, deixando a reflexão para depois ou até mesmo a ignorando. O humor torna a situação tensa como algo natural, e que, por ser algo cômico, não deve ser debatido. Aqueles que tentam questionar estão ferindo a ordem aparentemente natural das forças sociais e das imposições de classes, e ferem também toda a face sustentada por determinados atores, desmontando a representação de um grupo e suas ideias conforme ela foi estipulada. Como foi visto, Bordieu (1989) ressaltou que a violência simbólica funciona com a manutenção de uma força das classes e dos comportamentos de dominação, onde os dominados não se percebem violentados. Só que além de legitimarem a violência presente nas postagens, os indivíduos deixam de lado sua identidade pessoal, mas assumem fragmentos de uma identidade que para as outras pessoas que tem acesso ao seu eu virtual, acabam formando sua própria face.

A ideia inicial do Facebook era aprimorar relacionamentos, conectar pessoas a diferentes contextos (Kirkpatrick, 2011) e, conforme seu próprio criador partia-se do pressuposto de que os usuários estariam comprometidos com suas próprias mensagens (Kirkpatrick, 2011). Ou seja, a responsabilidade de construção da própria face, suas representações e as representações de um grupo, assim como sua manutenção e legitimação, são responsabilidade daquelas pessoas que se apropriam das ferramentas e disseminam na rede opiniões que vão sendo agregadas a outras identidades fragmentadas e que vão formando ou fortalecendo construções simbólicas em torno de uma linguagem, sendo repassadas de cérebro para cérebro através da imitação. O ser humano, como disse Berger (2012), não para nunca de pensar, por isso há uma facilidade de se mimetizar as coisas facilmente, adotando certas apropriações como as ferramentas do Facebook e os discursos de suas fanpages sem necessariamente refletir sobre o que está sendo propagado.

Como foi visto, o humor pode regular a violência e funcionar como parte do ritual de interação e convivência entre os grupos sociais. A legitimação da violência presente nos memes de humor acontece pela quantidade de curtidas que comentários concordantes ocorrem, assim como pelas curtidas nos próprios memes.

Ao legitimarem esses discursos os sujeitos não percebem no outro eles mesmos, e daí as estruturas dominantes acabam distinguindo e estigmatizando alguns símbolos que, devido à alienação social, passam despercebidos. Essa reprodução acrítica destes memes, onde o que mais se faz é representar a risada, não representa às pessoas a dimensão que determinada postagem pode ter, seu alcance, suas interpretações. A representação de uma sociedade violenta, mas que ri dessa violência, amenizando-a, mas não fazendo com que ela desapareça, no ambiente online parece ser mais forte ao ser analisada, tanto pela buscabilidade quanto pela ausência de presença física dos sujeitos.

Alguns exemplos anteriores foram citados, aos quais as respostas àqueles que não concordaram com a brincadeira carregada de violência das postagens foram mais agressivas e diretas, recebendo o aval de outros usuários da rede. Essa representação mais violenta é facilitada por causa da falta de presença física das pessoas, a interação é entre computador- pessoa, mas em sites de redes sociais o software criado para expor as

redes acaba agregando simbolismos diversos aos discursos e aos memes presentes nele. Há, portanto, através dos níveis estrutura, sentido e interação, um comportamento social que acaba homogeneizando a linguagem, trazendo referências às pessoas, que reproduzem a violência, mesmo que não necessariamente a criem, e não havendo limites para o humor porque, basicamente, ele populariza o discurso, mantém certos rituais de interação, e amplifica a intenção de que aquilo que é dito com base no humor deve assim ser tratado.

**Comunicação Multimodal-** Herring (2012) incluiu em uma atualização de seu método de Análise do Discurso Mediada pelo Computador, incluindo a categoria “comunicação multimodal” nos métodos de análise, justamente por causa da web 2.0 e os novos ambientes do discurso que influenciam outros padrões e contextos de linguagem, onde as trocas conversacionais se tornam hipermidiáticas. Esta categoria busca compreender como ocorre essa convergência discursiva e as influências que a multimodalidade pode acarretar na legitimação das interações entre os atores sociais.

Como o Facebook é um site que expõe as redes sociais de seus usuários, permitindo-os se conectarem a outras redes, as mensagens e a forma como elas são repassadas são diferentes do que no ambiente offline. Como tudo está na rede e é público (Boyd & Ellison, 2007) o discurso tem buscabilidade, é atemporal, assíncrono (Recuero, 2009), podendo ser retomado, replicado e legitimado por um número infinito de usuários da rede. O contexto também se torna mais complexo porque os sujeitos tem mais conexões online, muitos laços estabelecidos entre os atores sociais são laços fracos, que não precisam de muita interação para se manter, e os sujeitos precisam se apropriar da linguagem criada e remontada pelos outros usuários para poder se fazerem entendidos. As interações são em grande parte não-verbais e por isso novos significados precisam ser atribuídos a símbolos criados nestas plataformas, como já foi explicitado anteriormente. No caso da fanpage, a rede é de associação, ou seja, mais estática, mas que ao receber as trocas entre os usuários também se torna emergente, sendo construída pela interação através das apropriações das ferramentas, que por serem mais limitadas precisam destas apropriações, disponíveis na rede.

O fato de não haver contato físico direto também não dá a noção exata das audiências que cada usuário ou cada página podem gerar em uma plataforma como o

Facebook, o que faz com que a propagação dos memes e das conversações se solidifiquem no site de rede social, permanecendo por muito tempo na rede e influenciando outros sujeitos e marcando fragmentos do eu que impactam em conversações ou rastreamentos sociais futuros. Como multimodalidade há o discurso escrito, as apropriações das ferramentas que criam significados, e as imagens que, juntas aos outros aspectos da multimodalidade auxiliam no contexto, mas também tornam mais complexa a interação, porque levanta novos significados aos símbolos visuais. Nas cinco postagens, as imagens agregam valor à violência simbólica mascarada pelo humor, como é o caso do “vestir 36”, onde a diva é a modelo Twiggy, considerada a primeira top model mundial, e reconhecida por sua magreza, sendo apelidada de graveto. A imagem desta diva reforça o estigma de que ser gordo, ou ser um pouco acima do peso almejado pela maioria é ser alguém desacreditado. O mesmo reforço acontece na postagem “O autocontrole termina após você dar a 1ª olhadinha no volume”, onde a imagem de uma diva aos pés de um homem não reconhecido, mas que, ao ser contextualizado sabe se tratar de um gay no filme De Repente no Último Verão, ganha novos significados, não tirando o sentido de que a mulher deve, em muitos setores da sociedade, ser apenas usada para outros fins. E, na postagem “já falei pra tu”, que traz a atriz com aspectos físicos típicos da raça negra e que reafirma o estereótipo do negro não ser bem aceito na sociedade através da imagem e do complemento multimodal do discurso escrito. Na última postagem analisada, a multimodalidade do texto junto com a imagem de Ray Charles, um cantor e pianista consagrado, mas que por ser cego acabou servindo de base do humor em uma das postagens da Diva.

Os memes analisados continham um ou mais tipos de estigmas, que, conforme Goffman (2008) fazem com que os sujeitos que têm atribuições diferentes daquelas que a sociedade espera, o que o autor chama de atributos negativos, são, então, um tipo de violência sistêmico-simbólica, porque impõe exigências a estes estigmatizados que eles não conseguem cumprir por não se encaixarem em regras e padrões pré-estipulados.

Os cinco memes analisados têm padrões estruturais e de significado que criam certos pontos específicos, relevantes para a análise, que convém serem destacados na pesquisa:

**a) Curto, logo legítimo-** a legitimação do humor mascarado pela violência através das curtidas acontece em todas as postagens analisadas. O ato de curtir consente o discurso presente no meme postado. Além de legitimar o que foi posto, o sujeito que clicou no ícone, que apropriado ao contexto do site significa aprovar, também se torna emissor do discurso violento, e não apenas receptor. Isto porque a interação do Facebook permite que aquilo que um usuário curta seja repassado na linha do tempo de todos os amigos da sua rede social. O ato de curtir, portanto, assim como o de comentar, ajuda a perpetuar o meme e o discurso contido nele. Até mesmo o ato de curtir a página, que mantém um padrão de postagens, também já ajuda a perpetuar os diferentes discursos presentes nela.

**b) É apenas piada-** muitos dos comentários que se mostraram contrários aos estereótipos apresentados nas postagens, foram rebatidos com veemência pelos outros usuários, que legitimaram explicitamente a postagem através do riso, agindo como se aquele humor fosse realmente do senso comum, e que, por ser humor, não deveria ser contestado de forma hostil por quem não concorda. Trazendo Arendt (2009), que afirmou que a violência é uma forma de obediência, as relações de poder e de coerção que estão presentes na realidade destes indivíduos que se representam num site de rede social acabam fazendo com que de forma obediente eles repassem estereótipos e repreendam quem os conteste. Como já foi explicitado, a cultura construída socialmente, está ao lado das classes médias que não se impõem de forma mais bruta contra os sistemas sociais (Eagleton, 2005). Hobbes (2006) disse que ao se discordar de alguém que tenha emitido algum discurso é como se o discordante considerasse o emissor um tolo, ofendendo-o. Ou seja, é melhor manter as estruturas da forma como elas se apresentam e classificá-las como parte do humor do que contestá-las, ser desobediente e até mesmo passar a ser alguém estigmatizado. Essa quebra do consentimento do humor violento também está ligada à polidez, porque para mantê-la é necessário ajudar a sustentar a representação de um grupo (Recuero, 2009), e quando isso não acontece não há polidez. Ou seja, essa característica também acaba funcionando como uma forma de repressão, de imposição de poder.

**c) A interação pode influenciar a legitimação do humor-** A interação entre os usuários, permitindo a interferência assíncrona dos sujeitos, pode influenciar diretamente a forma como eles se posicionam sobre determinada postagem. Se um

meme muito propagado, de uma fanpage com mais de 800 mil seguidores pode agregar à sua representação social na rede, ele curte a postagem para que seu capital social se eleve, porque ele será categorizado como alguém engraçado, inserido no contexto e que também não se coloca como alguém de uma classe inferior, como é o caso daqueles que foram alvo dos memes da fanpage Diva Depressão.

**d) Grupos minoritários como alvos-** As postagens analisadas continham violências já enraizadas na sociedade e o predomínio dos aspectos negativos de grupos minoritários. Apesar de se tratarem de divas, famosos ou ícones do cinema, da música e da arte de uma forma geral, o discurso continha técnicas de humor (Berger, 2012), como foram vistas, para que o alvo fosse o contrário daquele que estava exposto e assumindo o papel de sujeito autor do meme, como no caso da postagem da Diva Twiggy, ou assumindo o papel do estigmatizado como submisso, como que aceitando sua condição de ser passível de piadas, como no caso do meme de Ray Charles ou da ama negra do filme *E o Vento Levou*. Nestas postagens não há exatamente uma Diva, na concepção do que uma Diva se propõe na sociedade. Ou seja, não há um autor do discurso que se coloca numa posição acima dos seus receptores e, conseqüentemente, emissores do discurso, mas sim, um estigmatizado (Goffman, 2008) que se aceita como tal e que ri da condição imposta a ele pelas relações de poder e estruturas simbólicas formadas na sociedade, que dizem que ele precisa rir de si, mesmo que para isso ele precise se violentar.

A análise mostra que as características que demonstram haver um tipo de humor em cada postagem, conforme as técnicas de Berger (2012), correspondem à identidade, principalmente àquela identidade social construída pelos grupos e que definem como cada um precisa corresponder, em termos de face, no processo interacional, bem como à linguagem, atribuída também aos sentidos dados pelos seres humanos aos seus discursos. Cabe ressaltar que não apenas no caso dos memes com recursos visuais e um padrão semelhante ao da página Diva Depressão o humor se apresenta em sites de rede sociais. Ele está em atualizações de perfis, frases, emoticons e trocas conversacionais entre atores sociais específicos. A difusão desse humor estigmatizador se dá, nos sites de redes sociais, de forma mais dinâmica, com trocas mais abrangentes, em tempos assíncronos e num ambiente ao qual o capital social é levado em consideração porque a representação social de cada indivíduo está marcada,

porque ele deixa rastros digitais resgatáveis e que permitirão com que cada pessoa que tiver acesso a estes rastros os leve em consideração na hora de recriar para si a imagem do outro. O contexto das redes sociais online também se torna difuso, como foi colocado, e isso pode influenciar a maneira com que a postagem é abordada, especialmente nos casos de compartilhamento, onde a imagem tal e qual é colocada no perfil da pessoa que a reproduz, mas o texto que pode ser colocado acima do compartilhamento pode ser até mesmo contrário ao discurso colocado em forma de humor. De qualquer forma o estigma será replicado e, em uma nova rede social, que foge da rede de seguidores da fanpage, outros contextos, interpretações, e legitimações ou não do discurso deverão ocorrer. As apropriações das ferramentas disponíveis no ambiente são essenciais para que a linguagem se faça entendida e a comunicação ocorra de forma satisfatória, já que os sujeitos precisam sempre se apropriar simbolicamente da linguagem para interagirem. Logo, se dentro de um contexto social da rede, a fanpage é uma página de humor, ela será assim reproduzida pelos usuários da rede, a fim de que sua representação naquele espaço seja semelhante a dos demais, porque só assim ele se sentirá inserido dentro de um grupo social com atributos positivos.

No caso dos memes da fanpage Diva Depressão analisados são memes miméticos (Recuero, 2009), que são aqueles que mantêm uma estrutura semelhante, e são voláteis, porque não se enraízam por muito tempo no cérebro das pessoas. Entretanto, se o meme com sua estrutura não se enraíza, o discurso contido nele é repassado de cérebro para cérebro por um tempo maior, já que os demais memes da página, e são mais de 100 por mês, sendo que mais da metade possui a mesma estrutura dos memes analisados nesta pesquisa, apresentam características semelhantes a estes, onde o estigma do negro, da mulher, do pobre, do deficiente físico é sempre alvo do riso. Como já foi ressaltado, o estigma e a violência se impõem porque o pertencimento a um grupo com capital social alto é mais interessante para a representação social das pessoas do que o fato delas pertencerem a grupos ridicularizados. Portanto, a interação pode influenciar a maneira como cada um reage a uma piada porque talvez rir e aprovar sejam as vontades de seu grupo social, e para isso, se ri, fazendo com que o sujeito seja dominado pela linguagem do grupo.

Lebrun (2008) disse que os indivíduos cumprem determinados rituais para que a violência não predomine, já que apenas pelo fato de não se reconhecer na fala do outro

a própria fala a violência se dá, por isso o riso, o humor, é usado como essa válvula de escape (Berger, 2012). As estruturas que formam os sistemas simbólicos por meio da violência (Bourdieu, 1989) farão com que o indivíduo se anule na sua representação pessoal, naquilo que ele acredita ser, e fará com que todos passem a aceitar as representações sociais atribuídas a eles.

Para Zizek (2009), o fato de que através da linguagem se criam essências acaba fazendo com que o mundo tenha uma torção, fazendo-o perder a inocência. Ou seja, a linguagem é que reproduz e dá o tom da violência, são os sentidos estabelecidos nas relações que impõem discursos estereotipados e ameaças às faces das pessoas. Se para entender o contexto as pessoas precisam entender a linguagem do ambiente no qual interagem, o humor dialoga diretamente com as concepções estereotipadas e os estigmas que são criados para serem partilhados entre os sujeitos em suas interações. O fato de colocar palavras que são atribuídas a termos pejorativos ou a imagens pejorativas para designar o negro, por exemplo, se materializa na língua (Zizek, 2009), e a sociedade, por suas relações de poder, dará forças a estes significados (Zizek, 2009). Ou seja, o humor repassa aquilo que há na violência velada e a coloca para que as pessoas possam rir sem se compadecer do que estão rindo (Prata, 2012).<sup>65</sup>

---

<sup>65</sup> Documentário o Riso dos Outros, de Pedro Arantes. Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=uVyKY\\_qgd54](http://www.youtube.com/watch?v=uVyKY_qgd54)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se vê com a análise do discurso online de Herring (2001, 2012) aplicado aos memes da fanpage Diva Depressão, é que o comportamento social, aliado às multifuncionalidades das redes às quais as pessoas estão conectadas hoje, permite que o discurso se perpetue ou se modifique dependendo das próprias interações de cada ator social. Como Zizek (2009) disse ao esclarecer o significado para ele de violência simbólica, que estaria atrelada diretamente à linguagem, e que esta não andaria separada da violência sistêmica - essa sim composta pelas camadas sociais às quais cada pessoa se submete e aceita participar e, portanto, aceita atribuir significados aos discursos - a língua reage às condições que a sociedade impõe a ela. Ou seja, a linguagem visual junto com a linguagem verbal carregada de estereótipos e de palavras que são associadas a uma violência mascarada, disfarçada, assim o são porque a sociedade estipula ao discurso que assim elas sejam. Os termos utilizados nos memes analisados, que mantém um padrão humorístico, o da violência, assim como as imagens de negros, cegos e mulheres ora tratadas como divas, ora como submissas, são vistas assim porque representam preconceitos enraizados nas práticas sociais. Os estigmas perpetuados pela linguagem e pelas relações sociais acabam originando práticas de violência velada que dentro de um contexto acabam sendo vistas como necessária, já que há grupos que se beneficiam com estas situações, e grupos que, mesmo estigmatizados aceitam essa visão que os outros têm deles, sendo explicitados na e pela linguagem.

E é pela prática social que a linguagem pode se modificar e novas atribuições podem ser dadas aos termos, novos termos podem surgir ou as vítimas certas podem virar alvo de piadas. Como ficou refletido na análise, o que acontece é que a violência simbólica e sistêmica se complementam ajudando a perpetuar discursos preconceituosos através do riso e legitimando visões que são vistas como tradicionais ou conservadoras, mesmo num ambiente online, onde novas apropriações linguísticas são desenvolvidas para que a interação possa ocorrer dentro de determinados contextos. Se o humor proporciona que as pessoas possam rir da desigualdade do mundo desde que cada um não se sinta afetado, dentro do humor, por esta desigualdade, é como se o humor fosse,

como já foi colocado durante a pesquisa, mais como uma válvula de escape do que um discurso passível de protesto, de mudanças na sociedade. O que dá força às palavras é o uso que a sociedade faz delas, então cada termo tem uma intenção e uma forma que foi atribuída a ela, estipulando-a. E se o humor tem um alvo, no caso das postagens analisadas foram as minorias estigmatizadas, são grupos que são ridicularizados não só no humor, mas em outros discursos, enquanto que aqueles que têm um poder maior, como os brancos e ricos, são menos alvo de piadas.

Ao longo da pesquisa constatou-se que o riso é uma economia de gasto emocional, no qual as pessoas deixam de se sentir agressivas ou ter ódio do outro e extravasam esse ódio rindo dele, rindo da sua condição e mantendo-se afastado daquela minoria que o desagrada. Ao se analisar as postagens colocadas nesta pesquisa é comprovado que aquele que quer atingir determinada maneira divergente da colocada, da imposta pelos grupos influenciadores, acaba sendo menosprezado, porque o humor é visto como algo saudável e, como é preciso se falar a mesma linguagem, as piadas, os discursos acabam sendo produzidos a partir de valores ou estereótipos já prontos, o que diferencia é esta quebra que acontece pelo inusitado. Quem quer se voltar contra esse humor é visto como alguém que quer incomodar, e não rir junto, alguém que não se insere dentro da linguagem colocada pelos grupos de poder.

Concluiu-se que os memes da fanpage Diva Depressão legitimam sim o discurso do estigma e da violência sistêmico-simbólica, e que as trocas conversacionais ajudam a perpetuar discursos estereotipados muito semelhantes àqueles do ambiente offline. Mesmo com diferentes linguagens e contextos interacionais, as estruturas discursivas presentes nas postagens são semelhantes às já existentes nas relações de poder do ambiente offline, apesar da ausência física e concreta, apenas discursiva, dos grupos estigmatizados, denotando que a própria linguagem, aliada às estruturas sociais (Zizek, 2009) ajuda a manter certos estigmas e repassá-los a diferentes grupos. Os atores sociais, ao legitimarem o estigma que se trata, inicialmente, de humor, não percebem a violência contida nas postagens.

A violência sistêmico-simbólica (Bourdieu, 1989; Zizek, 2009) de grupos estigmatizados dentro da sociedade ainda permanece sendo repassada nos discursos linguísticos apresentados como forma de humor, mesmo em plataformas em que o

discurso poderia ocorrer mais livre, como em sites de redes sociais. Os sujeitos se dividem em grupos e escolhem legitimar aquele aos quais ele acredita não estar inserido ou que ele deseja não estar inserido, rebaixando os demais por meio da risada e da piada. As trocas conversacionais ajudam a perpetuar esse discurso violento assim como tentam deslegitimar os atores sociais que se voltam contra o discurso da violência simbólica. Ou seja, a função social do riso tem uma força maior do que aquela que se coloca contrária e que tenta modificar estereótipos repassados culturalmente a diferentes grupos e diferentes redes sociais. Apesar dos memes serem absorvidos e desaparecerem com maior rapidez das interações nos processos de trocas conversacionais no Facebook, a estrutura discursiva, que como pôde ser visto, também deve ser categorizada como um meme permanece, se solidifica e continua sendo repassada por novos memes, com novas características, mas significados e sentidos semelhantes. Os memes analisados são, portanto, uma forma de humor que legitima o discurso como humorístico, mesmo sendo violento, e que por sua propagação rápida alcança muitas redes em pouco tempo, fazendo com que mesmo aqueles que postem comentários negativos sobre a postagem, a divulguem e ajudem a perpetuar a violência.

As limitações apresentadas na presente pesquisa foram: o contexto em que a análise foi feita, já que como foi ressaltado ao longo da pesquisa, por não haver a presença física dos sujeitos as conversações podem ter interpretações diferenciadas, onde um comentário que parece sério pode na verdade estar carregado de ironia e não ser compreendido tanto pelos usuários analisados quanto pela pesquisadora. Como a intenção era a de buscar perceber se haveria a legitimação ou não dos seguidores em relação às postagens, e se elas seriam ou não muito questionadas, entrar em contato com esses seguidores, para que o contexto fosse retomado de forma mais fiel, acabaria também influenciando suas respostas. Além disso, como também já foi colocado anteriormente, as redes podem se constituir de interagentes mais frequentes ou menos frequentes das redes, o que implica que aqueles atores sociais que foram marcados nas postagens não necessariamente aprovem todas ou a maioria das postagens daqueles que seguem efetivamente a página. Outros tipos de humor, além dos memes ou das características próprias da página Diva Depressão não foram levados em consideração durante a pesquisa.

O presente trabalho abordou temas interdisciplinares que integram consequentemente a linguística e que podem influenciar diretamente na compreensão da importância da linguagem, dos léxicos, sentidos e atos comunicativos para a constituição da sociedade e suas formas de interação, influenciadas pela sintaxe, semântica, sociolinguística, entre outras áreas. Com o uso dos sites de redes sociais, compreender a linguagem da internet no tempo e as mudanças que o discurso, por meio dos enunciados e as apropriações de novas ferramentas que ajudam a recriar, influenciar ou sustentar estes discursos, pode ser válido para perceber as influências das plataformas no ato de comunicar dos sujeitos, que utilizam os sites de redes sociais para se representarem e que acabam alterando em parte a maneira com a qual o uso da linguagem é visto durante as interações, bem como a construção de parte da realidade de uma sociedade. É também através da linguagem e das mudanças dos léxicos, dos sentidos e das apropriações em ambientes onde a interação se diferencia do ambiente offline que novos entendimentos sobre a educação, a interação, a comunicação, novos traços culturais, a construção de um novo humor ou a perpetuação de tipos de violências aparecem. Com uma linguística onde o foco é a linguagem, e a interação dos sujeitos, novos discursos violentos e uma nova sociedade online podem ser evidenciados.

Como resultados da pesquisa, surgem questionamentos para futuras discussões, como os motivos pelos quais quem produz o humor violento o faz, que não foi debatido neste projeto. Quem produz o humor violento o faz porque seu público ri? E se o público ri seu capital social não aumenta? Como fazer com que a sociedade extravase sua raiva no humor sem utilizar os estereótipos que a faz rir? Os grupos e suas redes sociais que formam a sociedade são pouco exigentes ou os grupos de poder são mesmo tão influentes que fazem com que ninguém queira ser a minoria estigmatizada? Estas questões podem ser levantadas e futuramente pesquisadas como forma de aprofundar os resultados aqui obtidos, que dentro de um microuniverso de universo de análise constatou que um site de rede social, que também funciona como forma de produção e disseminação de informação, reafirma preconceitos, oprime e vitimiza grupos minoritários dentro de uma sociedade dividida pelas relações de poder.

## Referências:

- ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- ARISTÓTELES. **Arte Poética** (online). Disponível em: <http://livros.universia.com.br/2012/10/17/baixar-gratis-o-livro-arte-poetica-de-aristoteles/>
- BARNES, J.A. **This Week's Citation Classic® CC/NUMBER 23**- Barnes J A. Class and committees in a Norwegian island parish. Department of Sociology- Research School of Social Sciences. Australia: Australian National University, 1987.
- BENJAMIN, Walter. (1999) "**Critique of Violence**". In: Bullock, M. & Jennings, M. *Selected Writings*. V.1, Cambridge: Harvard University Press, 237 p.
- BERGER, Arthur. **An Anatomy of Humor**. New Jersey: 2ª edição, Transaction Publishers, 2012.
- BERGSON, Henri. **O Riso**: ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- BLACKMORE, Susan. O poder do meme. *The Skeptic* (EUA), 1997, 5 nº 2, p. 43-49.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.
- \_\_\_\_\_ (1986) **The Forms of Capital**. Disponível em: <http://econ.tau.ac.il/papers/publicf/Zeltzer1.pdf>
- BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. (2007). **Social network sites**: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(1), article 11, 2007. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. Volume I. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. São Paulo: EDUSP- Editora da Universidade de São Paulo, 1979.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- FONTANELLA, Fernando. **O que é um meme na Internet?** Proposta para uma problemática da memesfera. III Simpósio Nacional ABCiber - Dias 16, 17 e 18 de Novembro de 2009 - ESPM/SP - Campus Prof. Francisco Gracioso.
- GASTALDO, Édison. **Goffman e as relações de poder na vida cotidiana**. IN: RBCS Vol. 23 n. 68, p. 149-153, outubro/2008
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de Interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- \_\_\_\_\_ **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- \_\_\_\_\_ **A Representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- GRANOVETTER, Mark. **The Strength of Weak Ties**. *American Journal of Sociology*, Volume 78, Issue 6 (May, 1973), 1360-1380- edição de 2001. Disponível em: <http://sociology.stanford.edu/people/mgranovetter/documents/granstrengthweakties.pdf>
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HERRING, Susan (2001). **Computer-mediated discourse**. In D. Schiffrin, D. Tannen, & H. Hamilton (Eds.), *The Handbook of Discourse Analysis* (pp. 612-634). Oxford: Blackwell Publishers. Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmd.pdf>

- \_\_\_\_\_ (2012). **Cyber violence: Recognizing and resisting abuse in online environments**. Asian Women, 14 (Summer). Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/violence.html>
- HIKAWA, Luciana. **Estigma** - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/41475394/Estigma-Notas-sobre-a-manipulacao-da-identidade-deteriorada>
- HOBBS, Thomas. **Do Cidadão**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.
- \_\_\_\_\_ **Leviatã**- ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.
- KAUFMAN, Dora. **A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 23, p. 207-218, jun. 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/5336/7580>
- KIRKPATRICK, David. **O Efeito Facebook**- os bastidores da história da empresa que conecta o mundo. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2011.
- LEBRUN, Jean-Pierre. **Entrevista** (2009), disponível em : <http://www.cmceditora.com.br/entlebrunIHU220609.htm>
- \_\_\_\_\_ **O futuro do ódio**. Porto Alegre: CMC, 2008.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MAFFESOLI, Michel. **Dinâmica da Violência**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, Edições Vértice, 1987.
- MARCOTULIO, Leonardo; SOUZA, Sabrina. **A Teoria da polidez de Brown e Levinson aplicada ao português brasileiro: desafios e propostas**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/07.htm>
- MARX, Karl. **O Capital**- Crítica da economia política. Vol. I. Rio de Janeiro: 7ª edição, Civilização Brasileira, 1998.
- PRIMO, Alex. **Interação Mediada por Computador**. Porto Alegre: 2ª edição, Sulina, 2008.
- RECUERO, Raquel. **A conversação em Rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2012.
- \_\_\_\_\_ **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2009.
- RIBEIRO, J. Carlos. **Reflexos sócio-interacionais do uso da comunicação móvel**. Razón y palabra, ISSN-e 1605-4806, N°. 49, 2006. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2161346>
- THOMPSON, John. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.
- WAIZBORT, Ricardo. **Dos genes aos memes: a emergência do replicador cultural**. Episteme, Porto Alegre, n. 16, p. 23-44, jan./jun. 2003.
- ZIZEK, Slavoj. **Violência**- seis notas à margem. Lisboa: Relógio D'Água Editores, junho de 2009.

### Links:

Facebook: [www.facebook.com](http://www.facebook.com) Acesso de janeiro a novembro de 2013.  
 Brasil tem mais de 76 milhões de usuários:  
<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/08/1326267-brasil-chega-a-76-milhoes-de-usuarios-no-facebook-mais-da-metade-acessa-do-celular.shtml> Acesso em agosto de 2013.

Brasil é o segundo país que mais acessa o Facebook:

<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-facebook.html> Acesso em setembro de 2013.

Pesquisa sobre o comportamento de crianças e adolescentes com o uso dos sites de redes sociais: <http://www.apa.org/news/press/releases/2011/08/social-kids.aspx> Acesso em setembro de 2013.

Fanpage Diva Depressão: [www.facebook.com/DivaDepressão](http://www.facebook.com/DivaDepressão) Acesso em março de 2013.

Informações da fanpage Diva Depressão:

<https://www.facebook.com/DivaDepressao/info> Acesso em março de 2013.

Termo Rede social:

<http://www.iltanet.org/MainMenuCategory/Publications/WhitePapersandSurveys/Social-Networking.html> Acesso em julho de 2013.

A força dos laços sociais:

<http://sociology.stanford.edu/people/mgranovetter/documents/granstrengthweakties.pdf> Acesso em julho de 2013.

Meme “se acha que vai me conquistas só pagando bebidas- ACERTOU” :

[www.facebook.com/photo.php?fbid=363772280424501&set=a.165682270233504.38178.165680880233643&type=1&theater](http://www.facebook.com/photo.php?fbid=363772280424501&set=a.165682270233504.38178.165680880233643&type=1&theater) Acesso em agosto de 2013.

Fanpage Oi Linda: [www.facebook.com/OiLindona](http://www.facebook.com/OiLindona) Acesso em novembro de 2013.

Fanpage Cafajestando: [www.facebook.com/cafajestando](http://www.facebook.com/cafajestando) Acesso em novembro de 2013.

Fanpage Conselhos de Biscat: [www.facebook.com/ConselhosdeBiscat](http://www.facebook.com/ConselhosdeBiscat) Acesso em novembro de 2013.

Fanpage Hipster da Depressão: [www.facebook.com/HipsterDaDepressao](http://www.facebook.com/HipsterDaDepressao) Acesso em novembro de 2013.

Fanpage Depressiva da Depressão: [www.facebook.com/DepressivaDaDepressao](http://www.facebook.com/DepressivaDaDepressao) Acesso em novembro de 2013.

Fanpage Poser da Depressão: [www.facebook.com/PoserDaDepressao](http://www.facebook.com/PoserDaDepressao) Acesso em novembro de 2013.

Fanpage Classe média da Depressão: [www.facebook.com/classe.media.depressao](http://www.facebook.com/classe.media.depressao) Acesso em novembro de 2013.

Fanpage Coruja da Depressão: [www.facebook.com/CorujaDepressao](http://www.facebook.com/CorujaDepressao) Acesso em novembro de 2013.

Fanpage Cão da Depressão: [www.facebook.com/caodadepressao](http://www.facebook.com/caodadepressao) Acesso em novembro de 2013.

O que significa curtir algo: <https://www.facebook.com/help/110920455663362/> Acesso em agosto de 2013.

Fanpage Indiretas do Bem: [www.facebook.com/indiretasdobem](http://www.facebook.com/indiretasdobem) Acesso em agosto de 2013

Meme “gente que acha que causa inveja mas só causa pena”:

[https://www.facebook.com/photo.php?fbid=329534967181566&set=pb.165680880233643.-2207520000.1375723660.&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-b-a.akamaihd.net%2Fphotos-ak-frc1%2F995723\\_329534967181566\\_189958854\\_n.jpg&size=701%2C658](https://www.facebook.com/photo.php?fbid=329534967181566&set=pb.165680880233643.-2207520000.1375723660.&type=3&src=https%3A%2F%2Ffbcdn-sphotos-b-a.akamaihd.net%2Fphotos-ak-frc1%2F995723_329534967181566_189958854_n.jpg&size=701%2C658) Acesso em agosto de 2013.

Páginas de Humor (Globo.com): <http://ela.oglobo.globo.com/vida/paginas-de-humor-satirizam-depressao-em-temas-como-astrologia-artes-plasticas-10441244> Acesso em outubro de 2013

Loja Diva Depressão: [www.lojadivadepressao.com.br](http://www.lojadivadepressao.com.br) Acesso em outubro de 2013.

Twitter Diva Depressão: [www.twitter.com/diva\\_oficial](https://www.twitter.com/diva_oficial) Acesso em outubro de 2013.

Instagram Diva Depressão: [www.instagram.com/divadepressao](https://www.instagram.com/divadepressao) Acesso em outubro de 2013.

Blog Diva Depressão: <http://divadepressao.blog.br/livro/> Acesso em outubro de 2013.

Meme “gratis, a palavra que faz pobre ter taquicardia de emoção”:  
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=230796967055367&set=a.165682270233504.38178.165680880233643&type=1&theater> Acesso em setembro de 2013.

Meme “ O autocontrole termina após dar a primeira olhadinha no volume”:  
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=234720139996383&set=a.165682270233504.38178.165680880233643&type=1&theater> Acesso em setembro de 2013

Meme “ Falar mal de mim é fácil, quero ver vestir 36”:  
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=233496030118794&set=a.165682270233504.38178.165680880233643&type=1&theater> Acesso em setembro de 2013

Meme “ Eu já falei pra tu menina, tem bolinho de chuva no forno, pega que tá gostoso, bem gostosinho”:  
[www.facebook.com/photo.php?fbid=230685090399888&set=a.165682270233504.38178.165680880233643&type=1&theater](https://www.facebook.com/photo.php?fbid=230685090399888&set=a.165682270233504.38178.165680880233643&type=1&theater) Acesso em setembro de 2013

Meme “A maldade está nos olhos de quem vê”:  
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=231242007010863&set=a.165682270233504.38178.165680880233643&type=1&theater> Acesso em setembro de 2013

Documentário o Riso dos Outros, de Pedro Arantes. Disponível em:  
[http://www.youtube.com/watch?v=uVyKY\\_qgd54](http://www.youtube.com/watch?v=uVyKY_qgd54) Acesso em outubro de 2013.